



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Isabela Simm Stanga

**MINHAS NOITES COM DANTE: UMA ANALOGIA ENTRE A *DIVINA*
COMÉDIA DE ALIGHIERI E AS DESIGUALDADES CURITIBANAS**

**CURITIBA
2023**

Isabela Simm Stanga

**MIINHAS NOITES COM DANTE: UMA ANALOGIA ENTRE A *DIVINA*
COMÉDIA DE ALIGHIERI E AS DESIGUALDADES CURITIBANAS**

Projeto de livro-reportagem apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a responsabilidade do Prof. Dr. José Carlos Fernandes.

**CURITIBA
2023**



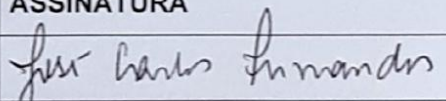
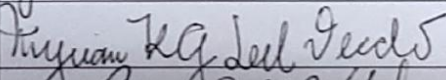
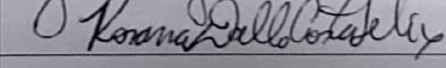
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

**AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ORAL DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO II**

ALUNA:
ISABELA SIMM STANGA - GRR20194946

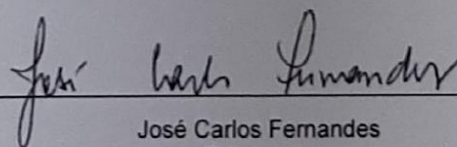
TÍTULO DO TRABALHO: "Minhas noites com Dante: Uma analogia
entre a comédia de Alighieri e as desigualdades curitibanas"

DATA E HORÁRIO DA DEFESA: 13/02/2023, às 15:00h

BANCA EXAMINADORA	ASSINATURA	NOTA
José Carlos Fernandes		100
Myrian Regina Del Vecchio de Lima		100
Rosana Dalla Costa Felix		100
MÉDIA FINAL:		100

Curitiba, 13 de fevereiro de 2023.

Assinatura:



José Carlos Fernandes
Orientador

A todos os meus familiares e amigos. Agradeço em especial a Ilda Maria, sempre minha maior incentivadora, que agora me acompanha à distância.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Inferno, de Sandro Botticelli (1480)	19
Figura 2 - Pier della Vigna, de Gustave Doré (1885)	21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fontes selecionadas para os perfis	53
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1. O INFERNO DE DANTE E A CAPITAL PARANAENSE.....	7
---	---

2 APROFUNDAMENTO TEÓRICO

2.1 DA VIDA E DAS OBRAS DE DANTE ALIGHIERI.....	14
2.2 SOBRE A COMÉDIA.....	16
2.3 A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO INFERNO.....	18
2. 4 INFLUÊNCIAS DA RELIGIÃO E CONSEQUÊNCIAS PARA A MORALIDADE.....	24
2. 5 AS DESIGUALDADES DE CURITIBA.....	27
2.5.1 A colonização brasileira.....	30
5.2.2 Paraná: ocupação, sociedade e economia.....	31
2.5.3 Negros, imigrantes e mulheres: diferentes histórias em Curitiba.....	36
2.5.4 Êxodo rural e metropolitanização.....	40
2.5.5 Planejamento de Curitiba e city marketing	42
2.5.6 Curitiba do século XXI	45

3 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

3.1 O FORMATO LIVRO-REPORTAGEM.....	47
3.2 O PERFIL JORNALÍSTICO.....	49
3.3 INSPIRAÇÕES FORMAIS E TEMÁTICAS.....	51
3.4 PROPOSTA DO PRODUTO.....	52

CONSIDERAÇÕES	55
---------------------	----

REFERÊNCIAS.....	58
------------------	----

1 INTRODUÇÃO

1.1 O INFERNO DE DANTE E A CAPITAL PARANAENSE

“Deixai toda a esperança, ó vós que entraís”. Esta é a inscrição que abre o Inferno, como descreve o poeta italiano Dante Alighieri em sua *Divina Comédia*. São palavras que quase podem ser ouvidas, de tão vívido impacto que despertam à imaginação. A obra vem estimulando interesse de críticos e leigos ao longo dos séculos. Ainda hoje está presente no imaginário social, por meio da literatura e do cinema — a exemplo do *best seller Inferno*, de Dan Brown, adaptado para as telas em 2016. Como é possível que esta história, escrita no século XIV, aflore tamanha impressão depois de tantos anos?

Provavelmente elaborada entre 1302 e 1321 e dividida em *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, a saga épica de Dante (cujo nome original é somente Comédia; o complemento *Divina* foi adicionado anos depois da publicação por Giovanni Boccaccio) narra a descida do poeta às profundezas do submundo, a passagem pela terra dos que buscam a redenção e, por fim, sua chegada à glória eterna. Em plena Idade Média, o autor escreveu a obra-prima com um grande objetivo em mente: fazer com que as pessoas se aproximassem de Deus, levando uma vida pura e santa, incentivadas pela perspectiva de redenção e também por medo dos castigos do Inferno. Este é o maior sucesso de Dante. Ele não só conseguiu mobilizar a população italiana do *Trecento*, mas desenvolveu uma narrativa que passou a integrar o imaginário social de maneira tão intensa que perdura séculos depois.

A obra, com mais de 700 anos de história, já despertou e ainda desperta a curiosidade de estudiosos estrangeiros e brasileiros, a exemplo dos historiadores Miguel Asín-Palácios (1871-1944), Otto Maria Carpeaux (1900 - 1978) e dos críticos literários Giorgio Agamben (1942 -) e Armindo Trevisan (1933 -). Além da linguagem e da formalidade poética escolhida por Dante, os pesquisadores se interessam sobretudo pelos episódios e pela narrativa que o autor escolheu para sua Comédia, que tratam de situações que ainda mantêm relações com a atualidade.

Ao pesquisar acerca do *Inferno*, há um comentário no YouTube que reflete a importância da obra para a contemporaneidade. Não identifiquei o usuário, mas

lembro de sua fala. “*Esta [a obra do italiano] é a fanfic¹ de maior sucesso da história*”. De fato, antes de Dante já existia a ideia de um mundo além-vida, imaginado na Antiguidade, porém não tão estruturado como ele o desenhou. Com base nos dogmas cristãos católicos, o poeta deu forma, topografia e até nomes para as instâncias infernais, intermediárias e celestes, que ainda estão presentes na imaginação das pessoas ao redor do mundo.

De acordo com a descrição de Dante, antes do Inferno propriamente dito existiria o Anti-Inferno, que reúne os indecisos, que não tomaram nenhuma causa em vida. Em seguida, estaria o Inferno em si, formado por nove círculos concêntricos, cada qual responsável por punir uma falha humana (do ponto de vista religioso): falta de batismo, luxúria, gula, avareza, ira e preguiça, heresia, violência, fraude e traição. Na obra dantesca, não somente o ambiente, mas também os pecadores ganham rostos, formas e descrições vívidas, a exemplo de Francesca da Rimini e Paolo Malatesta, no círculo da luxúria, e o Papa Anastácio II, no dos hereges.

Uma especificidade da obra — que não passou despercebida pelos estudiosos e críticos — é a presença constante da cidade de Florença, a cidade de nascimento do poeta. Embora o inferno de Dante esteja localizado sob a terra, abaixo de Jerusalém, sua ambientação é predominantemente florentina. Para compreender as influências da vida pessoal do autor em sua obra, é necessário adotar as perspectivas de *Dante-autor* e *Dante-personagem*, conceito utilizado por críticos como Genghini e Squarotti (2015). Este entendimento pressupõe a presença de Dante-autor em toda a construção infernal, a partir da escolha dos elementos e dos personagens da *Comédia*. O poeta enfrentou diversas desavenças políticas em sua cidade natal, o que resultou em seu exílio. Entretanto, nunca afastou Florença de seus pensamentos. Como consequência, figuras florentinas proeminentes de seu tempo estão presentes em seu *Inferno*, com destaque para suas inimizades políticas, tais quais Filippo Argenti, um de seus maiores inimigos, lançado no quinto círculo infernal (destinado a punir a ira).

Pode-se dizer, analogicamente, que o inferno dantesco seria em parte

¹ Fanfic ou fanfiction (ficção de fã, em tradução livre) é um termo utilizado para se referir a contos ficcionais escritos por fãs, que se inspiram em personagens, cenários e eventos de uma franquia existente. Neste caso, o usuário se refere à apropriação de Dante de elementos bíblicos e mitológicos para a construção de uma narrativa própria, a Divina Comédia.

Florença, uma vez que, como comentado, Dante construiu a realidade infernal de acordo com suas percepções e conflitos enfrentados na cidade. Tal qual descrito por Sponholz, “o conhecimento da realidade é sempre seletivo, **perspectivo** e construtivo” (p.122, 2003, sem grifos no original). Se suas experiências em Florença tivessem sido melhor sucedidas, provavelmente, características e personagens da cidade não seriam tão proeminentes em suas reflexões e, conseqüentemente, poderiam não estar na *Comédia*.

Assim como Dante teve como uma de suas inspirações conflitos decorrentes das disputas de uma **urbe**, as cidades de hoje poderiam, também, ser a ambientação de um inferno particular. Apesar da globalização e as novas tecnologias de informação transmitirem a impressão de que os cidadãos estão cada vez mais unidos, vive-se atualmente em **cidades do desconhecimento**, como defendido pelo antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini (2001). Cada grupo social se isola em si, tanto ideologicamente quanto fisicamente, por meio de condomínios fechados e equipamentos públicos de lazer restritos à classe média e às elites intelectuais. Cada qual em seu *círculo*, para utilizar a linguagem do italiano.

Curitiba, por exemplo, não está tão distante assim da Florença do século XIV. Embora a capital paranaense viesse a surgir cerca de 370 anos depois da escrita da *Comédia*, os dilemas humanos reportados por Dante em seu Inferno — as desigualdades, corrupções, traições e incontínuas — sempre estiveram presentes ao longo de sua história. Tal qual explicitado pelo cientista social Jessé Souza (2017), a desigualdade brasileira tem como origem a colonização europeia, que se baseou na exploração dos recursos naturais e na escravização dos povos originários e dos africanos trazidos nos navios negreiros. Desse modo, o Brasil, como nação reconhecida pelo resto do globo, já nasceu com base em uma desigualdade.

A exploração do **ouro** no litoral paranaense foi o que motivou os bandeirantes vindos da Capitania de São Paulo, no século XVII, a virem e a permanecerem no estado. Quando perceberam que a atividade não seria tão lucrativa quanto pensavam no início, os colonizadores se deslocaram para o Primeiro Planalto, ocupando a região que viria a ser Curitiba. Em 1693, foi fundada a Vila de Curitiba, onde viviam camponeses cujo sustento provinha da agricultura e da pecuária.

Anos mais tarde, o **tropeirismo** seria responsável pelo desenvolvimento do Segundo Planalto paranaense. Tendo em vista que a produção de minérios, no

século XVIII, passou a se concentrar na região sudeste do país, a Coroa Portuguesa estimulou a agropecuária em outras províncias, a fim de fornecer insumos à Colônia. Assim, o Rio Grande do Sul e Santa Catarina se tornaram pólos importantes de criação de gado, que passava pelo Paraná e era distribuído principalmente a São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Com a passagem dos tropeiros, cidades surgiram na região dos Campos Gerais paranaenses, as quais passaram a contar com comércio e produção agrícola para abastecer os viajantes. Curitiba também abasteceu as tropas, além de ser local de “invernadas” — locais que permitiam o descanso dos animais durante a estação fria para seguirem viagem em temperaturas mais amenas. Nesta época, os pilares da atividade eram o latifúndio, a fazenda, a família e os campos naturais. Dentro do latifúndio, subentende-se a mão de obra escrava: no século XVIII, a média era de 20 escravos por propriedade (SANTOS, 2001, p.32).

Ao tropeirismo seguiu-se a produção de **erva-mate**, ciclo econômico responsável por efetivamente promover o desenvolvimento da capital do estado. Com o enriquecimento dos “barões do mate”, Curitiba ganhou mansões construídas por arquitetos estrangeiros, bem como equipamentos públicos de lazer como o Passeio Público (que, apesar de público, era destinado sobretudo às elites). Enquanto as regiões mais altas da cidade passavam por uma transformação radical financiada pelo dinheiro do mate, com objetivo de figurar nos moldes europeus, a população mais pobre ocupava as zonas mais baixas da capital, os “charcos” que alagam com as altas do Rio Belém.

Durante a produção do mate, o governo paranaense estimulou a vinda de imigrantes europeus para o estado, com a intenção de suprir uma suposta falta de mão de obra livre para trabalhar na lavoura. Na realidade, existiam trabalhadores para suprir a demanda, uma vez que, graças à pressão abolicionista, pouco a pouco os escravos estavam sendo libertados. A ideia do governo era promover uma *política de branqueamento* no estado, para “consertar os ‘vícios de origem’ do contato com a escravidão” (RIBEIRO, 1888, p. 26). Nesta época, vieram para o Paraná sobretudo italianos, alemães, poloneses, ucranianos e portugueses.

Após uma série de crises econômicas mundiais, que afetaram os mercados consumidores da erva-mate paranaense, o produto deixou de ser o principal fator da economia do estado, sendo substituído pelo **café**. O cultivo partiu do excedente dos

agricultores de São Paulo, que procuravam novos espaços para o plantio cafeeiro. Em um primeiro momento se instalaram no norte e noroeste do estado, para depois alcançarem outras regiões do Paraná, entre elas a capital. Este período marca a segunda migração em massa de europeus para a região, estimulada pelas Guerras Mundiais e pela lavoura de café. Estes se estabeleceram em comunidades isoladas dentro da cidade, muitas vezes sem manter contato entre si e muito menos com descendentes de escravizados, e deram origem a bairros como Santa Felicidade (origem italiana) e Bigorrilho (origem polonesa).

Esta situação demonstra que a organização de Curitiba está pautada no **urbanismo ideológico**, como defende Henry Lefèbvre (1970). Um dos capítulos mais emblemáticos desta ideologia urbanística se fez presente nos anos 1990, na gestão dos prefeitos Jaime Lerner e dos demais administradores que o seguiram, os quais propagaram a imagem de Curitiba como “cidade modelo”. Desde o início do “Lernismo” uma década antes, foram realizadas reformas e inovações urbanas necessárias ao desenvolvimento acelerado da capital. A partir dos anos 1990, o discurso político de valorização de Curitiba se uniu ao *city marketing*, responsável por fazer propaganda da cidade em âmbito internacional, já que a capital seria uma metrópole “acessível para todos”, tal qual explica Sousa (2012, pág. 17). Os novos espaços urbanos foram, na verdade, pensados para as classes médias e elites, mas o discurso dominante não ressaltou estas desigualdades. Pelo contrário: até hoje existem cidadãos (da própria capital, diga-se de passagem) que acreditam no mito da “Europa brasileira” que seria Curitiba — como se o Velho Continente não tivesse também seus problemas sociais.

Não se pode deixar de ressaltar ainda a metropolização da capital, tornada centro de uma proeminente região, a Grande Curitiba. A partir dos anos 1970, não se pode falar em Curitiba sem considerar as cidades de seu entorno, que receberam imigrantes vindos do campo no século passado (graças ao **êxodo rural** causado pela mecanização do campo e do crescimento urbano acentuado), e, nos anos 2000, migrantes em busca de oportunidades nas indústrias que se instalaram nos municípios metropolitanos graças à **guerra fiscal** (OLIVEIRA, 2001, p.79). Pode-se dizer que as cidades periféricas concentram a população que não possui condições de se estabelecer na capital propriamente dita. Destacam-se, neste cenário, os imigrantes haitianos e venezuelanos vindos depois de 2010: ou estão em bairros

mais pobres, ou na RMC. Apesar de muitos desses municípios serem dependentes da metrópole, sem incentivos da administração curitibana, ficam à mercê de suas próprias políticas — que, em alguns casos, são insuficientes para atingir crescimento econômico e desenvolvimento social equivalente aos curitibanos.

Para retomar o pensamento de Canclini, o desconhecimento dos cidadãos com relação à realidade que os rodeia usualmente provém de uma atitude individualista, ressaltada pela sociedade de consumo, em que “cada habitante usa as zonas urbanas da cidade que necessita e tem conjecturas sobre aquilo que não vê e não conhece” (2001, p. 21).

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso, desse modo, é trazer Curitiba ao foco da discussão, a fim de aprofundar os conhecimentos sobre a cidade real, para além da idealização. Em analogia com a obra *Inferno*, de Dante Alighieri, Curitiba será o inferno a ser explorado com base na vivência de nove de seus cidadãos (cada um representando um círculo de punições dantesco).

Quem são os “pecadores” curitibanos e quais as diferentes realidades em que vivem? Ao buscar responder a este questionamento, meu **objetivo** foi fazer um panorama da capital paranaense a partir dos perfis de nove pessoas que habitam a cidade — e que passam por seus próprios infernos particulares. A modalidade escolhida para o trabalho foi o livro reportagem, por ser uma obra jornalística não ficcional com maior profundidade temática, que permite maiores aproximações com a linguagem literária. Já o critério de escolha das fontes teve como intenção não recorrer ao óbvio, mas a uma *ressignificação* dos pecados elencados por Dante, uma vez que o perfil é o de um estilo jornalístico que busca ser empático com o personagem. Por exemplo, em vez de acusar o perfilado (neste caso, a perfilada) de guloso, a gula é utilizada como gana, vontade de viver. Isso não quer dizer que a personagem não tenha as suas batalhas particulares, as quais são utilizadas para traçar o seu perfil, entretanto não se pretende reduzi-la a este único aspecto.

Assim como Dante-personagem, cada uma das personalidades selecionadas para este trabalho enfrentou provações de um inferno particular, para enfim encontrar alento em um “paraíso”. Curitiba, em segunda instância, é o plano de fundo de suas vivências, e é o que as une. Ao trazer histórias de homens e mulheres, pessoas pretas e brancas, idosos, todos de classes sociais e crenças diferentes, pretendo mostrar o cenário *diverso e desigual* da cidade.

O título “Minhas noites com Dante” brinca com a ambiguidade, já que o jornalismo literário (BERND e OLIVEIRA, 2021; COSSON, 2008) permite esse recurso. Todos os perfilados enfrentaram as suas próprias noites dantescas (uma analogia para os momentos de sofrimento intenso, de melancolia, de escuridão), bem como eu, que ao escrever o livro passei as minhas noites brincando de ser Dante.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Por meio de um livro reportagem de perfis, traçar o panorama diverso de Curitiba com base na vivência de nove habitantes da cidade — em analogia à obra *Inferno*, de Dante Alighieri.

1.2.2 Específicos

- Elaborar perfis de nove diferentes personagens de Curitiba, estabelecendo uma relação de cada um deles com um pecado punido no inferno dantesco.
- Mostrar, por meio das histórias coletadas, que a capital paranaense poderia constituir um inferno com características próprias.
- Expor de que maneira cada perfilado passa também por um inferno particular, sem, no entanto, reduzi-los a seus sofrimentos.

2 APROFUNDAMENTO TEÓRICO

2.1 DA VIDA E DAS OBRAS DE DANTE ALIGHIERI²

Para o crítico literário Armindo Trevisan, “um poeta só merece ser lido por seus versos inesquecíveis”³. Dante Alighieri com certeza é um deles. Mais do que retomar a poesia épica da Antiguidade, atualizando-a para a Idade Média, o autor ainda foi responsável por inovações estéticas e narrativas, tais como a criação da estrutura métrica baseada em estrofes de versos hendecassílabos em terça rima (ABA BCB CBC...YZY Z), conhecida também como *trezina dantesca*, e a incorporação de si enquanto autor, narrador e personagem principal da *Comédia*.

Nascido em Florença em 1265, o autor viveu em uma Itália sob influência da Igreja Católica. Desde jovem, esteve em contato com a leitura de filósofos antigos e escolásticos por meio de seus estudos de Direito (1287) e de Medicina e Artes (1291-1294). Além disso, obteve treinamento como militar e, em 1280, combateu por sua cidade contra Arezzo e Pisa, onde reinavam os defensores do Sacro-Império Romano-Germânico.

A política marcou a vida do autor italiano, tanto que ele a imprimiria firmemente em sua *Comédia*. Naquela época, a Itália estava dividida entre dois grupos: os guelfos, partidários do Papado, e os *gibelinos*, que defendiam o Sacro-Império. Entre os *guelfos*, porém, existiam duas facções, os brancos e os negros. Dante pertencia ao primeiro grupo, que defendia a não-intervenção do Papa no Estado; já os negros apoiavam a influência papal na política florentina.

Na época, a Igreja Católica Apostólica Romana pregava a ideia de um cristianismo universal centrado em suas mãos, como descreve José D’Assunção Barros. Enquanto religião oficial do Império Romano unificado — decisão proferida em 380d.C por Teodósio I por meio do Édito de Tessalônica —, a Igreja não encontrou problemas para a obtenção deste ideal. Porém, com a Cisma do Oriente e o estabelecimento de novos polos cristãos pela Europa (em que a Itália era peça-chave), tornou-se necessário ao Catolicismo Ocidental deter poder político, o

² Com informações de Saquarotti e Genghini, “Antologia della Divina Commedia” (2015).

³ Entrevista concedida ao jornal gaúcho GHZ em abril de 2021. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2021/04/autor-de-livro-sobre-a-divina-commedia-armindo-trevisan-defende-atualidade-da-leitura-do-classico-de-dante-que-completa-700-anos-ko38oziy007g018mrl7c4f40.html>>

que culminou nas disputas entre Império e Papado (BARROS, 2009). É neste contexto que está Florença no *Trecento*.

Em 1300, Dante seria eleito pretor da cidade por dois meses (tempo que durava o mandato), época em que enfrentou oposição por seu posicionamento político. Depois de os guelfos negros tomarem o controle de Florença, em 1302, o autor foi condenado à morte à revelia. Ele nunca mais voltaria para a terra natal, vivendo em exílio até falecer, aos 56 anos.

A política não se ateve apenas à vida pessoal do poeta, que inseriu personagens públicos e de seu convívio no *Inferno*, no *Purgatório* e no *Paraíso*. Por meio da fala destas personalidades, Dante colocou sua própria opinião sobre o povo florentino em meio à trama. “A verdade é que Florença é tema continuado no *Inferno*, ora evidente e ora apenas subentendido. [...] Assim, consente-se que o poeta cite a cidade, afrontando-a diretamente, sem dar livre curso à sua própria ira, mas usando das vozes de outros [personagens]” (CARETTI, 1955; *em tradução livre*).

Apesar de existirem disputas entre o poder secular e o religioso, a espiritualidade era um dos pilares da sociedade da Idade Média, sobretudo pela difusão do cristianismo na Europa, que considerava “pagãos” os povos que não viviam sob influência de Cristo (FERNANDES, 2020). Neste sentido, a Filosofia (considerada como a primeira das Ciências) equilibrava os princípios científicos e religiosos, permitindo que a ciência fosse responsável por explicar as obras de Deus. Como comentado anteriormente, Dante teve contato com filósofos escolásticos, tal qual Tomás de Aquino, e retirou de seu pensamento a inspiração para sua obra-prima, na qual defende que a **razão** deve ser suporte condutor para conhecer o divino.

Tal equilíbrio entre secularidade e espiritualidade não acontece, porém, somente na *Comédia*. Por exemplo, em seu *Convívio* (1304-1307), tratado político e filosófico escrito durante o exílio, o autor defende que os povos da Terra sejam governados apenas por um monarca, para que o “império terrestre” imite o “Reino dos Céus”, em que todas as almas são conduzidas por Deus.

2.2 SOBRE A COMÉDIA

A obra-prima de Dante foi nomeada por ele apenas como *Comédia* (nomenclatura que inclusive aparece ao longo do poema). A atribuição “Divina” foi adicionada por Giovanni Boccaccio em “*Trattatello in laude di Dante*”, livro publicado em 1477 e considerado uma das primeiras biografias do poeta florentino.

Escrita em língua vulgar (dialeto italiano falado na época em Florença), a epopeia narra a descida de Dante ao Inferno, a visita ao Purgatório e em seguida sua ascensão ao Paraíso, sendo estas as três cantigas nas quais se divide a obra. Cada uma possui 33 cantos, exceto o Inferno, que conta com 34, já que apresenta um canto de introdução a todo o poema; assim, no total, a *Comédia* se divide em cem cantos.

Entre as bases teóricas de Dante para escrever a obra, estão o anteriormente citado filósofo Tomás de Aquino, assim como influências de obras da Antiguidade, inseridas pelo autor diretamente no primeiro círculo do Inferno, onde estão as boas almas que viveram antes de Cristo e, por isso, não foram batizadas e não podem ascender ao Paraíso. Duas das inspirações mais explícitas são a *Eneida*, do poeta latino Virgílio, eleito por Dante como seu guia nas duas primeiras partes de sua peregrinação, além da *Odisséia*, uma vez que seus personagens estão localizados no Inferno.

Entretanto, a principal figura clássica utilizada pelo autor na construção da *Comédia* é Aristóteles, da qual o italiano herda a ideia de *justa-medida*, conforme explicado pelo professor do curso de Letras Italiano da Universidade Federal do Paraná, Ernani Fritoli (em entrevista concedida em abril de 2022). De acordo com a filosofia aristotélica, as três faltas humanas se dividem entre *incontinência*, a incapacidade de controlar as tendências naturais; *violência*, também chamada de *bestialidade*, a incapacidade do sujeito de controlar seus instintos animais; e *fraude*, a pior de todas as faltas, que é o uso da inteligência para cometer o mal. Dante importa a ideia de Aristóteles, adaptando-a ao contexto cristão. O Inferno, por exemplo, é separado em três partes, cada qual responsável por punir uma classe de pecado: *incontinência*, *violência* e *fraude*. E assim acontece também no Purgatório e no Paraíso.

Vale pontuar que a *Comédia* foi escrita antes do *Renascimento* artístico e intelectual italiano, que começou oficialmente em 1420, um século após a morte de

Dante. No entanto, por suas influências latinas, a valorização da racionalidade e pelo desejo de desvincular o governo do papado implícito em suas estrofes (que criticam uma variedade de figuras eclesiásticas), a obra provoca já uma reflexão epistemológica sobre a sociedade, que seria ponto de partida para os renascentistas propriamente ditos (VASCONCELOS, 2017).

No início do poema, Dante se encontra perdido em uma floresta obscura, sem esperanças de sair de seu tormento, até que localiza um monte iluminado pelos raios do Sol. Como explicam Squarotti e Genghini (2015), este primeiro momento é uma analogia para a vida de pecado, que corrompe a alma do fiel e impede que ele encontre o caminho de Deus (os raios luminosos).

Enquanto tenta chegar ao monte, o escritor é interceptado por uma onça, um leão e uma loba, que o impedem de seguir caminho. Desesperado, Dante pensa ser o fim, até que a alma do poeta latino Virgílio vem ao seu socorro. Segundo ele, a viagem que o florentino precisa realizar não é a morte, mas sim uma peregrinação ao Paraíso, passando primeiro pelo Inferno e pelo Purgatório, como desejado por Deus. Temeroso, porém grato pela missão divina, Dante então segue Virgílio até o Portão do Inferno, onde começa de fato a epopeia.

“Portanto, pra teu bem, penso e externo
que tu me sigas, e eu te irei guiando.
Levar-te-ei para o lugar eterno

*“Ond’io per lo tuo me’ penso e discerno
che tu mi segui, e io sarò tua guida,
e trarrotti de qui per luogo eterno;*

de condenados que ouvirás bradando,
de antigas almas que verás, dolentes
uma segunda morte em vão rogando

*ove udirai le disperate strida,
vedrai li antichi spiriti dolenti,
ch’a la seconda morte ciascun grida;*

e outros verás também que estão contentes
no fogo, na esperança de seguir,
quando que seja, pra as beatas gentes.”

*e vederai color che son contenti
nel fuoco, perché speran di venire
quando che sia, a le beati genti.”*

Inferno. Canto I (ALIGHIERI, 2019, p. 29).

Durante toda a narrativa, Dante-personagem não representa somente a si, mas toda a humanidade. Por meio da linguagem poética, a figura do poeta confronta os dilemas humanos através das punições infernais, refletindo sobre eles e, em certo momento, até se compadecendo dos pecadores, uma vez que também

conhece as faltas cometidas. Porém, da perspectiva de Dante-autor, a obra é um julgamento moral da sociedade, que estaria perdida e consumida pelo pecado, mas que possui a ida ao *Paraíso* como possibilidade de redenção.

A razão da viagem está no fato de ele, com a *Comédia*, propor uma redenção moral da humanidade, que via submetida ao apego dos bens terrenos e às paixões mundanas e, portanto, destinada à perdição eterna. [...] Desse modo, podemos e devemos, dizer que a *Comédia* é em essência um grande livro escrito para a salvação moral da humanidade, vale dizer para libertá-la, com a ajuda e a assistência da graça de Deus, do pecado que o poeta, cristão e crente absoluto, a via submetida (DISTANTE, 2019).

Como anteriormente mencionado, Dante realiza não somente um julgamento moral da humanidade na epopeia, mas também da sociedade florentina da Idade Média, do papado e dos conflitos políticos em que estava inserido. Como um jornalista, Dante-autor não coloca sua opinião, presente em outras obras como o *Convívio*, diretamente no texto da *Comédia* (fora as raras exceções em que lamenta o estado em que se encontra sua cidade natal), mas a insere na boca de seus personagens (REYNOLDS, 2007). O autor se utiliza da ferramenta descritiva, a fim de deixar seu relato o mais verossímil possível, como perceptível nas descrições das punições e das graças divinas e nos diálogos com as personalidades que encontra durante sua peregrinação, em que deixa escapar nas entrelinhas a sua opinião. O que também acontece com o jornalista, uma vez que é impossível atingir o ideal de objetividade completa: “O conhecimento da realidade é sempre seletivo, perspectivo e construtivo” (SPONHOLZ, 2003).

2.3 A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DO INFERNO

A primeira parte da peregrinação de Dante é a descida ao Inferno, descrito pelo poeta como uma fissura abaixo da cidade de Jerusalém em formato cônico, pois vai se afunilando quanto mais perto se aproxima do centro da Terra. Inicia-se nos Portões do Inferno, seguido de uma câmara, chamada Anti-Inferno, e mais nove círculos concêntricos, cada um responsável por punir um pecado diferente. No meio do último círculo, encontra-se Lúcifer, que guarda uma passagem subterrânea até os pés do Monte Purgatório.

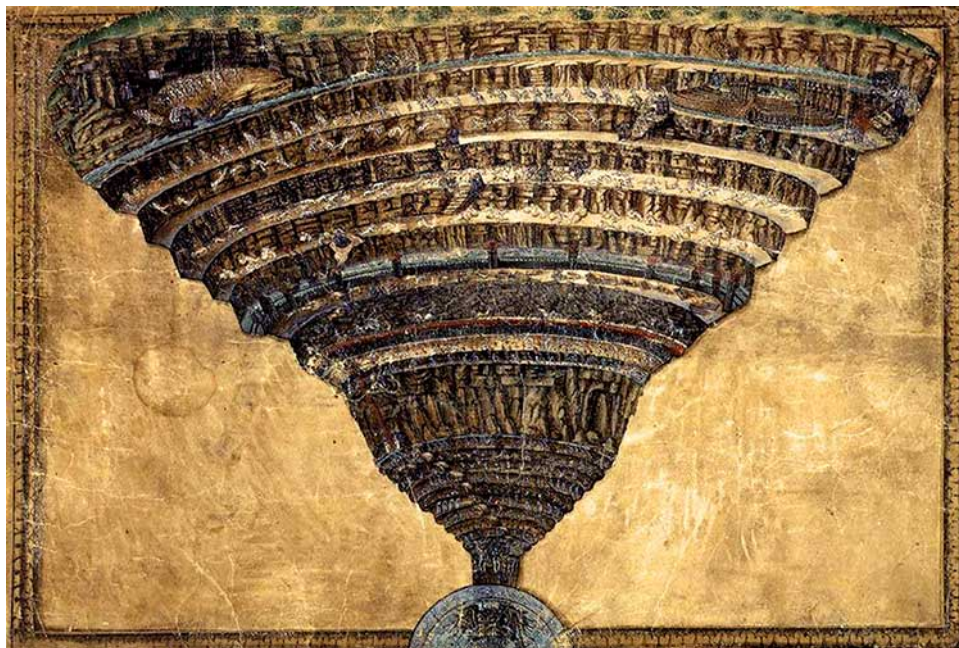


Figura 1. Mapa do Inferno, Sandro Botticelli, 1480.⁴

O método utilizado por Dante para designar as punições infernais baseia-se no *princípio do contrapasso*, conhecido também como a Lei de Talião (“olho por olho, dente por dente”). As penas para os pecados cometidos, assim, mantêm relação com as faltas cometidas pelos pecadores. Por exemplo, os luxuriosos são condenados a passar a eternidade carregados por fortes ventos, uma vez que, em vida, deixaram-se levar por suas paixões (GENGHINI, SQUAROTTI, 2015).

Inicialmente, o Anti-Inferno reúne cidadãos que, em vida, não escolheram um posicionamento, nem para o bem e nem para o mal. Sua punição seria correr nus atrás de uma bandeira indefinida, seguidos e picados por um enxame de vespas. Para Dante, a indefinição era a pior das faltas humanas, por isso os ignavos não mereceriam sequer um lugar no Inferno propriamente dito.

O primeiro círculo do Inferno em si se chama *Limbo*, uma vez que reúne boas almas, mas que não criam em Deus e/ou não foram batizadas em vida. Seu castigo não é exatamente uma punição como as demais, porém a sina de viver com angústia pelo desejo de ver a face do Divino.

Da segunda à quinta divisão infernal estão cidadãos que cometeram pecados classificados como *incontinência*. O segundo círculo reúne os luxuriosos, pecadores

⁴ Disponível em <<https://laparola.com.br/o-inferno-de-dante-alighieri>>

que não conseguiram conter suas paixões durante a vida. Como já exposto, sua pena é viverem carregados por uma ventania forte que nunca cessa, em contrapasso ao pecado cometido. É neste ponto que vivem Francesca da Rimini e Paolo Malatesta, dois cunhados florentinos que se apaixonaram e foram mortos por sua união e que despertam a compaixão de Dante-personagem.

Em seguida, o terceiro círculo abriga os gulosos, cidadãos que priorizaram o seu apetite acima de outras coisas. Seu castigo é passar a eternidade afundados em lama, enquanto cai sobre eles uma chuva gélida. Por analogia ao pecado, são condenados a se alimentarem do desgostoso lodo em que estão imersos. Os gulosos são vigiados por Cérbero, figura da mitologia grega que Dante transforma em demônio, com três cabeças animais e ferozes.

O quarto círculo é formado pelos avaros e pródigos, que mantiveram relações opostas com o dinheiro. Dessa forma, sua punição consiste em empurrar com o peito grandes rochas ao longo de um semicírculo; quando se encontram, os dois grupos repreendem-se mutuamente pelos atos em vida.

A seguir, encontra-se o quinto círculo, que reúne as almas tomadas pela ira e pela preguiça. Os consumidos pela ira submergem violentamente do pântano do Rio Estige, condenados a viver eternamente irados sem motivo. Os preguiçosos, por sua vez, estão submersos no pântano, permanentemente mortos à vida, à alegria e ao bem.

No sexto círculo do Inferno estão os hereges, que vivos não acreditavam nos dogmas da Igreja Católica, e os epicureus, que não criam na possibilidade de vida após a morte. Ambos os grupos vivem em sepulcros em chamas, e, para os epicureus, existe ainda a pena de serem cegos tanto fisicamente quanto espiritualmente (pois não conhecem o presente). Dante insere no círculo dos hereges figuras proeminentes de sua época, entre elas o Papa Anastácio II, considerado *monofisista* por acreditar que Jesus encarnado teria apenas uma natureza, a divina.

Dividido em três partes, o sétimo círculo engloba as almas que cometeram a segunda classe de pecado, a *violência*. Em sua primeira ramificação são punidos os violentos contra os outros, como homicidas, tiranos e saqueadores, condenados a se afogarem no Rio de Fogo, o Flegetonte. Se tentarem sair das águas ferventes, os pecadores são empurrados de volta por centauros (outra figura latina demonizada

por Dante). A segunda parte do círculo reúne os violentos contra si, os suicidas e os esbanjadores; os primeiros, transformados em árvores, são machucados pelas harpias, bestas metade humanas e metade águias (uma vez que, em vida, não valorizaram o próprio corpo); já os esbanjadores são perseguidos por cães famintos e insaciáveis. Por fim, a terceira divisão do sétimo círculo abriga os violentos contra Deus: os blasfemos, que desprezam a divindade e a ofendem diretamente (sua punição é enfrentar uma chuva de fogo de costas), os sodomitas (enfrentam o fogo correndo incessantemente) e os usurários (recebem a chuva sentados à beira do círculo com o brasão da família preso ao pescoço), os quais ofendem a Deus indiretamente por serem contra a natureza e o trabalho, respectivamente.



Figura 2. Pier della Vigna. Ilustração pertencente à coletânea **O Inferno de Dante**, de Gustave Doré (1885).⁵

Os oitavo e nono círculos punem a última e pior classificação de pecado, a *fraude*. Chamada *Malebolge*, a oitava divisão infernal reparte-se em dez partes concêntricas, chamadas *bolgias*, que conduzem a um poço, onde se localiza o nono círculo. Na primeira das *bolgias* estão os rufiões e sedutores, nus em filas opostas e

⁵ Disponível em <http://www.worldofdante.org/gallery_dore.html>

espetados por demônios. Na segunda delas, localizam-se os adúladores, mergulhados pelos diabos no esterco. Na terceira, os simoníacos, ou seja, vendedores de bens espirituais com objetivo de lucro; eles estão enfileirados um sobre o outro em buracos cavados no fundo e nas laterais da *bolgia*, com a sola dos pés consumidas por fogo. Na quarta repartição estão os adivinhos e as bruxas, chorando e movendo-se lentamente com as cabeças viradas para trás (o contrapasso por quererem saber o futuro — o que vem à frente — em vida). A quinta *bolgia* reúne aqueles que utilizaram seu poder, sobretudo político, para conseguir vantagens indevidas; são constantemente mergulhados e retirados do alcatrão fervente, pendurados em arpões dos diabos *Malebranche*. A sexta, por sua vez, abriga os hipócritas, que caminham carregando pesadas capas que por fora são de ouro, mas por dentro, de chumbo (o que expressa literalmente a diferença entre aparência e realidade). Já a sétima *bolgia* é aquela onde estão os ladrões, imobilizados e picados por serpentes, enquanto passam por contínuas metamorfoses que lhes roubam a identidade humana. Na oitava repartição se encontram os conselheiros fraudulentos, sobretudo políticos e militares, envolvidos por uma língua de fogo. Na nona divisão estão os semeadores de discórdia; em procissão, passam por demônios que cortam-lhes os membros do corpo a cada vez que trespassem seu caminho. Na décima *bolgia* encontram-se os falsários (de pessoas, de palavras e de matéria), punidos com doenças que devastam-lhes o corpo.

Finalmente, o último círculo do Inferno reúne os traidores, imersos em gelo e em prantos. Seu guardião é Lúcifer, que se encontra ao final do poço infernal. O círculo possui quatro divisões: em sua primeira parte, chamada *Caina*, estão os traidores da família, congelados até o pescoço; na segunda, nominada *Antenora*, localizam-se os traidores da pátria, dos quais as lágrimas congelam nos olhos; a terceira repartição chama-se *Tolomea*, onde estão os traidores dos hóspedes submersos de costas no gelo. A última parte, *Giudecca*, abriga os traidores dos benfeitores, imersos completamente no gelo — ali, os máximos traidores Judas, Bruto e Cássio são devorados por Lúcifer.

Como se pode perceber pela descrição acima apresentada, uma das características fundamentais da escrita de *Inferno* (e de toda a *Comédia*) é a riqueza imagética que Dante utiliza na construção da obra, desde os cenários até as

punições dos pecadores. Todos os detalhes são minuciosamente pensados e descritos com uma linguagem que preza mais pela construção de imagens do que pelo rigor estilístico. Inclusive, um dos recursos mais usados por Dante na escrita é a analogia, permitindo que o autor expanda a significação do que escreve pelo uso análogo de uma imagem.

Se a língua é polissêmica, a imagem é ainda mais enigmática (DEBRAY, 1993). A genialidade de Dante se concentra, porém, em conseguir expressar imagens a partir da linguagem verbal. A leitura da *Comédia* apresenta inúmeros detalhes pensados minuciosamente pelo autor, os quais disparam estímulos imaginativos para que o leitor passe a visualizar as cenas descritas. Birman (1996, p.56), baseado nas leituras de Barthes e Compagnon, descreve que o leitor de imagens “é surpreendido e desarticulado pelo impacto da leitura”. É este exato efeito que Dante consegue passar em cada novo detalhe sórdido de seu Inferno, por exemplo — o impacto não é menor pela imagem não estar *visualmente visível*, apenas imaginável.

Conforme Barthes e Compagnon (1987), em um processo de leitura, o estranhamento diz respeito à fase de reconhecimento (desconstrução do texto pelo leitor) e é seguida da compreensão, entendida como a construção de um novo texto segundo a interpretação de quem o lê. Após a suspensão, afirma Birman (idem, p.59), o sujeito passa a produzir sentido, articulando os fragmentos do texto (nesse caso, detalhes da imagem) em uma ordem “inventada” por ele (FERNANDES, 2011).

No âmbito comunicativo, Dante codificou sua mensagem – entendimento teórico aqui baseado no esquema de *codificação e decodificação* elaborado por Stuart Hall (2006) – de maneira tal que os receptores pudessem significar o conteúdo de modo mais aproximado possível de suas intenções, que envolviam despertar emoções. Dante queria fomentar o desespero, o medo pelo Inferno, a resiliência pelo Purgatório e o desejo pelo Paraíso, a fim de que a “sociedade corrompida” da Itália de então mudasse sua abordagem acerca da religiosidade.

Entretanto, como aponta o próprio Hall, o processo somente se completa com a interpretação pelos interlocutores. “Antes que essa mensagem possa ter um ‘efeito’, satisfaça uma ‘necessidade’ ou tenha um ‘uso’, deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada” (2006, p. 390).

Tal como descrito por Barthes, baseando-se em estudos semiológicos e linguísticos, as imagens carregam sistemas primeiros e segundos de significação. “Em Lingüística, a natureza do significado deu lugar a discussões sobretudo referentes a seu grau de ‘realidade’; todas concordam, entretanto, quanto a insistir no fato de que o significado não é uma ‘coisa’, mas uma representação psíquica da ‘coisa’” (BARTHES, 2006, p. 46). Existe, assim, o sentido primeiro de uma construção, que é expresso pela literalidade. A segunda significação é, porém, esta representação psíquica almejada pelo emissor mencionada pelo estudioso. Este esquema é essencial para entender a construção linguística de Dante, que extrapola suas medidas até o campo imagético.

2. 4 INFLUÊNCIAS DA RELIGIÃO E CONSEQUÊNCIAS PARA A MORALIDADE

A religião, assim como a política, é peça-chave para compreender a *Comédia*. Uma variedade de pesquisadores das Ciências Sociais busca compreender de que maneira a religiosidade influencia os comportamentos humanos, dentre os quais se destacam os clássicos Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Os dois últimos concentraram seus esforços no estudo da religião em aspectos econômicos: para Marx, ela era um elemento de alienação na luta de classes, o verdadeiro motor da História; já Weber investigou como a moral cristã reformista, ou seja, o protestantismo, possibilitou o surgimento do capitalismo, levando em consideração uma abordagem individualista deste fenômeno (COSTA, 2017).

Durkheim, por sua vez, procurou compreender a religiosidade como fenômeno social, uma vez que “os ideais sociais formam [...] uma consciência coletiva que existe independentemente das consciências individuais” (SONEIRA et al, 1996). Ainda segundo o sociólogo francês, a coesão social é o que permite a uma sociedade permanecer unida, fenômeno que acontece por meio da *solidariedade*. Neste sentido, a religião seria um dos mais importantes sistemas sociais de propagação de ideias e, conseqüentemente, de fortalecimento da solidariedade e da coesão social.

A religião, assim, é uma “coisa coletiva”, “um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas [...], crenças e práticas que reúnem numa mesma *comunidade moral*, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”

(DURKHEIM, 2000, p. 32, grifos meus). A partir do compartilhamento de ideias e de comportamentos, a religião possibilita manter a coesão social e a união entre os indivíduos, ou seja, manter o corpo social em funcionamento. “E mais do que isso, sua função social não é ajudar a pensar, mas sim a viver. Fazendo o homem atuar, ela lhe concede mais força para suportar as dificuldades da vida” (COSTA, 2017).

Como os demais cientistas sociais de seu tempo, Durkheim esteve preocupado com a “questão da modernidade”, tendo em vista que as mudanças provocadas pelo capitalismo industrial abalaram as estruturas sociais dos séculos XVIII e XIX. Para ele, o maior problema do mundo moderno seria a possível desagregação social em decorrência da divisão do trabalho (processo que nomeou como *anomia*) — e a religião teria algo a dizer sobre a problemática. Por isso, ela sempre teria lugar no futuro da sociedade. “Desta forma, trata-se de um problema de ordem moral, que deve ser contornado através da emergência de uma nova moral, mas que não seria composta pela religião, mas pelo Estado laico” (idem).

O que se sabe, porém, é que as religiões continuam tendo espaço na moral contemporânea, apesar das previsões de Durkheim. O catolicismo apostólico romano seguido por Dante permanece tendo grande expressão no Brasil e no mundo. De acordo com o Censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 64,6% da população brasileira era católica, seguido pelos evangélicos (22,2%), sem religião (8%) e demais expressões religiosas (5%).

No país, o catolicismo se consolidou enquanto influência social durante o período da colonização europeia, por meio do controle do ensino. Entretanto, com a laicização que se instaurou na sociedade brasileira a partir do movimento liberal, esse controle passou a ser prejudicado.

O catolicismo, até então detentor do campo educacional, sofreu um duro golpe com a laicização que se instaurou na sociedade brasileira através do movimento liberal e que ganhou corpo no cenário nacional. A separação entre Igreja e Estado ensejou algumas medidas com as quais as autoridades eclesiásticas buscaram recuperar a força da instituição católica. Tal processo impeliu introduziu no Brasil o movimento de romanização a fim de unificar os católicos e traçar diretrizes consonantes com o espírito romano. Essa unificação resultou, entre outras coisas, em uma proposta de solidificação da moral católica que sempre gozou de uma certa elasticidade na colônia portuguesa. (NASCIMENTO; ORLANDO, 2007, p.180).

Neste cenário, a Igreja buscou estabelecer uma “reforma pelo alto” mediante o estabelecimento de elites, o que provocou a implantação de uma rede de ensino católico em todo o país, sobretudo no Ensino Médio. Como pontuam Orlando e Nascimento (2007), a educação, que antes era o espaço predominantemente católico, adquiriu novamente a fertilidade para plantar os ideais, os valores e a moral religiosa.

Ao longo dos anos, as lideranças católicas apontaram como causa de todos os males a falta de instrução religiosa, que seria o remédio para curar a sociedade. O argumento foi utilizado inúmeras vezes para justificar intervenções da Igreja em diferentes setores sociais. Neste ponto, vale ressaltar que não somente o catolicismo, mas também outras religiões de cunho cristão realizam tais intervenções, a exemplo da Bancada da Bíblia no Congresso Nacional Brasileiro. Como artifício para promover a educação religiosa, a Igreja Católica organizou o anteriormente mencionado Ensino Médio cristão, assim como utilizou-se da mídia para promover seus processos de evangelização.

Em Curitiba, as redes de escolas secundárias Marista, Medianeira, Bom Jesus e Sagrado Coração de Jesus são expoentes do ensino católico “para toda a vida”, bem como a Pontifícia Universidade Católica do Paraná, comandada também pelo Grupo Marista. Conhecidas como “escolas tradicionais” da cidade, são instituições de ensino que atendem à classe média alta da população (ao menos as de Ensino Médio) pelo preço da mensalidade. Dessa forma, além do propósito cristão, acrescenta-se ainda uma nova camada de “exclusividade” e “prestígio” aos estudantes destes colégios.

Ademais, no âmbito de comunicação mediada, a capital paranaense é sede da Associação Evangelizar é Preciso, comandada pelo padre Reginaldo Manzotti, que conta com o portal Ide+ e as emissoras de rádio e de tv Evangelizar, bem como perfis nas redes sociais de cada uma das vertentes. A organização é exemplo de um polo de produção de conteúdo voltado aos cristãos católicos, com objetivo de evangelizar por todos os meios e fortalecer a fé (e, como consequência, a Igreja). Somando-se os perfis somente do Instagram, a Associação possui aproximadamente 1,220 milhão de seguidores⁶, os quais consomem os conteúdos produzidos pela empresa.

⁶ Levantamento realizado em 23 de janeiro de 2023.

Neste contexto, vale recordar que a moralidade religiosa está intrinsecamente ligada ao ideal do povo brasileiro construído desde a colonização, como explica Marilena Chauí (2001). Apesar das contradições apresentadas pela sociedade do Brasil, ela compartilha essencialmente a mesma mentalidade vinculada ao passado, chamada por Chauí de *mito fundador*. Este se constitui, de acordo com a autora, a partir de um *semióforo*, ou seja, um símbolo compartilhado que possui significação conjunta e transcendente, uma forma de “comunicação com o invisível” (2001, p.8).

Conforme Chauí, faz parte desta mentalidade a ideia do brasileiro como sofredor, trabalhador e também como um povo “de fé” (expresso pelo chavão “*Deus é brasileiro*”), construída por instituições que detinham o poder político e religioso nos primeiros anos de Brasil. “Chefias religiosas ou igrejas, detentoras do saber sobre o sagrado, e chefias político-militares, detentoras do saber sobre o profano, são os detentores iniciais dos semióforos” (CHAUÍ, 2001, pág. 10). Até hoje estes semióforos são reproduzidos no cotidiano social por meio de instituições educativas, culturais e midiáticas como as mencionadas acima, com objetivo de fortalecer a moralidade propagada desde a época colonial. Essa moralidade própria da religião cristã é um dos pilares essenciais de sua formação e reprodução.

Os elementos religiosos guiaram Dante dentro de um contexto específico, a cidade de Florença. Adotando a sua perspectiva, qualquer cidade poderia em si só constituir um Inferno com características próprias, tal como a capital do estado do Paraná.

2. 5 AS DESIGUALDADES DE CURITIBA

Curitiba, no imaginário social, é Cidade Verde, Cidade Modelo, um lugar para passear e viver bem. O próprio *site* da prefeitura municipal apresenta a capital enquanto “destino ideal para quem quer relaxar, passear, ler e curtir a natureza”⁷. É a cidade do Jardim Botânico, dos ônibus ligeirinhos, do Ecoville (nome-fantasia do bairro Mossunguê) e dos parques.

Os curitibanos das classes média e alta costumam se gabar que é uma cidade “parecida com a Europa”, talvez a mais parecida no Brasil. O que nem sempre é discutido é que estas semelhanças com o continente europeu são fruto de

⁷ Disponível em <<https://educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-cidade-verde/19360>>. Acesso em 16 de abril de 2022.

inúmeras formas de colonização na região, construídas à base da **violência**, tanto simbólica quanto física. Desde o surgimento como Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, em 1693, passando pelos ciclos do gado, do mate, da madeira e do café, Curitiba convive com a desigualdade social. Ao longo de tantos anos de história, esta desigualdade se enraizou na sociedade curitibana, assim como a exclusão social se naturalizou na vida brasileira, que se iniciou nos processos de colonização e de escravização dos negros africanos e dos indígenas, além da imigração de inúmeros povos europeus, e permanece até hoje dividindo os cidadãos brasileiros entre “ralé” e “elite”, para usar os termos do sociólogo Jessé Souza.

O que está implícito na ideia de “Curitiba cidade do futuro”, *slogan* amplamente divulgado por meio de estratégias de *city marketing*, em especial a partir da gestão de Jaime Lerner dos anos 1990 (ver página 36), é que esta urbe modernizada é opção apenas para os seus “cidadãos de bem”, ou seja, com o *capital social* (que engloba também o *capital cultural* e *econômico*) para acessar os espaços de lazer. Tal qual definido por Bourdieu (1996), as vivências de cada cidadão (e por que não a vivência deles *na* cidade?) dependem de seu *habitus*, ou seja, dos valores e princípios que apreende por meio das relações sociais em que insere, tais quais a família, a escola e o trabalho. Como descrito por Maria Denise Peixoto (2014, p. 145):

O *habitus* realça experiências anteriores e tende a assegurar a adequação das ações dos sujeitos à conformidade das relações objetivas de toda a sociedade. O volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) mobilizado por cada pessoa vai depender da extensão e das ligações individuais às quais ela está associada na sua rede de relações. A ação individual “[...] é guiada por uma razão prática, que é a lógica do senso prático, ‘uma lógica em ação’ e permite ao indivíduo ‘agir quando necessário’ e lhe possibilita um conhecimento prático do mundo social” (BOURDIEU, 1996, p. 50).

Em diálogo com esta ideia, Nestor Canclini aponta que a vivência urbana, que se encontra em transformação desde a intensificação do fenômeno de globalização de ideias e de valores, depende da orientação física e também emocional dos indivíduos, o que ele define por “categorias mentais e emocionais que variam de acordo com os modos pessoais de experimentar as relações sociais” (CANCLINI, 2008, p. 15).

Pode-se observar a relação do cidadão com a cidade na própria obra-prima

de Dante. Conforme anteriormente mencionado, Florença é um dos personagens principais de sua *Comédia*, pois é dela que provém os personagens julgados no *Inferno*, no *Purgatório* e no *Paraíso*, bem como é alvo de críticas por parte de Dante-autor — que coloca suas opiniões na boca de seus personagens. É a partir de seus valores e virtudes, refletidos em sua ação social, que o poeta (e também político) formou suas opiniões sobre a cidade.

Tendo como base as reflexões acerca do *habitus* e das *categorias mentais e emocionais*, a vivência de um curitibano e de uma curitibana depende, em parte, da realidade social de seu entorno, junto das experiências com os demais elementos da cidade. Mas não somente isso: existe uma segregação implícita dos espaços a serem frequentados por cada classe social. São acordos tácitos, não escritos em lei, mas que regem a sociedade por meio de normas implícitas de exclusão e de desigualdade naturalizadas pelos brasileiros e, conseqüentemente, pelos curitibanos.

Os *subcidadãos*, como define Jessé Souza, não usufruem da capital paranaense como os cidadãos de fato, detentores do *capital social*. Oriundo da divisão social e de desigualdade, este processo é fruto de uma exclusão que começou na colonização e se mantém até hoje na sociedade brasileira (SOUZA, 2018, p. 12). Assim como existe a mentalidade de *servidão* e de *mando* entre o Norte e o Sul global, esta ideia de *senhor* e de *escravo* é percebida também dentro da realidade brasileira, como um resquício da escravidão. “Os conflitos sociais são fruto de relações de dominação destinadas a perpetuar a desigualdade e a miséria de muitos em nome dos privilégios de meia dúzia” (Idem, p. 21).

Existiriam, neste cenário, três *Curitibas*. Em primeiro lugar, a das elites herdeiras da riqueza do gado e do mate, as quais hoje usufruem amplamente dos espaços públicos e privados de lazer, que desde o século XIX passeiam no Passeio Público e ocupam as zonas nobres da cidade com seus palacetes ecletistas projetados por engenheiros alemães, italianos e portugueses. Por outro lado, a Curitiba da “ralé”, dos subcidadãos, para os quais o lazer é praticamente uma utopia e que a rua é o espaço de socialização principal; que nos anos 1800 foram relegados aos charcos alagados das zonas mais baixas da cidade e permanecem ali. E, em terceiro lugar, a urbe real, na qual convivem herdeiros das elites e a população mais simples, com suas desigualdades e também suas virtudes (pois

uma análise justa da realidade curitibana não pode considerar apenas seus defeitos).

2.5.1 A colonização brasileira

Se hoje a desigualdade social brasileira é naturalizada, muito se deve às ideias sobre o cidadão brasileiro, as quais foram construídas a partir do racismo, antes físico (uma vez que existia o “racismo científico” como doutrina social) e depois cultural, tal qual explicita Jessé Souza em *Brasil dos humilhados* (2022). Alguns dos principais nomes da sociologia brasileira, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, inclusive contribuíram para a reprodução do brasileiro como um “tipo preguiçoso”, “cordial”, que vive do “jeitinho” e afeito à “corrupção”.

A concepção de que a “culpa” pelo atraso do Brasil seria do povo brasileiro se torna, assim, pensamento coletivo. Apagam-se todos os registros de violência sob a qual a sociedade brasileira foi concebida desde o início da colonização portuguesa — cujos resquícios permanecem atualmente — e no lugar perpetua-se o “vira-latismo”, ou seja, a suposta inferioridade do povo brasileiro frente aos herdeiros do ascetismo fundador da Europa e dos Estados Unidos (SOUZA, 2022). Em outras palavras, analisam-se as potências globais e o Brasil sob um viés meritocrático, como se tivessem todos partido das mesmas condições econômicas e sociais, e o resultado é a culpabilização do brasileiro como inútil, incapaz e responsável por suas próprias mazelas.

Esta ideia esconde uma problemática citada anteriormente: a colonização e a construção do Brasil como nação se deram de forma *extremamente violenta*. Em um primeiro momento, os portugueses acreditaram ter encontrado o “Paraíso perdido” da Bíblia (CHAUÍ, 2001, p. 3), que estaria à sua disposição para usufruto.

O comerciante, misto de guerreiro, aventureiro, navegador, ladrão e pirata, tomava o que era necessário para rentabilizar seus investimentos. Era coletor (pau-brasil, indígenas, ouro de aluvião); era predador (o que não podia coletar, destruía: o exemplo dos indígenas; a predagem das fronteiras, ignoradas, inexistentes; das terras fartas no interior; do braço escravo africano). Era caçador (predador de índios, de animais, de negócios, de monopólios). Buscava a riqueza sem trabalho, mesmo que não fosse extremamente fácil (NADALIN, p. 32-33).

Tal qual elucidado por Nadalin no excerto acima, o colonizador explorou não somente a terra, diga-se de passagem, mas também os povos originários que aqui habitavam. Literalmente o que era Paraíso para uns se tornou o Inferno para outros, violentados e restritos a pequenas aldeias comandadas por jesuítas. Querendo ou não, o povo brasileiro carrega esta mancha em sua história.

Conforme se firmou como colônia de exploração, a Colônia do Brasil do Reino de Portugal passou a implementar o sistema de *plantation*, utilizado pelas potências europeias em suas colônias a fim de obter o máximo de lucro a partir da produção de algum produto. “Esse sistema dependia do latifúndio, da monocultura, do **trabalho escravo** e visava o mercado exterior” (MUNDO EDUCAÇÃO, s.d., sem grifos no original). Por meio da instalação deste modelo, a escravidão se consolidou como um dos pilares fundadores da economia colonial e, conseqüentemente, da sociedade brasileira. Até a Abolição da Escravatura, em 1888, houve o reforço diário da violência e da exclusão dos negros escravizados no país, os quais se tornaram uma classe sem direitos civis, políticos e individuais; *subcidadãos* em sua essência.

A hipótese de que o brasileiro seria o culpado pelo atraso do país não leva em consideração estas questões. Tal qual enunciado por Jessé Souza, não é justo comparar a realidade verde-amarela com a europeia, que não viveu a escravidão e a violência cotidiana em sua história recente (2018, p.12). Curitiba não fugiu do padrão brasileiro: suas desigualdades, em maioria, possuem como origem uma colonização segregadora e exploradora.

5.2.2 Paraná: ocupação, sociedade e economia

Falar de Paraná antes do século XVIII é se referir a uma região pertencente à Capitania de São Paulo, mas distante do centro administrativo da província, com povoamento indígena e certa ocupação espanhola concentrada em reduções jesuíticas (NADALIN, p. 19). Entretanto, em meados dos anos 1600, os colonizadores portugueses se viram obrigados a ocupar o interior do Brasil para além da faixa litorânea que compunha a colônia originalmente, com medo de invasões de outras potências ultramarinas. Estimulados pela busca de riquezas em novas regiões do país, exploradores paulistas (conhecidos como bandeirantes) se dirigiram ao litoral paranaense em busca de ouro e de mão de obra indígena para

servir como escravos.

Os bandeirantes chegaram ao Paraná por via marítima, através da Baía de Paranaguá. Em um primeiro momento, os exploradores se encantaram com a possibilidade de garimpar o ouro na região e instalaram a Vila de Paranaguá em 1649 para a fundição do ouro, vila essa que daria origem à primeira cidade paranaense. Curitiba, por estar localizada acima da Serra do Mar, não era tão acessível aos colonizadores, todavia ali se formou o povoado de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais. As migrações para “o alto” foram mais intensas quando o garimpo em Paranaguá deu sinais de que não seria tão lucrativo quanto esperavam os paulistas. Em 1693, foi fundada a Vila de Curitiba, onde viviam camponeses que tinham como atividades a agricultura de subsistência e a pecuária.

Em 29 de outubro de 1700, a região que posteriormente seria o estado do Paraná passou a integrar a recém-inaugurada Comarca de São Paulo⁸, com administração regional localizada na freguesia de Curitiba. Assim, a partir do século XVIII, eram realizadas eleições censitárias para os cargos administrativos, e apenas os homens das famílias ricas podiam participar do pleito, sendo votados e votando, assim correspondiam à elite política da cidade.

Depois do entusiasmo inicial causado pelo garimpo no litoral, a riqueza das famílias provinha do tropeirismo, atividade que estimulou o ciclo econômico paranaense do **gado**. Na época, as autoridades do Brasil Colônia destinaram seus esforços na mineração em Minas Gerais, e a Coroa Portuguesa passou a incentivar o desenvolvimento da agropecuária e da agricultura em outras províncias a fim de que a mão de obra escrava na região das minas se concentrasse exclusivamente na retirada de minérios.

O gado, criado no Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, era conduzido pelos tropeiros até as demais regiões do país por meio da estrada Viamão-Sorocaba (também conhecida como *Caminho do Viamão*), aberta em 1731, que ligava o sul do Brasil até o estado de São Paulo. Por estar no meio do trajeto, a região do Segundo Planalto paranaense servia de pouso às tropas, o que estimulou a formação de vilas, a produção agropecuária e o comércio na região, com objetivo de abastecer os visitantes. Paralelamente, desenvolveram-se fazendas em diversas freguesias destinadas à “invernada do gado”, ou seja, a acolhida dos rebanhos durante os

⁸ Disponível em <<https://www.tjsp.jus.br/Memoria/Historia/Comarcas>>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

períodos frios do ano para que seguissem viagem quando o tempo estivesse ameno.

O tropeirismo mobilizou todo o Paraná, seja na produção de bens para abastecer as tropas, seja através do comércio de produtos vindos de outras regiões da colônia (por meio do porto de Paranaguá) e das invernadas do gado. A sociedade paranaense da maior parte do século XVIII, organizada ao redor da atividade tropeira, tinha como pilares o latifúndio, a fazenda, a família e os campos naturais: “[...] o elemento fundamental da expansão e da fixação das populações foi a fazenda de criação de gado como instrumento, a família como agente social e econômico, as regiões dos campos naturais como espaço geográfico e a escravidão como sistema de trabalho” (BALHANA *et al.*, 1969). Vale ressaltar que esta era uma sociedade desigual, baseada em privilégios, em que os poderes secular e religioso não tinham muita diferenciação (TRINDADE; ANDREAZZA, 2001, p. 31). Inclusive, a religiosidade cristã católica era predominante no período: as tradições de comemorar os dias santos, de frequentar a paróquia mais próxima e respeitar os mandamentos eram zeladas e impunham respeito. Tanto que o claro era uma das instâncias mais poderosas da comunidade, tanto espiritualmente quanto economicamente (até existiam padres que emprestavam crédito para os fiéis endividados).

O desenvolvimento econômico e social de Curitiba dependeu, contudo, da produção que sucedeu o gado: a da **erva-mate**, “o ciclo econômico que mudou Curitiba” (ROCHA, 2013). Desde o início do século XVIII, já ocorria a extração da erva no Paraná, mas não era beneficiada pelas autoridades por causa das invernadas e do comércio destinado aos tropeiros. No começo do século seguinte, as duas atividades (erva no Primeiro Planalto e tropeirismo, no Segundo) se mantiveram concomitantes, até que a atividade despertou o interesse de grandes produtores e autoridades e paulatinamente ultrapassou as receitas do tropeirismo.

No segundo decênio do século XIX, a erva-mate representava 44% da exploração agrícola do Paraná, e 96% da produção era exportada para fora do país (SANTOS, 2001, p. 42-43). Entre os principais destinos do produto paranaense estavam Argentina, Uruguai e Chile. Graças ao enriquecimento das elites locais com a produção do mate e à insistência política das autoridades, em 1853 a Província do Paraná foi emancipada de São Paulo. Curitiba se consolidou como centro administrativo da região, tornando-se aos poucos polo educacional, artístico e social

do estado.

A primeira grande migração de estrangeiros em massa para o estado aconteceu justamente nesta época. O governo estadual, tendo como prerrogativa a “falta de mão de obra” para trabalhar nas lavouras, atraiu imigrantes europeus para o território paranaense. Vieram para o Paraná sobretudo italianos, alemães, poloneses, ucranianos e portugueses. Na realidade, o final do século XIX marcava a liberação gradual dos negros escravizados, até culminar na Abolição da Escravatura (1888), então mão-de-obra livre para trabalhar nas fazendas não faltava. O objetivo implícito do governo era adotar uma “política de branqueamento”, ou seja, trazer povos brancos para ocupar o estado e, aos poucos, “consertar os ‘vícios de origem’ do contato com a escravidão” (RIBEIRO, 1888, p. 26).

Foi durante o ciclo da erva-mate que Curitiba passou por uma transformação, graças ao investimento dos “barões do mate” (como ficaram conhecidos os que enriqueceram por causa do produto), processo que ficou conhecido como *Belle Époque* curitibana. Os ricos barões construíram suas mansões nos bairros mais altos, como Batel e Alto da Glória, e, por meio dos impostos retirados da produção, o governo da capital investiu na construção de equipamentos públicos de lazer, o mais famoso deles o Passeio Público (que era uma área de banhados do Rio Belém, saneada para atender ao lazer das elites). É desta época também a articulação para a criação da Universidade Federal do Paraná, chamada “Universidade do Mate” pelo historiador Ruy Wachowicz.

Tal qual descrito pelo historiador Marcelo Sutil (2000), a nova elite curitibana encomendava os projetos de suas mansões aos arquitetos alemães, italianos e portugueses, descendentes dos primeiros europeus vindos ao estado. As construções, assim, acabavam por adotar o estilo arquitetônico eclético, marcado pela mistura de referências dos estilos anteriores: em uma mesma rua, poderiam coexistir casas com influência neoclássica, italiana e/ou alemã. Além disso, o período marcou a fase higienista da administração municipal, uma vez que os novos ricos viam a necessidade de organizar o espaço público para manter a ordem (SUTIL, 2009, p.26). Foram instaladas iluminação pública, redes de esgoto e água encanada, bem como foram estabelecidas regras de construção de edifícios, a fim de manter o padrão considerado necessário.

Mas, como o próprio autor expõe, não eram todos os habitantes curitibanos

que tinham o luxo de construir nas regiões mais nobres da cidade, com arquitetos que estudaram no exterior. Enquanto a classe média ainda tinha alguma condição de copiar os arabescos das mansões com materiais mais baratos (como a madeira), a classe mais pobre da cidade esteve condenada a ocupar os “charcos”, ou seja, as zonas mais baixas da capital que alagavam (e ainda alagam) com as fortes chuvas. As construções não passavam de barracos, com quase ou nenhuma correspondência às “normativas” impostas pelas autoridades.

Em 1857 aconteceu a primeira grande crise da produção ervaiteira, motivada por uma crise mundial que reduziu os mercados estrangeiros do mate paranaense. Entre os anos 1860 e 1880, a produção enfrentou altos e baixos, até perder o protagonismo na economia paranaense no século XX, sendo substituída pelo café. Seu cultivo teve como ponto de partida o excedente produtivo dos agricultores de São Paulo, que procuravam novos espaços para o plantio cafeeiro. Assim, em um primeiro momento se instalaram no norte e noroeste do estado, para depois alcançarem outras regiões do estado, entre elas a capital.

Novamente aconteceu uma crise migratória de estrangeiros para o Paraná, motivada pelas Guerras Mundiais e pela produção do café. Os europeus supostamente viriam para o estado para terem as suas lavouras e lucrarem com o comércio do produto, entretanto a Lei de Terras de 1850 não permitia que imigrantes fossem donos de propriedades (e só foi oficialmente revogada em 1964, na edição da Lei nº 4.504, o “Estatuto da Terra”). Então, restou aos imigrantes trabalharem nas fazendas de outrem e, paralelamente, conquistarem algumas áreas da propriedade para seu próprio cultivo. Enquanto isso, os descendentes das primeiras levas de imigrantes europeus que se instalaram no Rio Grande do Sul e Santa Catarina (maripás) começaram a ocupar as regiões despovoadas do centro-sul paranaense, ocupando-se do cultivo agropecuário em pequena escala, conhecido como agricultura familiar.

Por fim, pode-se descrever como último ciclo econômico do Paraná a madeira, cuja exploração aumentou após a construção da Estrada de Ferro Central do Paraná, por facilitar o escoamento da produção para o porto de Paranaguá. A atividade atraiu os ingleses, que organizaram o povoamento das áreas desmatadas em conjunto com as na época recém-criadas companhias concessionárias, que zelavam pelo desenvolvimento da região. Atualmente, o Paraná é um dos estados

líderes na produção madeireira no país — com destaque para a região dos Campos Gerais — e, de acordo com a Associação Paranaense de Empresas de Base Florestal (APRE), o comércio de madeiras movimentou cerca de 1 bilhão de reais em 2021⁹.

2.5.3 Negros, imigrantes e mulheres: diferentes histórias em Curitiba

Como dito anteriormente, a colonização brasileira teve como base a escravização dos povos indígenas e africanos e, assim, a construção do país enquanto nação já ocorre em cima de uma desigualdade. No Paraná, não foi diferente. Grande parte das atividades econômicas citadas no tópico anterior fizeram o uso da mão de obra escrava, em que se destacam a criação de gado e a produção da erva-mate.

De acordo com Carlos Antunes dos Santos, a pecuária não exigia grande quantidade de escravos se comparada com outras atividades que eram realizadas paralelamente no Brasil Colônia, entre elas a mineração, mas a escravidão era um dos pilares da vida na fazenda. No século XVIII, a média era de 20 negros escravizados por propriedade (SANTOS, 2001, p. 32) e, no Censo Geral de 1722, o Paraná registrava 7.627 habitantes — dos quais 28,8% eram escravos.

Ao longo do século XIX, os barões do mate costumavam utilizar a mão de obra escrava, mas enfrentavam crescente pressão abolicionista (descrita por Márcia Graf em *Imprensa Periódica e escravidão no Paraná*), a qual, junto da vinda de imigrantes europeus, podem ser apontadas como causas prováveis para a redução do número de escravos no Paraná. Conforme receberam a alforria, os ex-escravos passaram a ser considerados livres e apareciam nas contagens oficiais como negros e pardos. Segundo levantamento realizado pela historiadora Cecília Westphalen, em 1854 Curitiba apresentava 20.629 habitantes: 1768 deles, escravos (8,6%) e 8.168 pretos e pardos (39,6%). Vale ressaltar que, mesmo que se tratassem de cidadãos livres, a cor da pele influenciava o julgamento público sobre o indivíduo.

⁹ Disponível em

<<https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/2021/06/13/parana-e-um-dos-lideres-na-producao-madeireira-do-brasil.ghtml>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

Verificando a legislação municipal de Curitiba e Região no século XIX, é possível perceber que as camadas dominantes da população olhavam para os mais pobres sem dar grande atenção para a condição jurídica das pessoas. As posturas municipais, em suas restrições e punições, tenderam a igualar negros e pardos, livres, libertos e escravos. Todos eles eram percebidos como integrantes de uma massa, um tanto indistinta de não-morigerados (BARLETA; PEREIRA, 2011, p. 66-67).

Conforme aponta a historiadora Cecilda Machado, esta designação está menos vinculada à ascendência étnica do que à inserção social do cidadão. “Isto permitia que, ao longo da vida, a pessoa ‘mudasse de cor’ à medida em que suas relações interpessoais e seu estatuto pessoal se transformasse” (BARLETA, PEREIRA, 2011, p. 67). Um exemplo de mudança de postura com relação à negritude é a devoção à Maria Bueno, a santa de Curitiba. Mulher parda, aos 28 anos Maria Conceição Bueno foi assassinada à navalha pelo amante no dia 29 de janeiro de 1893. O assassino, Inácio José Diniz, foi inocentado, mas anos mais tarde seria condenado por latrocínio: este é o primeiro milagre atribuído à santa, fazer justiça com as próprias mãos. Desde então, fiéis de Curitiba e região atribuem causas alcançadas à intercessão de Maria Bueno. Embora tenha sido uma mulher parda e pobre, é a santa dos curitibanos, porém ela mesma não escapou do processo de mudança de cor descrito por Cecilda Machado. No século XX, foram construídas imagens em que Maria era branca, o que indica que a santa, no imaginário social, não estava relacionada à negritude. Nos anos 1960, uma suposta foto da santa orientou “um menino de dez anos a esculpir a imagem da ‘branca Maria Bueno’”¹⁰.

Além de ter origem negra (apagada e lembrada ao longo dos anos), Maria Bueno foi mulher em Curitiba no final do século XIX. As atividades das mulheres, na época, eram basicamente cuidar do lar e dos filhos, frequentar os círculos sociais e fazer o papel de boa esposa junto ao marido, se fosse rica; já as mulheres pobres, como a santa, trabalhavam para tirar seu sustento em profissões consideradas menores, como o magistério, a lavagem de roupas e, em muitos casos, a

¹⁰ Disponível em <<https://www.mariabueno.com.br/>>. Acesso em 21 de agosto de 2022.

prostituição.

Durante a *belle époque curitibana*, a mulher representava a tríade família, sociedade e pátria. A função das meninas e moças era ser mãe e esposa, um “anjo tutelar” (TRINDADE, 1996, p. 42), além de uma companhia agradável e uma defensora da pátria. Pensadas ora pelos religiosos como seguidoras de Maria, ora pelos liberais como representantes de uma recém conquistada liberdade, as mulheres ainda não conseguiam alcançar postos vistos como “masculinos”. A educação feminina priorizava aspectos mais abstratos da vida cotidiana, como o ensino de línguas, da costura e do trabalho doméstico. Somente as mais pobres aprendiam “trabalhos manuais”, que não permitiam uma ascensão social efetiva. “A ideia de dar a uma criança a possibilidade de ascensão social pela instrução não chega a permear a sociedade da época de uma maneira definitiva” (idem, p. 77).

Não era somente em relação ao papel feminino na sociedade que existiam diferenças de ideais na Curitiba do início do século XX. Coexistiam na capital paranaense ideais positivistas, maçônicos, feministas, conservadores, laicos e religiosos. O período marca o surgimento da classe operária, em oposição às elites, as quais começam a se organizar em *sociedades*, ambientes em que compartilhavam ideias e prestavam apoio uns aos outros (até financeiro e funerário).

Com esse desenvolvimento industrial no Paraná temos o surgimento da classe operária, que não tarda a começar a se organizar em sociedades beneficentes organizadas civil e juridicamente, algumas de acordo com as profissões que exercem, pela nacionalidade e outras ainda formadas pelo mesmo local onde residem (BRENNER; NOGUEIRA, 2014, p. 2-3).

A *Sociedade Operária 13 de Maio*, por exemplo, foi criada no ano da Abolição da Escravatura (1888) e continua atuando até hoje em Curitiba, promovendo encontros entre os descendentes dos negros e pardos do começo dos anos 1900. Assim como a 13 de Maio, outras sociedades com origem operária surgiram no período, como a *Sociedade Operária e Beneficente Protetora dos Operários* (1883) e a *Sociedade Operária e Beneficente Giuseppe Garibaldi* (1887), que reunia sobretudo a expressiva comunidade italiana que habitava a capital paranaense, fruto dos processos migratórios descritos no tópico anterior.

Não somente italianos, mas alemães, poloneses, ucranianos, portugueses e

seus descendentes faziam parte da população curitibana do período. Na década de 1920, Curitiba possuía 78.986 habitantes; destes, 11.612 eram estrangeiros, conforme o Anuário Estatístico de 1900. Desde a chegada dos primeiros imigrantes à região, no século XVIII, até o século XX, era costume dos europeus formarem agrupamentos de acordo com a sua nacionalidade. “Santa Felicidade, por exemplo, é comumente identificada pela imigração italiana. No caso da imigração ucraniana, o bairro reconhecido pela presença dos imigrantes é o Bigorrrilho” (PERIN, s.d). De certo modo, acontecia um isolamento destes grupos em suas próprias realidades, como se estivessem ainda vivendo em seu país de origem. Inclusive, a convivência com membros de outras comunidades — especialmente a negra — era desencorajada.

Em meados do século XX, porém, o isolamento dos imigrantes começou a ser visto com maior preocupação devido às Guerras Mundiais. Durante os conflitos, existia um clima de hostilidade sobretudo à comunidade alemã, cujo país lutava contra os aliados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. As notícias que chegavam aos curitibanos através dos veículos de imprensa acendiam os ânimos e inflamava o sentimento de “fazer justiça com as próprias mãos”. Por exemplo, no início a Primeira Guerra Mundial:

[...] é tratada de forma distante, sendo as notícias simplesmente reproduzidas das agências de informação inglesas. Mas a notícia do afundamento do navio brasileiro mudou o panorama. Também em Curitiba, ela foi seguida de manifestações patrióticas e atos de destruição. Houve manifestação no centro da cidade, inclusive o apedrejamento do jornal *Der Kompass*. (OLIVEIRA, 2013, p. 190).

Anos mais tarde, o imigrante europeu seria eleito o “herói nacional”, exemplo de civilidade e de labor. Entretanto, é preciso reconhecer que nem sempre foi assim, inclusive na capital “mais europeia do Brasil”. Vale também ressaltar que as diferenças étnicas, de classe e de gênero não sumiram totalmente do cenário curitibano. São elas, também, causadoras das desigualdades: em 83 mandatos da Prefeitura Municipal, Curitiba nunca nomeou uma mulher prefeita. Ademais, houve polêmica na cassação do primeiro vereador na Câmara Municipal, que aconteceu em 2022, quando foi interrompido o mandato de Renato Freitas, homem negro acusado pelos seus opositores de interromper uma missa por entrar em uma igreja

enquanto protestava contra o racismo. De acordo com Renato, não estava acontecendo nenhuma celebração no local.

2.5.4 Êxodo rural e metropolitização

A partir dos anos 1950, o Brasil como um todo passou por uma fase importante de desenvolvimento econômico, o que impacta a decadência dos ciclos econômicos rurais do Paraná. Em 1956, assumia Juscelino Kubitschek como presidente, com seu lema “50 anos em 5”, com objetivo de promover o crescimento econômico e a modernização do país, que tinha começado a se industrializar nas décadas anteriores, mas não estava ligado ao capital estrangeiro.

Em partes, Kubitschek conseguiu atingir a sua meta de modernização, que tinha como suporte companhias internacionais. Os lucros industriais no Brasil aumentaram 76%, de acordo com o pesquisador Wilson Teixeira Moutinho. De todo o capital investido, 100,8 bilhões de cruzeiros derivaram de companhias internacionais, enquanto as indústrias nacionais detinham 39 bilhões. Além dessa disparidade com relação ao mercado, o plano desenvolvimentista ensejou desigualdades internamente no país: o Nordeste não se beneficiou da industrialização, que se concentrou no Sudeste. O Sul e o Centro-Oeste, porém, também receberam incentivos e melhorias estruturais.

Poucos anos depois de Kubitschek deixar o poder, o país passaria pela ditadura militar, período controverso da história brasileira devido a proibições e desrespeito aos direitos civis e políticos dos cidadãos, que foram perseguidos, torturados e assassinados se desrespeitassem as ordens do governo. No entanto, durante o controle dos militares, o Brasil chegou a alcançar o chamado “milagre econômico”, entre 1968 e 1973, em que o Produto Interno Bruto cresceu de maneira acelerada (alcançou até 11,1% de crescimento ao ano¹¹). Isso intensificou o processo de crescimento econômico das cidades, que passaram a atrair mais moradores, vindos do interior. Não se pode deixar de citar, também, a modernização ocorrida no campo, já que as novas tecnologias passaram a exigir uma menor quantidade de trabalhadores, que foram buscar oportunidades na urbe (SÁNCHEZ, 2003, p.154).

¹¹ Disponível em

<<https://www.todamateria.com.br/milagre-economico/#:~:text=Milagre%20Econ%C3%B4mico%20ou%20%22milagre%20econ%C3%B4mico>>

Curitiba, como as demais capitais, sofreu um inchaço populacional neste período, justamente por conta do êxodo rural derivado do crescimento das cidades brasileiras. Na década de 1960, a capital paranaense atingiu a maior taxa de crescimento de todo o país, passando de 361.309 habitantes em 1960 para 609.026 habitantes em 1970, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os números correspondem a um crescimento de 5% ao ano.

A consequência desta migração acelerada foi o crescimento não só de Curitiba, mas também da região metropolitana, uma vez que o custo de se viver no centro da capital repeliu parte da população, que se deslocou para as regiões próximas. A Região Metropolitana de Curitiba (RMC) foi criada em 1973, por meio da Lei Federal Complementar nº 14, que regulamentou a metropolização para efeitos administrativos.

Como nos mostram alguns estudos, o êxodo rural dos anos 70 constitui-se no principal fator de acelerada formação da Região Metropolitana de Curitiba. Nessa década, foi a região metropolitana que mais cresceu, mantendo um ritmo acentuado de crescimento nos anos 80. (SÁNCHEZ, 2003, p.152)

O aumento repentino de moradores sem planejamento urbano acentuou questões como pobreza, violência e falta de serviços desses municípios vizinhos, que desenvolveram uma dependência da capital, que se mantém até hoje. Enquanto Curitiba investiu em um planejamento urbano nos anos 1980, liderado pelo prefeito Jaime Lerner e seguido por seus sucessores (do qual se falará em seguida), não houve interesse suficiente pela região metropolitana, que se manteve “à deriva”. A região passou, assim, a se desenvolver por conta própria, cada município com um ritmo diferente.

Nos anos 1990, houve expansão dos serviços e da área de ciência e tecnologia da RMC. Como descreve a pesquisadora Marley Deschamps, o fenômeno ultrapassou os limites da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) e do Centro Industrial de Araucária (Ciar) e passou a ocupar outros eixos, em direção a São José dos Pinhais, Campo Largo, Araucária, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Quatro Barras e Campina Grande do Sul. Grande parte desse desenvolvimento se deveu aos incentivos fiscais oferecidos pelas por estas cidades, responsáveis por atrair indústrias internacionais para a área. O país passava, nos anos 1990, pela abertura

econômica para o capital estrangeiro, e os municípios brasileiros começaram a competir entre si pelas sedes das companhias vindas de fora. Foi oferecida, para atrair empresas, a isenção de impostos, o que ficou conhecido como **guerra fiscal**. (OLIVEIRA, 2001, p. 79). São José dos Pinhais e Araucária foram os principais pólos de recebimento de empresas, processo que foi alvo de críticas de ambientalistas, já que foram cedidas áreas de preservação para as companhias estrangeiras, como a Área de Proteção Ambiental do Pequeno, em São José, ocupada pela montadora francesa Renault.

Houve, assim, no final dos anos 1990 e início dos 2000, uma segunda intensa migração vinda do interior do estado voltado para a região metropolitana, com objetivo de atrair mão de obra para trabalhar nas indústrias. Em 1996, a Fundação Social de Curitiba (FAS) afirmou que chegavam pela rodoferroviária mais de 2 mil migrantes por mês para a RMC (GARCIA, p. 145). Estes municípios receberam os moradores sem o planejamento adequado, às pressas. Alguns conseguiram prosperar, mas outros, sem renda suficiente e sem apoio da prefeitura de Curitiba, permanecem sem rumo. Por exemplo, São José dos Pinhais, possui o nono maior PIB per capita do Paraná, contrasta com a pobreza encontrada na região da Ribeira — Adrianópolis, Tunas do Paraná, Doutor Ulysses e Cerro Azul integram uma das consideradas regiões mais pobres do país.

2.5.5 Planejamento de Curitiba e *city marketing*

O crescimento populacional curitibano durante os anos 1970 despertou a administração municipal para o planejamento urbano. Em 1971, assumiu a prefeitura o arquiteto Jaime Lerner, personagem-chave para a construção da “Curitiba modelo”. Ele seria eleito novamente em 1979, mantendo-se no poder municipal até 1983.

Durante a primeira administração Lerner, foram colocados em prática planos de urbanização que pensavam o uso otimizado da municipalidade, tais quais o Plano Agache (1943) e o Plano Diretor (1966). O primeiro, elaborado por urbanista francês Alfred-Donat Agache a pedido do prefeito Rozaldo de Mello Leitão, propunha a drenagem dos banhados e rios, uma rede de abastecimento de água e uma de coleta de esgotos, além da instalação de um Plano de Avenidas da Cidade, para descongestionar o centro da capital (MARTINS, 2020). Já o Plano Diretor propôs a

divisão do uso do solo urbano, compondo o zoneamento da cidade em Zona Residencial, Zona Comercial, Zona Industrial, Zona Especial, Zona Rural, Estrutural, Área Verde e Expansão Urbana, bem como foi um dos primeiros mecanismos municipais a traçar um planejamento sobre o transporte público curitibano (MARTINS, 2019).

Um instrumento essencial para o desenvolvimento urbano da cidade foi a instalação do Instituto de Pesquisa e Planejamento, o Ippuc, em 1965, com objetivo de aplicar o Plano Diretor. Durante as décadas de 1980 e 1990, foi garantida a continuidade das medidas urbanísticas (GARCIA, 1997), que se mantiveram ao longo dos governos seguintes. Em 1989, Lerner voltou para a administração municipal. Neste período, projetos então inovadoras, como a Rua 24 horas, o transporte público ligeirinho, a Ópera de Arame e o Jardim Botânico foram pensados e divulgados em massa para a população: Curitiba passava a ser a cidade da velocidade, da cultura e dos centros comerciais ininterruptos (SOUSA, 2012). Seguiram-se as administrações de Rafael Greca (1993-1997) e Cassio Taniguchi (1997-2004), que mantiveram a linha urbanística e inovadora, classificadas por Fernanda Sánchez (2003) como continuidade do “Lernismo”.

Apesar da criação de ferramentas de modernidade, a administração municipal não conseguiu fazer com que elas chegassem para todos os habitantes da cidade. Além disso, Lerner construiu um campo de interesses, baseado na aliança com empresários, que eram excludentes. Assim, a “nova Curitiba” não estaria ao alcance de todos. “Sob o manto da eficiência administrativa e da competência urbanística, o lernismo estreitou os laços clientelistas entre o poder público e alguns setores da iniciativa privada, ao mesmo tempo em que bloqueou os espaços de participação popular” (SAMEK, 1999).

No entanto, a desigualdade social (entre os que tinham e os que não tinham acesso aos novos aparelhos de lazer) foi atenuada por um mecanismo: o **discurso**. Ao longo dos anos de Lernismo, foram reproduzidas ideias de “Curitiba cidade modelo”, “Cidade humana”, “Cidade verde”, “Cidade Sorriso”, *slogans* produzidos profissionalmente e repetidos acriticamente por décadas e que excluem os defeitos da capital, como a referida desigualdade. A Região Metropolitana e suas dificuldades também foram apagadas. “[...] passamos a identificar a imagem sintética de Curitiba como produto de variados investimentos, de variados campos

do saber especializados: o planejamento urbano, a arquitetura, a sociologia e, de forma crescente, as ciências da comunicação” (GARCIA, p. 23).

O discurso se firmou sobretudo nos anos 1990, uma vez que houve interação dos mecanismos de poder aos meios de comunicação, que passaram a exercer a *seletividade*. “[A imagem difundida da cidade] não é uma mentira, mas uma construção social e histórica que, portanto, organiza seletivamente a realidade” (GARCIA, p. 34). A repetição de poucas ideias-chave, porém certas, ajudaram a firmar o imaginário de Curitiba ecológica, simpática e moderna. Neste período, também foi utilizado um outro mecanismo, o **city marketing**, definido por Garcia como “mecanismo institucional de venda e promoção da cidade” (1997), na “busca de uma posição relativa de liderança da cidade perante outros territórios, para ser imitada” (GARCIA, 1994).

Dessa forma, foi realizada uma propaganda extensiva das “vantagens” de Curitiba, que caiu nas graças da imprensa internacional. Veículos como a *Time* (EUA), o *Los Angeles Times* (EUA), a *Life* (EUA), o *The Guardian* (Inglaterra), o *Diário de Coimbra* (Portugal), a *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (Alemanha), o *El País* (Espanha) publicaram sobre o “modelo Curitiba” entre 1992 e 1996 (SANCHEZ, 2003). Cidades como Bogotá, a capital da Colômbia, copiaram o “ligeirinho”, tido como um modelo curitibano de exportação¹². A capital virou a “queridinha” de urbanistas por todo o mundo. Nos anos 2000, a capital foi eleita por urbanistas da Organização das Nações Unidas (ONU) uma das melhores cidades para se viver, atrás apenas de Roma e de São Francisco.

Como antes dito, as ações urbanísticas e de propaganda foram realizadas com o objetivo de propagar a ideia positiva de Curitiba frente às demais cidades. Mas, pode-se voltar mais no tempo e dizer que a organização da capital, desde o início da ocupação até as revitalizações realizadas pelas gestões municipais mais recentes, está pautada no **urbanismo ideológico**, para utilizar o termo de Henry Lefèbvre. Na *belle époque*, as elites ocuparam as zonas altas e, a “ralé”, os charcos que alagam com as enchentes. Houve o encobrimento da narrativa negra na história oficial de Curitiba, o que se percebeu durante a escolha da sede da *Sociedade 13 de Maio*, que não pode ocupar os lugares importantes para a comunidade preta. As

¹² Disponível em

<<https://g1.globo.com/sao-paulo/respirar/noticia/2011/04/sistema-de-transporte-de-curitiba-e-copiado-por-mais-de-80-paises.html>>

inovações de lazer, como o Jardim Botânico e a Ópera de Arame, foram pensadas para um determinado público, longe das periferias. Foram realizadas escolhas que, direta ou indiretamente, ajudaram a promover a segregação social e o apagamento dos problemas sob a égide de “modelo”.

2.5.6 Curitiba do século XXI

As políticas urbanas de Curitiba resultaram em uma cidade moderna, mas não sustentável o suficiente para atender a todos os moradores. No relatório do Fórum Urbano Mundial da ONU (2010), o município aparece entre os 20 mais desiguais do planeta, ocupando a 17ª posição – até porque a América Latina é a região mais desigual do planeta. A partir de 2010, com o terremoto no Haiti e a crise na Venezuela, a cidade passou a receber imigrantes latinos, que se deslocam para as zonas mais pobres (como os bairros CIC, Cajuru, Boqueirão, Sítio Cercado e Xaxim¹³) ou para a região metropolitana.

A pandemia de Covid-19 agravou ainda mais as diferenças econômicas e sociais entre os curitibanos, assim como entre todos os brasileiros. Em abril de 2021, a capital paranaense bateu recorde de pessoas em extrema pobreza, com 84.057 cidadãos vivendo com até R\$89 reais por mês, de acordo com dados do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) do Ministério da Cidadania. De maio de 2020 a abril de 2021, 15.225 novas pessoas foram consideradas extremamente pobres.

Dados do último Censo realizado pelo IBGE (2010) apontam que os bairros com melhor qualidade de vida de Curitiba são Ahú, Cristo Rei, Alto da Glória, Hugo Lange, Alto da XV, Jardim Botânico, Batel, Jardim Social, Bigorrilho e Juvevê; o Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) da Regional Matriz, onde estão alguns destes bairros, é 0,928. Por outro lado, as regiões mais pobres da cidade são Campo de Santana, Pinheirinho, Capão Raso, Tatuquara e Caximba — na Regional Pinheirinho, por exemplo, o IDHM cai para 0,753.

Apesar da cidade ser desigual desde o seu princípio, como foi debatido neste trabalho, parte da população curitibana parece continuar alheia à realidade. Entre diversas variáveis, isso pode se dever à “mitificação da vida perfeita concretizada

¹³ Disponível em

<https://oexpresso.curitiba.br/2021/11/30/os-novos-nucleos-imigrantes-de-curitiba/?exptr198&utm_campaign=OExpresso071221&newsdectbaassineoexpresso&869&1&utm_medium=acidade>

diariamente através dos discursos e das campanhas propagadas veiculadas na mídia”, como diz Souza (2012, p. 6), ou por desinteresse. O estereótipo do curitibano reservado não esconde a falta de interesse das pessoas umas pelas outras. Tal qual defende Canclini, embora as metrópoles estejam cada vez mais equipadas com ferramentas de comunicação e informação, são **idades do desconhecimento**. As urbes estão fragmentadas, com uma minoria habitando em condomínios fechados e evitando conviver nos espaços da “ralé”. Esta, por sua vez, é impedida de usar os equipamentos públicos destinados às elites e à classe média. De cada perspectiva, Curitiba é uma realidade diversa. “Cada habitante usa as zonas urbanas da cidade que necessita e tem conjecturas sobre aquilo que não vê e não conhece” (CANCLINI, 2001, p. 21). E as desigualdades e diferenças entre os curitibanos continuam implícitas, não discutidas, não refletidas.

3 BASE TEÓRICA E MÉTODOS

3.1 O FORMATO LIVRO-REPORTAGEM

O formato escolhido para o trabalho é o livro reportagem, que tem como base uma grande reportagem de investigação jornalística sobre determinado tema que visa “colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance” (PESSA, 2004, p. 1). Nesta modalidade, é possível ampliar o aprofundamento do assunto, por meio de dados, números e detalhes relacionados (investigação extensiva), mas também apontando causas, consequências, efeitos, desdobramentos, repercussões e implicações do tema (LIMA, 2004).

O suporte livro permite ao jornalista contextualizar diferentes aspectos do assunto, unindo jornalismo informativo, conhecido no jargão jornalístico como “factual”, ao interpretativo, o qual apresenta análises aprofundadas dos acontecimentos; opinativo, que possui traços de opinião do jornalista; investigativo, responsável por buscar respostas para problemas e situações sociais, e/ou diversional, pensado para entreter o público (LIMA, 2004). Ademais, o livro-reportagem permite maior liberdade de escrita e de estilo, além de possibilitar diálogos mais amplos com o estilo literário.

No princípio, as duas áreas estavam interligadas; quando não existiam profissionais específicos para realizar a atividade jornalística, os escritores se responsabilizavam pela veiculação do conteúdo midiático (BERND; OLIVEIRA; 2021). “Com tal proximidade, a literatura também sofreu influência do jornalismo. Ambas as áreas incorporaram elementos uma da outra para repassar a sua mensagem” (idem, p. 2).

Os dois gêneros, jornalístico e literário, utilizam-se da palavra para narrar o curso dos acontecimentos. Conforme enuncia Cosson (2008), os textos que estão às margens dos dois estilos emprestam elementos de um ou outro lado para dizer alguma coisa ao leitor. A transmissão da mensagem, assim, acontece de uma forma diferenciada, sem seguir o formato da pirâmide invertida como se fosse lei.

A liberdade em relação à estrutura empresarial favorece a expressão das marcas autorais do jornalista que escreve livro-reportagem, no qual se identificam o estilo e a forma de narrar de quem produz. Embora o livro-reportagem seja uma obra jornalística e não-ficcional, a aproximação com a literatura é inegável (PESSA, 2009, p. 3).

O livro-reportagem se popularizou justamente em um momento de questionamento da fórmula instantânea do *lead* clássico. Responder às perguntas *o quê, quem, como, onde e por quê* já nos primeiros parágrafos do texto, como era feito até então, passou a desencantar jornalistas e o público. Nos anos 1960, assim, surgiu o movimento americano do *Novo Jornalismo* (New Journalism), que prezava por reaproximar o jornalismo da literatura ao propor uma dinâmica diversa aos textos. As reportagens passam a ser mais longas e abordar temas com maior profundidade, sem abandonar a apuração e os métodos típicos do jornalismo.

As redações passaram a ter divisões: de um lado os jornalistas que cobriam o cotidiano e o factual e, de outro, jornalistas que se dedicavam a coberturas de matérias que envolviam maior tempo de apuração e pesquisa, não ligadas somente ao “hoje”, as chamadas matérias frias. Depois das redações dos jornais, esse novo jeito de fazer jornalismo tomou conta das revistas e posteriormente dos livros-reportagem (BERND; OLIVEIRA, 2001, p. 7)

Embora hoje, 60 anos depois, viva-se em uma era de maior informação e exigência de velocidade possibilitada pelos dispositivos digitais, os livros-reportagem conseguem ainda despertar o interesse do público. A perspectiva de uma análise aprofundada satisfaz um público ávido por detalhes, que consome *podcasts* com duas ou três horas de duração, o que exige do jornalista a habilidade não somente de transmitir os fatos *ipsis litteris*, mas saber analisá-los para os leitores. Tal qual expõe D. Chaparro (2006), os avanços tecnológicos instigam o jornalista não apenas a narrar o que acontece, porém a compreender e atribuir significados aos fatos.

Com objetivo de atrair o público ávido por mais informações, a substituição da pirâmide invertida em prol da maior liberdade formal foi adotada, inclusive, por veículos com tradição de cobertura *hard news*, como a *Folha de S. Paulo*.

Há aproximadamente dois anos, a direção da empresa Folha de S. Paulo, preocupada com a queda na venda dos impressos, propôs uma nova estratégia aos profissionais do jornal Folha de S. Paulo. A ideia era alterar a estrutura dos textos. Ao invés do discurso iniciar-se com o *lead*, passaria a destacar o primeiro parágrafo sobre o fato em relação ao restante do corpo do texto, em **bold**. O abre traria uma retórica mais livre, com o intuito de fisgar o leitor, aproximando-se do conhecido "nariz de cera" (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 140).

O livro-reportagem, porém, tem características distintivas para além da linguagem. É uma obra jornalística não ficcional com maior profundidade temática e que, para tanto, exige maior trabalho de campo. Para descrever os acontecimentos com exatidão, o jornalista precisa de contato com o universo que o cercam, e o profissional pode passar meses ou anos investigando determinado tema (BERND; OLIVEIRA, 2021). “Dessa forma, ele pode sentir a realidade, trazendo vida, sentimentos, rostos, nomes, cores, lugares e sensações à matéria” (idem, p. 7).

Entretanto, não basta somente observar a realidade para escrever um livro-reportagem. É preciso, também, atentar-se a informações e dados concretos. De acordo com Chaparro (2006), a contextualização é fulcral para a realização do livro. Ademais, a checagem é essencial para garantir a acurácia da investigação conduzida pelo repórter. Assim como complementa Pereira Jr, “o feijão-com-arroz do repórter e do editor é impedir a publicação de versões que se anulam [...] Isso consoma como um desserviço ao público” (2006, p. 71).

3.2 O PERFIL JORNALÍSTICO

A modalidade jornalística escolhida para compor o livro é o perfil, focado em nove cidadãos curitibanos, em analogia a cada círculo do inferno dantesco. A ideia, assim, foi construir um parâmetro das desigualdades curitibanas a partir de seus próprios habitantes, ao retratar as dificuldades que enfrentaram ao longo da vida e/ou ainda enfrentam.

Para além do *lead* e do acontecimento factual, o texto é centrado no personagem, que deixa o pano de fundo dos acontecimentos para ser o foco da matéria (TAVARES; SCHWAAB, 2013).

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, 1986, p.126).

É importante ressaltar que o perfil exige, assim como o livro-reportagem, extenso trabalho de campo. “[...] pode exigir um trabalho superior a qualquer outro gênero de jornalismo: a obsessiva busca por pistas de um detetive, a visão em escala de um historiador” (VILLANUEVA CHANG, 2010). Na maioria das vezes, a entrevista é a base para a construção do texto, o que não quer dizer que uma única conversa com a fonte baste para compreender todas as suas faces. Uma pessoa tem inúmeras versões de si, as quais expõe para diferentes pessoas de seu convívio — “os indivíduos nascem [...] a partir do olhar do sujeito sobre si e sobre o outro” (TAVARES; SCHWAAB, p. 176). Deste modo, a busca de documentos, livros e a realização de entrevistas com outras fontes próximas ao personagem são desejáveis para a redação do perfil.

A discussão sobre gêneros e modalidades jornalísticas é extensa, e o objetivo deste texto não é extinguir as possibilidades. Entretanto, é necessário localizar o perfil dentro do jornalismo. Luís Beltrão (1984) divide a atividade em gêneros informativo, interpretativo e opinativo, em obras publicadas entre 1965 e 1980. Marques de Melo (1985), por sua vez, exclui o gênero interpretativo, uma vez que, para ele, a análise dos acontecimentos é inerente a todos os produtos jornalísticos. Não existe consenso sobre qual o lugar do perfil nesta classificação, somente que é considerado um gênero do jornalismo literário. Entretanto, como pontua Marques de Melo, é inegável a dimensão analítica exigida do jornalista. “O conhecimento é sempre construção e tradução [...] toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe” (MORIN, 1997, p. 201).

O autor de livro-reportagem tem, inclusive, a possibilidade de equilibrar no texto fontes documentais e impressões de outros entrevistados sobre o personagem às suas próprias concepções e impressões do perfilado, praticando a dimensão opinativa do jornalismo. “É possível advogar o papel do jornalista-mediador, que

poderá deixar sua marca nesse retrato do personagem” (TAVARES; SCHWAAB, p. 181). Esta marca pode se expressar por meio dos enquadramentos e falas escolhidas para retratar o entrevistado, mas também através da linguagem, a qual, por ser próxima da literária, permite ao jornalista exercitar a sua criatividade de expressão.

Fiz a escolha, em meus perfis, de trazer a fala de outras pessoas do convívio do perfilado. Este ponto é controverso entre os jornalistas, pois alguns afirmam que devem existir somente duas instâncias no perfil, a fala do personagem e as impressões do repórter sobre ele. No entanto, tomei como exemplo a **polifonia** dos perfis de *Vultos da República: Os melhores perfis políticos da revista piauí* (que será mencionado logo adiante), em que aparecem falas também de outras pessoas sobre o entrevistado. A vertente é defendida por Sérgio Vilas Boas:

Numa reportagem biográfica podemos trabalhar com um conjunto de ações e reações atribuídas à pessoa em foco. Refiro-me ao que a pessoa diz ao próprio respeito e ao que ela diz a respeito de outras pessoas ou a respeito dos acontecimentos contemporâneos que a afetam de algum modo; e também pelo que outras pessoas dizem dela (2003, p. 21).

Desta forma, escolhi trazer vozes outras além da minha e a do perfilado ou perfilada, com objetivo de enriquecer os relatos e enriquecer os perfis com detalhes que por vezes não caberiam, sem contexto, em minha própria narrativa.

3.3 INSPIRAÇÕES FORMAIS E TEMÁTICAS

Com base em leituras de livro-reportagem, algumas inspirações são *A sangue frio*, de Truman Capote (1966), e *Abusado*, de Caco Barcellos (2003), pela riqueza de detalhes e também pela riqueza literária dos relatos; *O nascimento de Joicy* (2015) e *Nabuco em pretos e brancos*, da jornalista Fabiana Moraes (2012), pela humanização e pela contextualização histórica e contextual que apresentam; *Vultos da República: Os melhores perfis políticos da revista piauí*, organizado por Humberto Werneck (2010), pela fluidez que guia as narrativas dos perfilados pelos jornalistas; e *Ela disse: os bastidores da reportagem que impulsionou o #MeToo*, de Jodi Kantor e Megan Twohey (2019), pelas reflexões que levantam ao longo da narrativa e pela leveza da linguagem ao tratar de um tema tão sério quanto o

assédio sexual.

Quanto à temática, cito o livro que me inspirou a pesquisar e a ler a *Comédia* de Dante: *Inferno*, de Dan Brown (2013). Por meio da história do professor de Simbologia Robert Langdon, o romancista guia o leitor pela Itália e também pela história, além de explicar quais os significados ocultos do inferno dantesco. Como complemento, existe o filme de mesmo nome, lançado em 2016 e estrelado por Tom Hanks, Felicity Jones, Ben Foster, Omar Sy, entre outros. Embora seja uma história ficcional, *Inferno* é um exemplo para mim de que modo inserir a simbologia no livro, além de como conduzir a narrativa de maneira fluida e cativante.

3.4 PROPOSTA DO PRODUTO

Minhas noites com Dante propõe capturar as desigualdades curitibanas com base em uma criação literária, o inferno dantesco. O objetivo, assim, é retratar a vida de habitantes da capital paraense que passam também por seus próprios infernos particulares, tendo como panorama maior a cidade de Curitiba. A modalidade jornalística escolhida para a construção do livro é o perfil, a fim de explorar diferentes modos de vida, personalidades e pensamentos curitibanos.

Como descrito na Introdução deste trabalho, o título é uma brincadeira de ambiguidade, como o jornalismo literário permite. Ele se refere às noites (ou seja, os períodos de sofrimento, de “escuridão”) enfrentados por cada um dos personagens, ao mesmo tempo em que retrata o meu processo de escrita, as noites que eu como autora passei escrevendo, na companhia imaginária do poeta que me inspirou, Dante Alighieri.

Foram escolhidas nove fontes, uma para cada círculo infernal, responsável por punir uma ou mais classes específicas de pecadores (conforme descrito no tópico *Construção imagética do Inferno*). O critério de escolha das fontes teve como intenção não recorrer ao óbvio, mas a uma ressignificação destes pecados, uma vez que o perfil é um estilo jornalístico empático ao personagem. Por exemplo, em vez de acusar o perfilado (neste caso, a perfilada) de guloso, a gula é utilizada como *gana*, vontade de viver. Isso não quer dizer que a personagem não tenha as suas batalhas particulares, utilizadas para traçar o seu perfil, entretanto não se pretende reduzir a personagem a este único aspecto.

Para a escrita dos perfis, seguiu o modelo tradicional do estilo: foram utilizadas ao menos duas fontes além do próprio perfilado, como livros, reportagens, bem como entrevistas adjacentes com pessoas de seu convívio, para apreender o máximo possível de sua vivência e de sua personalidade. Como já comentado, algumas destas fontes secundárias estão presentes nos perfis (ver página 43).

Tabela 1 - Fontes selecionadas para os perfis

Círculo	Pecado	Fontes	Critério de escolha da fonte
1	Pessoas de bem, mas que não foram batizadas	Irmã Anete	Luta contra o limbo social
2	Luxúria	Paulo Venturelli	Trabalha com o erotismo além da sexualização
3	Gula	Teca Sandrini	Gula como gana, vontade de viver
4	Avareza	Ney Souza	Lidou com um meio avarento
5	Ira/preguiça	Luciana Cortez	Acorda as pessoas para as mudanças sociais
6	Heresia	Mãe Dalzira	Não segue a religião cristã
7	Violência	Marlene de Oliveira	Vivenciou a violência durante a vida e luta contra ela hoje
8	Fraude	Beatriz Abagge	Sofre com os efeitos da fraude
9	Traição	Alidi Habah	Traição pela pátria (vivência do preconceito)

Já que o produto aproxima o Jornalismo da Literatura, uma vez que cita diretamente *A Divina Comédia*, um dos poemas mais conhecidos do mundo, explorei as possibilidades criativas. Nos perfis, mesclou-se a concisão do jornalismo com a liberdade possibilitada pelo paralelo literário. Espero que tenha conseguido transmitir a personalidade dos personagens por meio de uma linguagem fluida e criativa, que também exprima o meu próprio estilo enquanto jornalista.

Sobre a estrutura do livro, em primeiro lugar está o prólogo, escrito pela jornalista Annalice Del Vecchio de Lima, e depois a minha apresentação,

responsável por contextualizar rapidamente o paralelo com o Inferno dantesco, que vem antes dos perfis propriamente ditos. O objetivo é aproximar o leitor que não conhece a história da *Comédia* (e também do que conhece, ampliando a sua compreensão sobre a obra), mas também traçar uma rápida explicação acerca de como foi a interpretação lúdica que fiz de cada pecado.

Acompanhando cada um dos nove perfis, uma página em preto introduz o pecado focado (na ordem dos círculos), com duas estrofes do *Inferno*, e, em seguida, a reprodução de uma obra de um artista italiano permite a contextualização de como se pensava sobre o tema nos tempos “próximos” a Dante. Por exemplo, para o círculo da luxúria, a obra escolhida foi *Primavera*, de Botticelli (1482), que demonstra a luxúria e o campo das paixões em um bosque florido. Escolhi, assim, obras entre 1100 e 1600, três séculos antes e depois da escrita da *Comédia*. Depois, segue o perfil, com a foto do perfilado ao final. Escolhi revelar a foto por último para que o leitor possa exercer sua imaginação enquanto lê, para ao final saber como parece a pessoa que passou por todas aquelas experiências. O principal não são as aparências.

Por último, o livro se encerra com o meu posfácio, em que conto como foi, para mim, escrever *Minhas noites com Dante*, a fim de satisfazer a possível curiosidade do leitor de como foi a minha experiência e como tive a ideia do livro.

CONCLUSÃO

Minhas noites com Dante mudou minhas impressões sobre ser jornalista. Lembro-me de pensar, depois da primeira entrevista que fiz para o livro, que tudo o que havia vivenciado na profissão não tinha me preparado para o que vivi naquele momento. Foi com Marlene, do círculo da violência. Só a gravação de nossa conversa durou 2h40 e, infelizmente, nem tudo consegui registrar. Entrei na casa da personagem e com ela ri, chorei, encantei-me pelo seu modo de ser, ao mesmo tempo em que sofri como nunca ao escutar o seu relato. O que, como jornalista, era o mais adequado a se fazer? Fui embora da entrevista e passei duas horas sentada em um restaurante de *fast food*, completamente desorientada sobre como agir conforme uma profissional prestes a se graduar. Ali, pareceu mais difícil do que nunca ser comunicadora.

Quase seis meses depois desta primeira entrevista, posso estar perto de uma resposta. O jornalista que trabalha em um veículo de comunicação não consegue ser totalmente imparcial, como já citado: “O conhecimento da realidade é sempre seletivo, perspectivo e construtivo” (SPONHOLZ, 2003). Mas há situações em que o autor não necessariamente *precisa* ser. O perfil deixa escapar, nas entrelinhas, a personalidade de quem o escreve. Fala-se cada vez mais de *influencers*, que movem multidões devido à sua maneira de enxergar o mundo. O que eles são senão pessoas que reagem aos acontecimentos de acordo com suas impressões na internet? Viver em sociedade sempre demandou sociedade sempre — e hoje cada vez mais — posicionamentos de cada indivíduo.

Ao analisar o meu trabalho pronto, percebo que meu papel não foi retratar objetivamente cada um dos entrevistados. Não quis dar um panorama completamente neutro deles, até porque não fui neutra ao entrevistá-los. Em nossas conversas, exibi minha personalidade. Em alguns pontos, eu e as fontes concordamos; em outros, não. Tive, em cada conversa, impressões diversas. Alguns fatos se prenderam em minha memória e foram prontamente escritos em cada perfil, mas alguns detalhes, que poderiam interessar outro repórter, pareceram-me “passáveis”, ou seja, passíveis de serem removidos do texto final. Para resumir: se não fosse *eu* ao entrevistar, *eu* ao escrever, *eu* ao elaborar as ideias, seria um resultado diferente. Mesmo com o mesmo ponto de partida do qual saí.

Na prática, descobri a magia do jornalismo literário e do opinativo, dos quais

me utilizei no livro. A liberdade de poder construir o texto sem as pressões do número de caracteres, do *deadline* apertado, do engessamento do formato é tentadora. Meu grande aprendizado, assim, não foi trabalhar de maneira objetiva e imparcial, no entanto compreender como lidar com minhas próprias descobertas na escrita dos perfis. Refletir o que interessa ao leitor, o que não interessa, como atender ao interesse público sem invadir a privacidade do entrevistado. E, é claro, controlar a minha própria voz, que não deveria se sobressair à do personagem. Mas ela está presente, sim. Nas páginas, deixo escapar pequenos traços de opinião, pequenas características de Isabela Stanga entre uma vírgula e outra.

O objetivo do meu trabalho era descobrir quem eram os pecadores curitibanos e contar suas histórias, de acordo com seus contextos de vida e seus infernos particulares. A experiência de escrita me permitiu encontrar “pecadores” em diferentes contextos, e cada qual carrega dentro de si momentos de dor, sofrimento e passagens pelo Inferno. Encontrei personalidades que se destacam na cidade não somente por suas lutas contra o “mal”, contra o “pecado”, mas também por sua força durante este processo. São figuras importantes para a capital, famosas e anônimas. Vale destacar que os perfilados são apenas uma amostra de todos os “pecadores curitibanos” que, em última instância, são todos os cidadãos que enfrentam suas lutas particulares e as dificuldades de seu entorno cotidianamente.

Descobri que ser jornalista não é fácil. Pelo contrário, é mais difícil do que eu pensava. Lidar com entrevistas em profundidade e histórias marcantes é duro, mas também fascinante. Ouvir vivências alheias sempre moveu rodas de fofoca e fuxicos. Atualmente, entre um *post* e outro, a sociedade demanda cada vez mais esse traço: a **pessoalidade**. Quase todos com acesso à internet (obviamente, deve-se considerar a *desigualdade social* cruel que priva parcelas da população de certos luxos) têm perfis nas redes sociais, em que compartilham suas vidas diariamente. A alegria de quem navega na rede, por outro lado, é ver o que os outros estão fazendo. É um olhar sobre o que é outro, estranho, desconectado da própria vivência.

Meu livro traz essas histórias que os leitores tanto buscam em redes sociais. Experiências outras além das próprias. Ao mesmo tempo, o leitor percebe que quem escreveu os perfis também tem as suas vivências e opiniões. É por isso que robôs não vão substituir jamais um jornalista. É uma pessoa falando para pessoas, de

maneira *humana*, com opiniões e percepções diversas. Nem todos pensam nem sentem igual, como um sistema das máquinas. Que continue assim, pelo bem do diálogo e da diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, D. **Inferno**. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.
- BALHANA, A.; MACHADO, B & ESTPHALEN, C. **História do Paraná** (v. I). Curitiba: Graphipar, 1969.
- BARLETA, L; PEREIRA, M. Mulheres à beira de um ataque... Honra e família na Vila de Curitiba. **Curitiba e seus homens-bons: espaço e sociedade na Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2011.
- BARROS, J. D. Cristianismo e política na Idade Média: as relações entre o papado e o império. Horizonte: **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Vol. 7, Nº. 15, 2009, págs. 53-72.
- BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BIRMAN, J. **Por uma estilística da existência**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BRENNER, G.; NOGUEIRA, C. Curitiba: sociedades operárias da virada do século XIX. **3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas**. Belo Horizonte, 2014.
- CALDAS, A. C. Aniversário de Curitiba: De “cidade modelo” ao ranking das mais desiguais do mundo. **Brasil de Fato**. Curitiba, 29 mar 2019. Disponível em <<https://www.brasildefatopr.com.br/2019/03/29/aniversario-de-curitiba-de-cidade-modelo-ao-ranking-das-mais-desiguais-do-mundo>>. Acesso em 16 de abril de 2022.
- CANCLINI, N. Imaginários culturais da cidade: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008.
- CARETTI, L. **Filologia e crítica**. Milano-Napoli: Ricciardi, 1955.
- CHANG, J. V. O Crítico de pessoas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 jul. 2010. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/o-critico-de-pessoas-305126.html>>. Acesso em: 30 ago 2022.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. De como a ciência pode ajudar a notícia. **O Ribatejo**. Santarém, 1998.
- CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. Fundação Perseu Abramo, 2001.
- COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- COSTA, W. S. R. Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber. **Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião**, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sacrilégens, Juiz de Fora, v.14, n.2, 2017.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

DISTANTE, C. Prefácio. In: DANTE. **A Divina Comédia: Inferno**. 5.^a ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERNANDES, C. **A interpretação do livro de imagens**: uma análise em construção. V Seminário de Estudos em Análise do Discurso. O acontecimento do discurso: filiações e rupturas, Porto Alegre, 2011.

FERNANDES, F. R. **Idade Média**: religião, cultura e política. Curitiba: Máquina de Escrever, 2020.

FRITOLI, E. **Entrevista concedida a Isabela Stanga em 07 de abril de 2022**. Departamento de Letras Italiano, Universidade Federal do Paraná (UFPR).

G1 PR. Paraná é um dos líderes na produção madeireira do Brasil. **G1**. Curitiba, 13 jun 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/2021/06/13/parana-e-um-dos-lid-eres-na-producao-madeireira-do-brasil.ghtml>>. Acesso em 17 de agosto de 2022.

GABARDO, D. M. Curitiba: Cidade Verde. **Portal da Secretaria Municipal de Educação**. Curitiba, 31 mar 2021. Disponível em <<https://educacao.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-cidade-verde/19360>>. Acesso em 16 de abril de 2022.

GARCIA, F. E. S. **Cidade espetáculo**: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997.

GENGHINI, G.; SQUAROTTI, G. B. **Antologia della Divina Commedia**. Bergamo: Istituto Italiano Edizioni Atlas, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Brasília: Editora UFMG, 2006.

HISTÓRIA TJSP. Evolução histórica das comarcas. **Tribunal de Justiça de São Paulo**. São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://www.tjsp.jus.br/Memoria/Historia/Comarcas>>. Acesso em 4 de agosto de 2022.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2. ed. São Paulo: Manole, 2004.

MAIA, M. Perfil: a composição textual do sujeito. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MARTINS, J.C. Conheça a história dos Planos Diretores de Curitiba - Parte I. **Câmara Municipal de Curitiba**. Curitiba, 03 set 2020. Disponível em <<https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/conheca-a-historia-dos-planos-diretores-d-e-curitiba-parte-i>>. Acesso em 23 de janeiro de 2023.

MARTINS, J.C. Zoneamento de Curitiba: surge o Plano Diretor (1960-2019). **Câmara Municipal de Curitiba**. Curitiba, 19 mai 2022. Disponível em <<https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/zoneamento-de-curitiba-surge-o-plano-dir-etor-1960-2019>>. Acesso em 23 de janeiro de 2023.

MAROS, A. Curitiba bate recorde com 84 mil em extrema pobreza. **Jornal Plural**. Curitiba, 24 jun 2021. <Disponível em <https://www.plural.jor.br/noticias/vizinhanca/curitiba-bate-recorde-com-84-mil-em-extrema-pobreza/>>. Acesso em 8 de abril de 2022.

MORIN, E. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MUNDO EDUCAÇÃO. Plantation: características desse modo de produção. **Uol**. São Paulo, s.d. Disponível em <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/plantation.htm>>. Acesso em 03 de agosto de 2022.

NASCIMENTO, J. C.; ORLANDO, E. A. A Igreja Católica e a educação brasileira: Álvaro Negromonte e o Discurso de Moralização da Nação. **Scientia Plena**, v. 3, n. 5, 2007.

OLIVEIRA, A; BERND, Z. Livro-reportagem: um produto cultural a serviço da memória: uma análise da obra Uma Questão de Justiça da jornalista canadense Isabel Vincent. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 21. Florianópolis, Pelotas, São Paulo: 2021.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e industrialização no Paraná**. Curitiba: Seed, 2001.

OLIVEIRA, M. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos Ceru**, v. 23. São Paulo, 2013.

PEIXOTO, M. **Estudantes guineenses na Universidade Federal de Uberlândia: sociabilidade e identificação em terras além-mar**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2014.

PEREIRA JR, L. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

PERIN, G. Imigração ucraniana em Curitiba. **Turistória**. Curitiba, s.d. Disponível em <<https://www.turistoria.com.br/imigracao-ucraniana-em-curitiba>>. Acesso em: 28 ago 2022.

PESSA, B. R. Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações. **Regiocom**. São Paulo: Universidade Metodista, 2009.

RAMIRES, M. Em Curitiba, Covid contamina mais em bairros pobres. **Portal Porém.net**. Curitiba, 29 de março de 2021. Disponível em <<https://porem.net/2021/03/29/em-curitiba-covid-contamina-mais-em-bairros-pobres/>>. Acesso em 16 de abril de 2022.

REYNOLDS, B. **Dante, la vita e l'opera**. Milano: Longanesi, 2007.

RIBEIRO, M. Relatório 1888 Presidente José Cesário de Miranda Ribeiro. **Arquivo Público do Paraná**. Curitiba, 1888.

ROCHA, M. Erva “matte”: o ciclo econômico que mudou Curitiba. **Câmara Municipal de Curitiba**. Curitiba, 27 mai 2022. Disponível em <<https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/erva-201cmatte201d-o-ciclo-economico-que-mudou-curitiba#:~:text=Sua%20produ%C3%A7%C3%A3o%20chegou%20a%20representar,interesse%20por%20essa%20atividade%20econ%C3%B4mica>>. Acesso em: 17 de agosto de 2022.

ROCHA, P.; XAVIER, C. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores**, n.14. São Paulo: 2013.

SAMEK, J. **Curitiba entre o mito e a realidade**. Curitiba: Fotolaser, 1999.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, C. R. **Vida material e vida econômica**. Curitiba: Seed, 2001.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SONEIRA, Abelardo et al. **Sociologia de la religión**. Buenos Aires: Docencia, 1996.

SOUSA, T. F. **Curitiba e o mito da “cidade modelo”**. Acervo da Universidade Federal do Paraná, 2012.

SOUZA, J. **Brasil dos humilhados**: uma denúncia da ideologia elitista. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

SOUZA, N. Autor de livro sobre a "Divina Comédia", Armindo Trevisan defende atualidade da leitura do clássico de Dante que completa 700 anos. **Zero Hora**. Porto Alegre, 30 abr 2021. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2021/04/autor-de-livro-sobre-a-divina-comedia-armindo-trevisan-defende-atualidade-da-leitura-do-classico-de-dante-que-completa-700-anos-cko38oziy007g018mrl7c4f40.html>>. Acesso em 15 abr 2022.

SPONHOLZ, L. Objetividade em jornalismo: uma perspectiva da teoria do conhecimento. Porto Alegre: **Revista Famecos**, nº 21, 2003.

SUTIL, M. **O espelho e a miragem**: moradia e modernidade na Curitiba do começo do século 20. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

NADALIN, S. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: Seed, 2001.

TRINDADE, E.; ANDREAZZA, M. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: Seed, 2001.

TRINDADE, E. **Clotildes ou Marias**: mulheres na Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

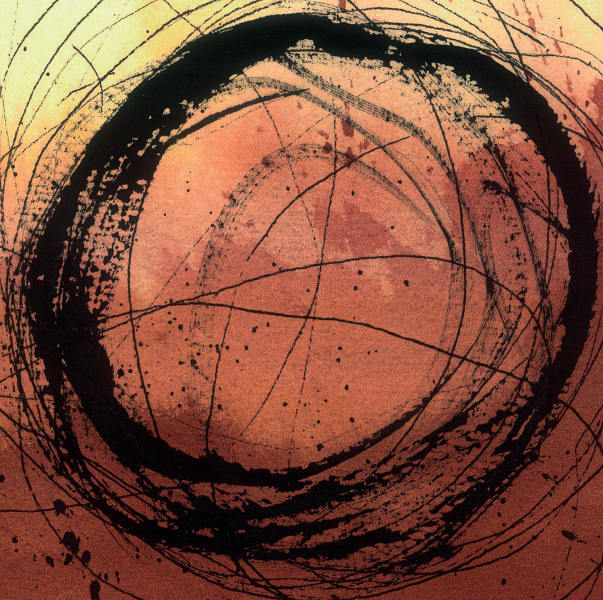
VASCONCELOS, E.D. Os teóricos da Pré-renascença e explicação da Divina Comédia. **Recanto das Letras**. 14 jan 2017. Disponível em <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/6027013>>. Acesso em 24 de janeiro de 2023.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

Minhas noites com Dante

ISABELA
SIMM STANGA

Os nove círculos
de Alighieri na vida
de personagens
curitibanas.



Minhas noites com Dante

Os nove círculos de Alighieri na vida
de personagens curitibanas.

Título original

Minhas Noites com Dante

Projeto gráfico

Catherine Grein e Renato Antunes Jr.

Fotografias

Isabela Stanga/ Beatriz Abbage (foto cedida)

Capa

Leonardo Costa Monte e Renato Antunes Jr.

[2023]

*Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao curso de Jornalismo
da Universidade Federal do Paraná.*

Todos os direitos desta edição reservados a Isabela Stanga

*Para Ilda Maria, que sempre me incentivou a
seguir meus sonhos.*

Prefácio

Por Annalice Del Vecchio de Lima

Quando recebi o convite para escrever o prefácio deste livro, fiquei intrigada: em sua proposta de traçar perfis de personagens curitibanos baseados nos círculos do Inferno de Dante, quem Isabela Stanga mandaria para as profundezas da terra? Fui logo enfileirando em minha mente personalidades da história da cidade merecedoras de serem torturadas em um dos nove círculos concêntricos descritos na primeira parte da Divina comédia, à maneira como o poeta florentino condenou ao sofrimento amigos, inimigos políticos, amantes, poetas, papas, reis e rainhas. Logo achei que a tarefa de apontar o dedo para uns e outros seria um tanto ousada e, acima de tudo, temerária.

De fato, como ficaria sabendo ao ter acesso ao livro, Isabela adentra a selva escura na qual se perde Dante-personagem por outra via: assim como o poeta visita as profundezas infernais, ela percorre os recônditos curitibanos com a intenção de revelar “pecados” que, no caso de seus personagens, são virtudes – ao contrário do poeta, cuja intenção era demonstrar aos seus leitores que os erros cometidos em vida seriam punidos exemplarmente no além.

Moradora de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, a autora conta que o projeto nasceu, em

parte, da vontade de se sentir mais próxima à capital paranaense, onde nasceu, trabalha e estuda, sem nunca se sentir plenamente conectada a ela. Dante, ao escrever *A divina comédia*, sonhava em se ver novamente em sua terra de origem, Florença, de onde havia sido expulso por suas ideologias políticas. Imbuído de uma crença absoluta nas leis do cristianismo, mas também movido pelo sentimento amargo do exílio, fez do inferno morada eterna de alguns cidadãos ilustres da cidade, que, em vida, corromperam, trapacearam, traíram, dentre outros pecados. Morreu em Ravenna, sem nunca ter retornado a sua cidade.

Já Isabela reforçou os laços com Curitiba ao desbravar seus quatro cantos de ônibus, a pé, de Uber, não para condenar como o poeta católico do século 14, mas para reviver a história de pessoas que souberam transformar seus infernos particulares em realizações, sob a forma de arte, literatura, voluntariado, moda, senso de justiça, ativismo político. Faz o que ela mesma chama de uma ressignificação dos pecados punidos no Inferno, aplicando sobre eles nossa visão atual, já desprovida dos rigores cristãos da época medieval. Desse modo, pecados como luxúria, gula, avareza, ira, preguiça e heresia podem se tornar, até mesmo, qualidades de quem os pratica. É o caso, por exemplo, de Paulo Venturelli, que cultiva tanto a avareza, ao manter um apartamento com mais de 15 mil livros, como a luxúria, como autor de literatura homoerótica. Mas, hoje, quem o mandaria ao círculo dos luxuriosos, como fez o Dante-autor com os amantes Paolo e Francesca, para grande tristeza de Dante-personagem? E quem

condenaria a artista Teca Sandrini ao círculo dos gulosos por nutrir um desejo insaciável de arte que se reverte em uma vasta produção de pinturas e no comprometimento com o setor cultural paranaense? Ou o carnavalesco e estilista Ney Souza, cujos tesouros mantidos por décadas em seu espaçoso apartamento tornar-se-ão acervo do primeiro museu de moda da América Latina?

Outros pecados, como a fraude e a violência, sejam elas quais forem, seguem sendo intoleráveis e, infelizmente, não são punidos na Terra com a mesma eficiência com que são no Inferno de Dante. O capítulo que abre este livro, “Limbo”, refere-se não ao círculo infernal destinado aos não batizados, uma falta grave na Europa à época de Dante, quando não ser cristão era inconcebível, mas a espaços da cidade onde as pessoas vivem no que Isabela chamará de “limbo social”, às margens da cidadania, atingidas pelos efeitos da desigualdade social, como a pobreza, a violência, a fome. É o caso da Vila Sabará, loteamento popular irregular localizado na Cidade Industrial de Curitiba, onde há 30 anos a irmã Anete Giordani minimiza como pode os impactos causados pela ausência do poder público. Intitular de “Preguiça” o capítulo sobre Luciana Cortez, que motivou idosos de um loteamento popular a escrever cartas de reclamação para a prefeitura e a encontrar no crochê uma forma de motivação e terapia, induz o leitor a pensar no modo como problemas mentais e depressão ainda são tratados com imenso preconceito e falta de informação. Há ainda capítulos que revelam, em uma livre adaptação da frase de Sartre, que o inferno são os outros, muitas vezes,

aqueles mais próximos. É o caso de Marlene de Oliveira, vítima de violência doméstica ao longo de 50 anos que, hoje, aos 70 anos, promove a “dança da libertação”, ajudando outras mulheres a reagir.

Como se vê, Isabela Stanga buscou uma associação livre, aberta, com a obra de Dante Alighieri, deixando a quem lê espaço para tecer as próprias reflexões, tirar as próprias conclusões, sobre os pecados e seus “pecadores” – e se acaso não seriam eles vítimas e testemunhas dos pecados alheios. A autora se move no livro sob o exemplo de Dante-personagem, que, ciceroneado por Virgílio, adentra o reino do Inferno com a missão divina de testemunhar os castigos infligidos aos pecadores e, de volta à vida, como que despertado de um sonho, contar o que viu à humanidade, sob a forma de um grande poema.

Apresentação

Por Isabela Stanga

“Deixai toda a esperança, ó vós que entraís”. Esta é a inscrição que abre o Inferno, como descreve o poeta italiano Dante Alighieri em sua *Divina Comédia*. São palavras que quase podem ser ouvidas, tão vívido impacto despertam à imaginação. Ao longo dos séculos, a obra inspirou artistas, pintores, cineastas e escritores a criarem suas próprias versões das “profundezas”, baseadas na descrição fornecida por Dante. Até hoje, continua sendo um poema ímpar para a literatura, discutido e pesquisado no mundo todo.

Resta saber como pode um texto escrito entre 1302 e 1321 ser tão importante ainda hoje. Existem alguns pontos a considerar. Antes de tudo, é preciso saber do que se trata a *Divina Comédia*. A saga épica de Dante se chamava originalmente *Comédia* — a palavra “divina” foi acrescentada por Giovanni Boccaccio, em 1477, — e é dividida entre *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Ao longo dos cantos (como são chamados os capítulos) escritos na língua vulgar italiana, o poeta narra sua descida ao submundo, a passagem pela terra dos que buscam a redenção e, por fim, a chegada à glória eterna.

Pode parecer aleatória a escolha de Dante por esse tema. “Qual a razão para fazer um poema dessa natureza?” Não se pode negar que o poeta era dono de uma criatividade aguçada. E tinha um objetivo: catequizar. Estava-se na Idade Média

e o cristianismo se espalhava pela Europa. Dante, italiano de Florença e homem fervoroso, queria fazer com que as pessoas se aproximassem de Deus, levando uma vida pura e santa, incentivadas pela perspectiva de redenção e também por medo dos castigos do Inferno.

Em certo sentido, deu certo. Não só no *trecento*, mas ainda na atualidade persiste a imagem do Inferno com demônios, fogo e punições. Há quem diga que lá embaixo tudo é feito de gelo. Adivinha? Também há geleiras no Inferno de Dante. Ele basicamente criou o mais bem sucedido conto de fadas da história da humanidade. Só que com anjos, diabos e almas perdidas.

O *Inferno* é o primeiro livro da trilogia e apresenta a entrada de Dante às trevas, até a sua chegada aos pés do Monte Purgatório. A magia do poema é a quantidade de detalhes que o poeta criou para descrever as instâncias dos condenados (e para as demais também, diga-se de passagem). De acordo com o autor, antes do Inferno propriamente dito existiria o Anti-Inferno, local que reuniria os indecisos, que não tomaram nenhuma causa em vida. Em seguida, estaria o Inferno em si, formado por nove círculos concêntricos, cada um responsável por punir uma falha humana do ponto de vista cristão: falta de batismo, luxúria, gula, avareza, ira e preguiça, heresia, violência, fraude e traição.

As punições para cada pecado se baseiam no *princípio do contrapasso*, conhecido também como a Lei de Talião: “olho por olho, dente por dente”. As penas para os pecados cometidos, assim, mantêm relação com as faltas cometidas pelos

pecadores. Por exemplo, os luxuriosos são condenados a passar a eternidade carregados por fortes ventos, uma vez que, em vida, deixaram-se levar por suas paixões.

Mais importante do que os pecados e as punições propriamente ditas são os personagens que Dante insere em toda a *Comédia*. São seus conhecidos do tempo de Florença, cidade de onde foi exilado em razão de sua carreira política. Amigos, inimigos, amantes estão na obra. Mesmo que o Inferno seja um lugar fictício, estão lá os personagens florentinos, como Francesca da Rimini e Paolo Malatesta, no círculo da luxúria; e o Papa Anastácio II, no círculo dos hereges. Basicamente, Dante destinou pesadas punições aos seus inimigos, como Filippo Argenti, lançado no quinto círculo infernal (que pune a ira). Já Beatriz, seu eterno amor inalcançável, está em um dos círculos mais altos do Paraíso.

De uma forma ou outra, o *Inferno*, o *Purgatório* e o *Paraíso* são Florença, posto que o autor construiu no livro cenários míticos, com base nas percepções e conflitos que viveu na cidade.

Tomemos o *Inferno* como exemplo. Na primeira parte do poema épico, Dante expõe desigualdades, corrupções, traições e incontínuas que conheceu em Florença. Isso quer dizer que qualquer cidade pode ela mesma abrigar um *inferno particular*. É essa ideia que proponho neste livro: deslocar o Inferno para Curitiba, a capital do Paraná, e identificar personagens que formam a narrativa.

Curitiba não está tão distante assim da Florença do século 14. Embora a capital paranaense viesse a surgir cerca de 370

anos depois da escrita da *Comédia*, os dilemas humanos reportados por Dante em seu *Inferno* também estão presentes aqui. Uma cidade com cerca de dois milhões de habitantes, de acordo com o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), esconde muitas realidades paralelas. Quem são os curitibanos que chegaram perto do *Inferno* de Dante? E quais as diferentes realidades em que vivem?

Na busca de responder a esse questionamento, conto neste trabalho a história de nove pessoas que habitam ou já habitaram a cidade — e que passam também por seus próprios infernos particulares. Por meio de perfis de homens, mulheres, jovens e idosos, de etnias e classes sociais diversas, mostra-se o cenário diverso e desigual da cidade de Curitiba.

Vale ressaltar que não levei os pecados de Dante ao pé da letra, até porque foram formulados sete séculos atrás, quando se julgava demais e se simpatizava de menos. Proponho nesta obra uma ressignificação dos pecados punidos no *Inferno*. Cada personagem tem uma vivência única que tangencia a desigualdade social de alguma maneira. Não são, a rigor, pecadores. Nem santos. São observadores privilegiados da miséria humana.

Nem sempre a relação dos personagens com o pecado é explícita. O que une um carnavalesco à avareza? Por meio de uma análise 100% racionalizada, a relação não aparece. Mas, permita-me uma interpretação livre. A avareza, em sentido literal, é a busca por tesouros. Tesouros esses que Ney Souza acumulou ao longo de sua vida. O pecado pode ser uma experiência positiva. Teca Sandrini é uma artista plástica quase

cega. Ela vive em um ambiente de grandes apetites visuais e, mesmo privada deles, o desfruta. Há dentro de si uma gula, um desejo insaciável de arte. Existem também relações indiretas com o pecado. A religiosa Anete Giordani não faria parte do limbo dantesco, pois foi batizada. Mas, em Curitiba, vive em meio ao limbo social.

Em resumo, prezei pelo lúdico em prol de uma interpretação livre do *Inferno*. Busquei relações de alguma maneira com os pecados, porém sem ser plenamente fiel ao que pregava Dante. De todo modo, todos nós estamos ligados a esses “pecados” de alguma forma, seja ela direta, indireta, negativa ou positivamente.

Agora, te convido a fazer a descida ao *Inferno* ao longo das próximas páginas. Aos curitibanos: pode ser que vocês reconheçam a maioria dos cenários. Mas com certeza encontrarão aqui algumas novidades. Boa leitura.

*Por mim se vai à cidade dolente,
por mim se vai à eterna dor,
por mim se vai entre a perdida gente.*

*Justiça moveu o meu alto feitor;
fez-me a divina potestade,
a suma sapiência e o primeiro amor.*

*Antes de mim não foram coisas criadas
senão eternas, e eu eterna duro.
Deixai toda esperança, vós que entraís.*

Inferno, Canto III (1-9). A Divina Comédia, Dante Alighieri.

Sumário

Limbo	23
Luxúria	35
Gula	47
Avareza	59
Preguiça	71
Heresia	83
Violência	95
Fraude	107
Traição	119

1. Limbo

É onde estão as almas boas, porém não batizadas.
Sua pena é somente espiritual: o desejo inalcançável
de contemplar a Deus.

*Sons aqui eu não pude perceber
de pranto, só suspiros, mas bastantes
para aquela aura eterna estremecer:*

*Só mágoa era, sem penas torturantes
que fazia a turba imensa suspirar
de homens, mulheres e infantes.*

Inferno, Canto IV (25–30). *A Divina Comédia*, Dante Alighieri.

Anete escolhe a vida

Há 30 anos, a freira Anete Giordani fez de uma das mais turbulentas áreas de ocupação de Curitiba, a Vila Sabará, um laboratório de ação solidária

“Diante de ti ponho a vida e ponho a morte, mas tens que saber escolher. Se escolhes matar, também morrerás. Se deixas viver, também viverás. Então viva e deixa viver...”. A canção é do Padre Zezinho e tem uma mensagem forte. Seu título é *Em Prol da Vida*. Curioso é que não existe frase melhor para descrever a pessoa que a cantou para mim.

Pacifista, mas colérica (em suas próprias palavras), a religiosa Anete Giordani fala o que precisa ser dito — e a quem precisar escutar. Ser irmã da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus não lhe impede de ser firme. O sotaque gaúcho dá sonoridade característica a sua fala. Por vezes, usa expressões rurais, herança de seu tempo como trabalhadora do campo, no Rio Grande do Sul. Também gesticula e fala alto, como boa descendente de italianos. É presença marcante no ambiente.

Há quase 30 anos, Anete faz parte da equipe do Centro de Assistência Social Divina Misericórdia (CASDM), organização da sociedade civil que atua na Cidade Industrial de Curitiba.



Manuscript of the Cantata of Padre Zezinho, 1960, by Anete Giordani.

É o maior bairro da cidade, com mais 170 mil habitantes, e mais de 80 vilas, onde reside a classe trabalhadora da capital. É na Vila Sabará, loteamento popular irregular, onde está a sede do CASDM. Ali, as ruas mal são asfaltadas e têm uma quantidade assustadora de buracos. Barracos e pequenos comércios formam quadras irregulares. Parece uma cidade de interior dentro da capital: todo mundo se conhece. Pela distância do centro da cidade, o poder público não chega. É um dos limbos de Curitiba.

O Centro de Divina Misericórdia fica no final de uma rua sem saída. Hoje, a irmã é sua gestora. Realiza mais o trabalho administrativo, principalmente captando recursos para a instituição. Quando chegou, em 1994, recolhia doações em mercados para entregar às famílias assistidas. Como assistente social em formação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), não concordava em somente doar os itens, sem contrapartidas que garantam formação e emprego à comunidade do Sabará. Na época, armas eram mais comuns nas mãos dos moleques do que livros de escola. Morriam cerca de dois a três adolescentes por semana. Décadas mais tarde, Anete faz terapia para tentar se recuperar do luto. “Eu consolava as famílias. Não podia demonstrar meu próprio sofrimento. De uns tempos para cá que comecei a sofrer de verdade por aqueles meninos”.

Na virada do século, a irmã inventou uma reforma na Divina Misericórdia. Disse a todos que, a partir do ano 2000, ia ser tudo diferente. Só ganhariam alimentos aqueles que participassem de uma reunião semanal e que dessem o endereço

para cadastro. Muitos se opuseram. Não quiseram dizer onde viviam. Mas, junto com estagiárias da PUC, Anete deu seus pulos para visitar os barracos onde viviam as famílias assistidas pela instituição. Eram imigrantes latino-americanos e brasileiros, com destaque aos vindos da Região Nordeste. Ali, viu o sofrimento de mães, pais, filhos e avós e soube que seu chamado era ajudar a comunidade.

As reuniões semanais foram só o começo. Naquele ano, o Centro assumiu uma das creches da comunidade. Anete atuou ativamente para a ampliação do espaço. Fez bazares, vendendo roupas a 50 centavos. Mas não aceitaria menos do que o melhor que pudesse proporcionar para as crianças. Esse é seu lema de vida: todas as pessoas merecem tudo do bom e do melhor pois são, afinal, filhos e filhas de Deus.

Depois da creche, a irmã abriu uma escolinha de futebol para os jovens do Sabará. Era a treinadora do time. Com hábito e tudo, jogava bola com a piaçada. E por que não? Para Anete, não há limites para ajudar o próximo. Se era de uma treinadora que os adolescentes precisavam, Anete estava ali para ocupar o papel. Exerceu-o com orgulho por bons anos.

Atualmente, a instituição oferece também judô, rodas de conversa e serviços de psicólogas para crianças e jovens com objetivo de fortalecer vínculos, para utilizar a linguagem do Serviço Social. O desejo de Anete era poder oferecer inglês, robótica e tudo o mais. Tornar as crianças do Sabará competitivas para o mercado de inteligência.

Além do público infanto-juvenil, estendeu a atuação da Divina Misericórdia também para os idosos da comunidade.

À frente da instituição, a irmã abriu um centro de acolhimento com aulas de dança, música e demais atividades de grupo para a melhor idade. Teve que fechá-lo, porém, em 2019. Anete não dá recado: aponta o culpado direto pela situação. “O Greca [prefeito de Curitiba] acha que a gente tem que trabalhar de graça. Um pouco antes da pandemia, cortou as verbas destinadas ao serviço social.”

Conseguir dinheiro para realizar as atividades do Centro é trabalhoso. A entidade não tem vínculos com nenhuma instituição pública e nem religiosa. A verba vem de doações que Anete consegue aqui e ali com empresas, bem como de chamamentos públicos de financiamento. É um processo delicado, que exige muita conversa e negociação. Na maioria das vezes, não tem dinheiro até chegar perto do momento do pagamento dos serviços. É sufoco atrás de sufoco, mas nunca faltou nada. Toda vez que estão em necessidades, aparece alguém disposto a ajudar. Coincidência? Para Anete, é sinal da providência de Deus.

Cuidar das contas e da parte administrativa do Centro de Divina Misericórdia não é tarefa para amadores. Atualmente, são mais de 30 funcionários, 250 crianças e adolescentes e 150 idosos atendidos pelos projetos. Houve momentos em que a irmã teve crises por pensar não ser capaz de gerir tudo, mas está acostumada a lidar com orçamentos apertados. Quando jovem, fez o Ensino Médio Técnico em Contabilidade. Nunca abandonou o gosto pelos números (e pelas tabelas).

Antes de se tornar religiosa, estudou em uma escola rural nas entranhas de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. Quan-

do criança, já era hiperativa. Na época, não existia termo para isso, era simplesmente “arteira”. Ia para a escola e trabalhava na roça até escurecer. Mas não era nenhuma santa. Até brigava com os colegas de classe. Tinha seus namoradinhos. Jogava futebol no time da cidade e ia aos bailes todos os finais de semana. “Gaúcho tem essas manias estranhas”, ri.

Aos 6 anos quis ser freira pela primeira vez, quando recebeu em sua casa a visita de algumas irmãs, que lhe davam balas. Desejou ser religiosa para deixar as crianças felizes. Nada como uma boa dose de inocência infantil. Algum tempo mais tarde, quando era adolescente, voltou a receber a visita das freiras. Era agosto, mês das vocações para o catolicismo. As irmãs falaram sobre a missão das religiosas e Anete gostou. Decidiu começar o acompanhamento vocacional aos 14 anos. Permaneceu até os 16 estudando em Bento Gonçalves. Depois, foi enviada para Curitiba. Passou quatro anos na Itália em um convento até retornar ao Paraná nos anos 1990.

O hábito não pesa em seus ombros, apenas serve como lembrete da vida que escolheu, a caridade. A sua congregação, as Apóstolas do Sagrado Coração, é tida como conservadora. Anete não é assim. Acredita que é preciso dar aos necessitados, mais do que comida e roupas, oportunidades. É para isso que trabalha todos os dias. Não para mudar o mundo — tem “bronca” com palavras que prometem demais. Está contente em ajudar as pessoas ao seu alcance.

Uma das coisas que mais a revoltam é a desigualdade social. Percebeu na pele o quão forte ela é durante a pandemia já que, enquanto se falava em aulas *online*, as crianças do Sa-

bará mal tinham o que comer. O Centro teve que se virar nos 30 para continuar os atendimentos. Não tinha como parar, pois serviço via Internet é um luxo que as famílias atendidas não conhecem. Junto com os funcionários, Anete promoveu a distribuição de cestas básicas, pensou em aulas individuais para as crianças com horário marcado e visitas aos portões dos idosos. “Nós fomos a família de muitas pessoas que não podiam ver seus entes queridos”.

Nem parece que a irmã não nasceu ali na comunidade. Já passou mais da metade da vida na Cidade Industrial de Curitiba e se relaciona com naturalidade com o ambiente. Mora ao lado da sede da Divina Misericórdia junto com duas outras religiosas. Apesar disso, ainda chama o Rio Grande do Sul de casa (e torce para o Grêmio).

Passa dez dias por ano com os pais e os irmãos em Bento Gonçalves. Até hoje o pai chora quando o momento de Anete voltar para Curitiba chega. Sempre foi a menininha dele, mas sem nenhum luxo: ajudava-o com os caminhões e tratores quando pequena. Da mãe, puxou o gênio espirituoso e a proatividade. Mesmo que não esteja com os pais em presença, conversam-se sempre por meio de chamadas de vídeo.

Além do celular, Anete não tem quase nada para chamar de seu. Não ganha salário do Centro de Divina Misericórdia. Vive com pouco. Três hábitos lhe bastam para passar os dias. Tem também sapatos, chinelos e sua coleção de orquídeas, seu xodó. São quase 200 vasos de flores, cada uma especial à sua maneira. Deseja um dia criar a Trilha das Orquídeas para que mais pessoas as admirem. Sempre quando tem um tempo

livre, irmã Anete gosta de cuidar de suas plantas e de passar roupa. Também procura estar perto de águas, como riachos, quando precisa relaxar.

É claro, Anete conversa com Deus quando precisa de orientação. Mas não aquela conversa meio infantilizada que se vê por aí. “Temos uma visão mágica de Deus. Ele é gente grande. Converso com Ele com franqueza.” Ao enfrentar um grande desafio, gosta de imaginar o que Deus ou Nossa Senhora fariam se estivessem no Sabará. Segue o que sua intuição lhe diz. Ao longo de 30 anos, ela está lhe guiando certo. A religiosa expandiu a ação social em uma comunidade baseada em conflitos ao atuar por direitos básicos, como moradia, educação e alimentação.

Irmã Anete não perdeu a fé em nenhum momento de sua trajetória, por mais que tenha observado a miséria humana em todas as suas facetas. Acredita que a desigualdade social, assim como a pobreza e as guerras, é fruto das falhas humanas. Para ela, Deus não deseja que seus filhos sofram, mas dá a eles o livre-arbítrio, ou seja, a possibilidade de fazer o bem ou o mal. Defende que não se pode colocar tudo nas costas da divindade quando algo dá errado na Terra, uma vez que tomamos nossas próprias atitudes. Não é o tipo de religiosa que tenta converter quem não acredita em Deus. Sabe que as pessoas também têm o direito de não crer n’Ele.

Alguns a confundem com uma religiosa submissa, ou então pensam que ela é “muito enérgica” para uma irmã. Por Anete, tudo bem. Não se importa com o que pensam. Exerce sua vocação em paz consigo mesma e sente-se realizada.

“

Temos uma visão mágica de Deus.
Ele é gente grande.
Converso com Ele com franqueza.

”

Irmã Anete Giordani



2. Luxúria

Levados ao descontrolo pelas paixões humanas, os luxuriosos são condenados a viver sob uma ventania eterna, sem jamais se firmarem.

*Tôda palavra que falar te apraz
ou ouvir, será por nós falada e ouvida,
quando o vento calar, como ora faz.
[...]*

*Amor, que alma gentil pronto apreende,
este prendeu pela bela pessoa
de mim levada, e o modo ainda me ofende.*

Inferno, Canto V (94-96 e 100-102). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Paulo escreve à mão

Ao transitar tanto pelos romances infantis quanto pelos eróticos, o autor catarinense-curitibano Paulo Venturelli celebra a palavra do jeito tradicional, com caneta e papel

“O manto da palavra porta palavras e mantém um segredo em chave de rearranjos.” A frase é difícil de entender. Tive que ler uma, duas, três vezes para lhe tirar algum sentido. O autor do complicado excerto tem experiência no assunto: o escritor catarinense (mas praticamente um curitibano) Paulo Venturelli respira literatura. Me explica que as palavras guardam em si o segredo de mudar de significado de acordo com novos arranjos. Desconfiado, demora a oferecer um sorriso durante a conversa. Ao fim do papo de uma hora e meia, porém, o sisudo e objetivo Venturelli oferece um cafezinho.

Todos os dias de Paulo são dedicados aos livros. Em sua rotina, não existe domingo nem feriado. Os dias são uma sucessão de ler-escrever-ler-escrever. Não gosta muito de sair de casa. Na realidade, passa a maior parte do tempo em seu apartamento de trabalho, no tradicional bairro Bacacheri, em Curitiba, no qual guarda os seus livros. No total, são mais de 15 mil, todos catalogados em ordem alfabética por nome do autor.

A paixão pelo ofício começou desde cedo. Publicou o primeiro livro, *Asilo de surdos*, com os colegas de Letras da Universidade Federal do Paraná, em 1976. Hoje, sua bibliografia compreende 26 obras dentre poesia, contos e romances, tanto para o público adulto quanto infantil, pelo qual é nacionalmente reconhecido. Paulo ganhou o Prêmio Jabuti 2013 na categoria infantil com *Visita à baleia*. Outra de suas obras, *Admirável ovo novo*, é adorada pelos professores de literatura. Outra faceta de sua escrita, como já adiantado, são os livros eróticos, como *Bilhetes para Wallace* e *Madrugada de farpas*. Ambos tratam de romances homoafetivos entre dois homens, tema que Venturelli também explora no próximo trabalho que lançará.

Ao longo da carreira, Paulo também trabalhou com teatro, lecionando no Teatro Guaíra e encenando peças com o grupo “Todo dia tem neblina no horizonte”. Foi professor na Universidade Federal do Paraná, no Colégio Sion, tradicional instituição católica de Curitiba, e também no colégio particular Nossa Senhora Medianeira. Como educador, tinha fama de ser rígido com os estudantes, tão exigente quanto é com o próprio trabalho. Apesar da cobrança, alguns de seus alunos se tornaram amigos e companheiros de profissão.

Foi no colégio Medianeira que conheceu a companheira, Libera Regina. Estão juntos há mais de 40 anos e mantêm um relacionamento construído na base do companheirismo, mas com alguns “silêncios pontuados por alfinetadas”.

Machado de Assis tem espaço especial no seu coração e na sua estante. É o escritor favorito de Paulo. Mas não na fase

romântica: para ele, uma chatice. Tem toda a obra do escritor carioca e a leu completa, até “os chatos”. Sobre a clássica questão se Capitu traiu ou não Bentinho, acredita que esse não é o ponto principal do livro. “Dom Casmurro nos mostra que, por mais apaixonado que você esteja por alguém, não se pode confiar plenamente”.

O único amor em que pode confiar plenamente é pelos livros. Apaixonou-se jovem, quando ainda morava em Brusque, importante polo têxtil de Santa Catarina, e estudava em um seminário que funcionava como internato. Leu por primeiro as histórias do alemão Karl May, catatau de mais de 600 páginas que contavam aventuras de heróis em terras distantes. Depois, conheceu as narrativas de sir Arthur Conan Doyle, autor do detetive mais famoso da história, Sherlock Holmes. Até hoje tem apreço pela aventura, porém nunca leu nada de Agatha Christie, a rainha do crime. Um pecado para os fãs do romance policial.

O que realmente o despertou para a leitura, porém, não foi a aventura, mas uma pessoa. Padre Antoninho era seu nome. Foi professor de Paulo quando estava no ginásio. Lá pela sexta ou sétima série (o nome ainda era esse), o padre disse uma frase que nunca mais sairia da cabeça do jovem escritor, que ainda não sabia o que lhe reservava o futuro. “Quem quer ser inteligente na vida, tem que ler ao menos um livro por semana”. O professor mal imaginava que o aluno seguiria à risca o projeto, mas sim, ele seguiu.

Mais de seis décadas depois, Paulo vive uma rotina rígida de leitura e escrita. Ao levantar, sai do apartamento onde

mora, desce um andar e chega a sua segunda casa, às vezes acompanhado de Nino, poodle branquinho e dócil. O hall de entrada é repleto de estantes, onde pendem livros, fotos de família e itens do Athletico Paranaense, time para o qual torce com fervor. Em seguida vem a sala de estar, que abriga três mil CDs. Se Paulo já escutou todos? Jamais. “Nunca consegui ler todos os livros que tenho e nem escutar todos os CDs”, lamenta.

Um corredor iluminado guia para o coração do apartamento: o escritório-biblioteca, onde estão a maior parte dos livros, junto com a mesa de trabalho do autor. São muitos livros. Muitos mesmo — as paredes mal possuem espaços livres. Três cadernos enormes, daqueles universitários, preenchem grande parte da mesa e fazem parte de um esquema específico de escrita, que por pouco não é 100% analógico. Existe o primeiro caderno, que é o rascunho do rascunho dos textos de Paulo. Depois, ele passa a próxima versão para o segundo caderno, de rascunhos. A versão final é passada para o terceiro caderno e, por fim, para o computador.

A velhice cobra de Paulo os anos vividos. Enquanto trabalha em sua cadeira, abre uma das gavetas da escrivaninha para apoiar a perna esquerda. Coça a cabeça branca, que já não tem a mesma quantidade de cabelos de antes. Ajeita os óculos sobre os olhos que passaram por cirurgia de catarata, a fim de melhorar a visão. Mas não deixa de apreciar cada momento com a caneta na mão.

Os aparelhos eletrônicos não são muito a praia de Paulo. Tem WhatsApp, mas não o utiliza com muita frequência. Na

televisão, assiste raramente um ou outro programa de debate e, é claro, os jogos do Athletico. Nem pensar em ler *online*. Só livro físico mesmo. O que mais desperta o interesse no mundo digital, porém, é o Instagram, que utiliza como plataforma para conhecer novos autores pelo mundo. Quando se interessa por alguma obra, compra-a e manda entregar em sua casa, para ler a versão física.

Gosta da literatura de diversos países, em destaque para a alemã, a israelense, de nações africanas, a latino-americana e a russa. Isso sem falar da brasileira, que ocupa posição de destaque no apartamento, com algumas (muitas) prateleiras. Entretanto, Paulo considera que o Brasil não está em sua melhor fase de produção literária. “A literatura brasileira atual está meio fajutinha”, aponta. Conta, porém, de um artista curitibano que conheceu *online*. Um menino novo, mas muito bom. Lembra-se também de outros jovens escritores que viu pela Internet, cuja produção é “interessante”.

Interessante é como o próprio Paulo consegue mesclar em sua obra linguagens para diferentes públicos, cada qual com sua mensagem. São dois lados do mesmo artista, ambos com suas peculiaridades. Ao mesmo tempo em que é premiado com um livro infantil, trabalha fortemente com o erotismo, principalmente entre dois homens. Que atire a primeira pedra quem nunca viveu experiências totalmente diferentes na vida.

Nos livros eróticos, usa termos explícitos para designar as partes do corpo e os momentos do sexo, de um modo que flerta com a pornografia e com o erotismo. Em *Bilhetes para*

Wallace (2017), o autor se utiliza da linguagem explícita como expressão de Eros, o amor romântico, manifestada no ato sexual. Literalmente, o livro reúne bilhetes para Wallace, um jovem de 19 anos que inicia um breve relacionamento com Paulo (o personagem da narrativa). Este, com seus 50 e poucos anos, encontra-se recém-separado de seu marido e desenvolve uma paixão feroz por Wallace, que se expressa em suas cartas para o jovem.

Essa não é a única obra homoerótica de Venturelli. *Madrugada de farpas* (2015) retrata o romance entre Israel e Obadiah, estudantes da faculdade de Letras. Apesar das pitadas de sexo, o livro retrata de maneira quase pueril o envolvimento dos dois rapazes. O autor confessa: nunca teve uma experiência romântica com outro homem. Portanto, retrata a relação como imaginária que fosse.

O interesse pelo homoerotismo, porém, surgiu muito antes da publicação desses títulos, quando ainda era estudante. Por estar ligado ao mundo das artes e da literatura, recebia sempre o mesmo questionamento: “Por que todos os homens que leem e escrevem são gays?”. Na época, lhe pareceu uma pergunta sem resposta, com certeza carregada de muitos julgamentos preconceituosos. A partir daí, Paulo decidiu se aprofundar na questão, com objetivo de desmistificar o preconceito com relação à sexualidade alheia. Fez seu doutorado, na Universidade de São Paulo (USP) sobre o tema, ao defender a tese *Literatura e homoerotismo em circuito fechado – Adolfo Caminha e Silviano Santiago*. Até hoje estuda e escreve romances homoeróticos, sobretudo masculinos. É uma

maneira também de se libertar da moral cristã que o prendeu durante muito tempo de sua juventude, quando ainda estudava no liceu católico em Brusque. “Não se falava de sexo. Tudo era pecado mortal”. Pegou ranço dessa ética proibitiva da igreja e se tornou ateu.

Paulo não se aproxima da moral conservadora que ganhou o país nos últimos anos. Já foi petista roxo quando jovem e hoje ainda segue as ideias da esquerda, apesar de não ter mais energia para militar. Na Copa do Mundo de 2022, não ia torcer para o Brasil. “Bando de bolsonaristas”, escarnece. Sua torcida iria para a Argentina, para ver o netinho feliz. Neto esse que é filho de Gigio, menino de 8 anos de idade que foi resgatado das ruas por Venturelli em 1976. Teve até que escondê-lo na Casa do Estudante (CEU), onde morava. A relação dos dois passou por altos e baixos, mas hoje o escritor não esconde a felicidade ao falar do netinho argentino. Uma felicidade discreta, porém. Contida.

Além de Gigio, tem muitos outros filhos, só que literários. Para Paulo, cada um de seus livros é como se fossem obras de seu sangue. São anos trabalhando em uma única história, escrevendo-a e reescrevendo-a diversas vezes à mão. “Livro publicado é como filho criado. Não mudaria nada em nenhum deles. E gosto de todos”. Seus livros são seus rearranjos, seus pensamentos e construções. Sua forma de enxergar o mundo escapa às frestas dos personagens, que, confessa, às vezes fogem de seu controle. Literatura é fruição, admirar e deixar-se levar — é o que Venturelli pratica todos os dias. Sem domingo nem feriado.

“

Livro publicado é como filho criado.
Não mudaria nada em nenhum
deles. E gosto de todos.

”

Paulo Venturelli



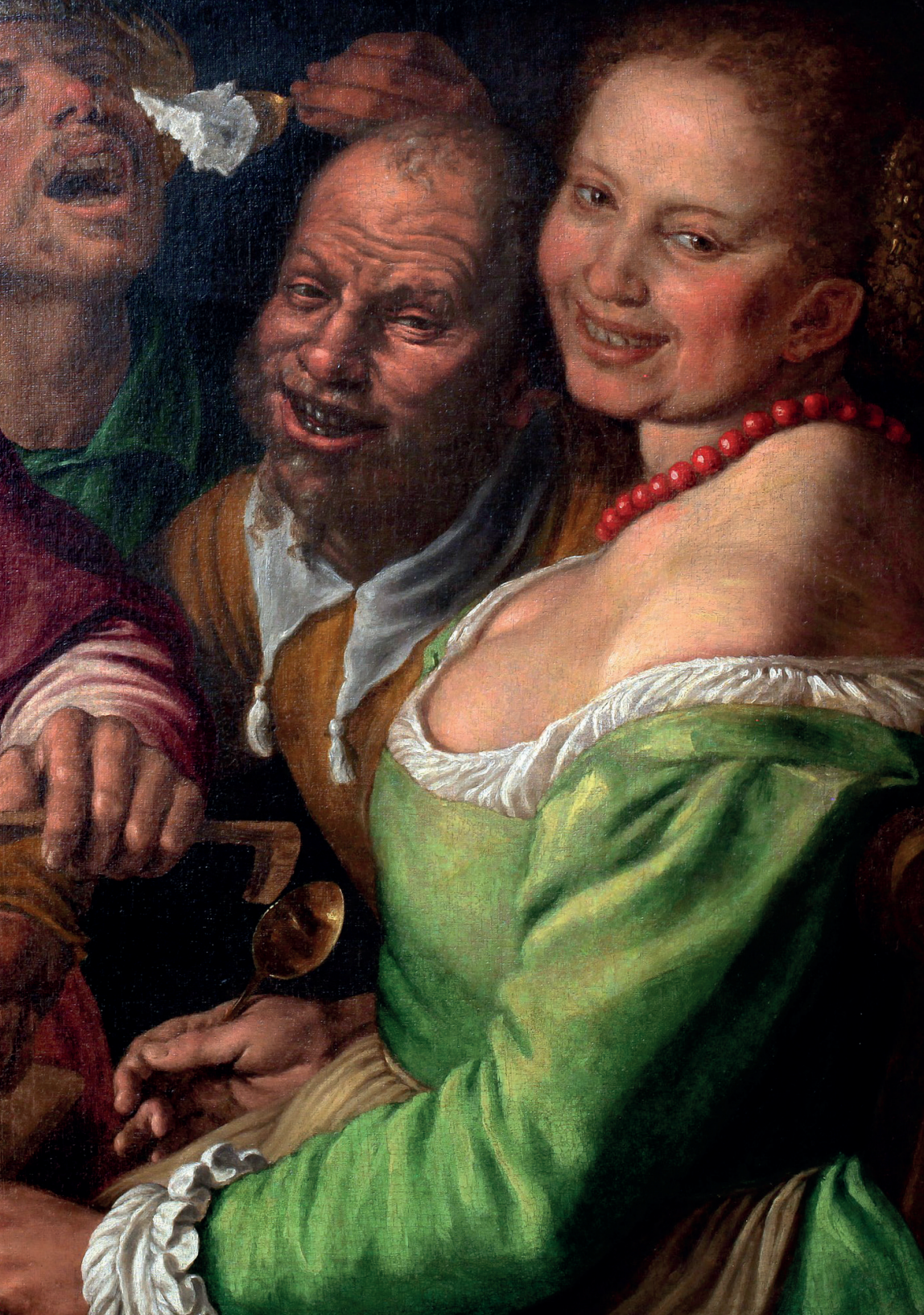
3. Gula

Aqueles que colocaram os prazeres da gula acima de tudo em vida se afogam num pântano fétido, cobertos por uma chuva gélida e eterna.

*Disse o meu chefe: 'Este acordar não há de
aquém do som da trompa angelical,
à chegada da diversa potestade:*

*quando, revendo sua tumba feral,
retomará sua carne e sua figura
e ouvirá a voz que ressoa eternal.*

Inferno, Canto VI (94-99). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Teca vê cores

A artista curitibana Estela Sandrini tem mais de 60 anos de carreira e ainda tem fome de arte. Pinta, esculpe, desenha e trabalha com gestão de projetos culturais

Ninguém chama Teca Sandrini de Estela. O nome completo parece inadequado, formal demais. Teca é daquelas pessoas com as quais você sente uma intimidade automática. Talvez pelo seu sorriso, junto com seu jeito acolhedor de ser. É a mesma coisa de chamar Xuxa de Maria da Graça, apenas não faz sentido.

Outra semelhança da artista curitibana com a Rainha dos Baixinhos é o amor pela infância. Considera ainda ter animação de criança. De fato, seus amigos de longa data e colegas de trabalho admitem que ela anima qualquer ambiente. Nem o fato de ter apenas 5% da visão lhe impede de carregar um sorriso no rosto. Ama contar seus *causos*, porém nada como um papo sobre Curitiba de antigamente — aí pronto, passa horas recordando nomes e histórias.

Aos 78 anos, Teca Sandrini é artista plástica. Trabalha principalmente com a pintura e com a escultura. Possui obras em acervos permanentes no Museu de Arte Contemporânea do

Paraná, no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, no Museu de Arte Brasileira (São Paulo), no Museu de Arte Contemporânea do Estado de Pernambuco e no exterior. É referência na área de gestão cultural por ter sido diretora do Museu Oscar Niemeyer (MON), um dos mais importantes polos artísticos da América Latina, com sede em Curitiba, de 2011 a 2017.

Seu ateliê fica perto de onde costumava morar quando mais nova, na Rua Carlos de Carvalho, onde o bairro Mercês faz divisa com o Centro. É um prédio simples, branco, que passa despercebido nas vizinhanças de sobrados. Embora tenha viajado o mundo expondo, a capital paranaense sempre foi o seu lar. Parente de figuras importantes da política paranaense, a exemplo do governador do estado e ministro Ney Braga, sua afeição não tem nada a ver com poder. “Tenho muitas lembranças boas da cidade, das ruas, das pessoas”.

Desde pequena, viveu aventuras inesquecíveis em Curitiba, começando pela infância, em que se divertia com os irmãos e primos no cenário que mais parecia um sítio do que a urbe com ares de metrópole que é hoje. Aos 9 anos, uma febre a introduziu ao mundo artístico. Por estar doente, a brincalhona Teca não podia aprontar com os primos por aí: foi quando recebeu papel e lápis para desenhar. Embora gostasse de brincar com outras crianças, ela era uma criança quieta. Não gostava de falar muito. O desenho lhe trouxe uma nova forma de se expressar.

Mais velha, quando chegou a hora de decidir o que gostaria de fazer na faculdade, escolheu as Artes Plásticas. E assim foi. Em 1967, formou-se na Escola de Música e Belas Artes

do Paraná. Nunca mais parou de esculpir, desenhar e pintar. Aprendeu com grandes mestres, dentre os quais o pintor Theodoro De Bona e Guido Viaro. Sua maior inspiração na arte e na vida, no entanto, sempre foi o pai, o jornalista José Ernesto Ericksen Pereira, o Jeep. É sua maior referência até hoje. Foi o pai que lhe apresentou a arte e os grandes pintores da capital paranaense. Ele próprio se aventurava no campo artístico, mas não nas artes plásticas. Era poeta.

O outro homem de sua vida foi o médico Rômulo Sandrini, seu marido. Casaram-se quando Teca tinha 22 anos e ainda estava na faculdade. De acordo com os conhecidos, o dr. Rômulo, endocrinologista infantil de reconhecimento mundial na área da pesquisa, era um homem brilhante. Juntos, formavam um casal intelectual, gentil e amável. Um “casal 20” mesmo, como se dizia, na gíria agora desatualizada, em alusão a um seriado de tevê. A rotina de esposa de médico envolve muita espera em casa, até horas avançadas da madrugada, mas Teca levou de letra. Muitas de suas telas e gravuras mostram uma cadeira – sinal de sua espera por Rômulo.

Apesar de o médico ter morrido há alguns anos, a artista fala do marido com tanta vivacidade e amor que parece ainda manter conversas com ele. Quem sabe mantém mesmo. Junto do marido, os amores de sua vida são os filhos, Giovana e Juliano, e os netos. É uma mãe e avó dedicada à família. Muitos de seus *causos* envolvem as suas crianças e as crianças de suas crianças.

Junto da família, da arte e de sua casa na Ilha do Mel (foi a primeira coisa da qual me falou, assim que nos conhecemos),

as amizades são um dos pontos centrais de sua vida. Adora manter relações profundas com as pessoas. Trata quem está ao seu redor com carinho, enquanto se deixa ser cuidada por eles. Em seu estúdio, por exemplo, nega-se a ser o único centro das atenções. Empolga-se genuinamente ao mostrar as pinturas recentes de Yara, companheira de ateliê. Nenhuma das duas sabe dizer há quantos anos se conhecem. “Ela não mostra as coisas que faz. Tem que mostrar.” A cada hora puxava uma tela diferente da amiga e distribuía elogios. As críticas e dúvidas ficavam para suas próprias criações em progresso.

Para conversar com todos os amigos e conhecidos, Teca se aventura no celular. Demora para encontrar o que procura, seja um aplicativo ou uma letra. Mas acha. Não deixa de usar as mídias digitais. No WhatsApp, conversa por meio de mensagens de áudio, aproveitando-se de sua habilidade em usar as palavras. É uma comunicadora nata. Os áudios também ajudam a economizar tempo, é claro.

Teca foi perdendo a visão progressivamente ao longo dos anos, por causa de uma doença congênita. Já quando era jovem recebeu o diagnóstico e parou de enxergar com um dos olhos. Hoje, enxerga apenas vultos, a maior parte deles com a visão periférica.

A perda de visão não lhe impede de levar uma vida agitada. Coleciona passagens pela Argentina e pelos Estados Unidos (sem falar inglês), e mais de uma dúzia de prêmios no currículo. Foi professora da Escola de Belas Artes do Paraná, a mesma em que se formou e também foi diretora do MON. O

mais importante: nunca deixou de se sujar com as tintas. Não acha que conseguiria. Parece que a pintura vive dentro dela.

A animação de costume se reflete também no convívio com os colegas de trabalho. No museu, por exemplo, causou impressão tão positiva que é lembrada com carinho até hoje, cinco anos depois de ter deixado o cargo de coordenadora. No ambiente de trabalho, tenta não demonstrar suas fraquezas. Aos colegas, passa a impressão de ser uma “super-mulher”.

A fragilidade, na verdade, existe. Perder a visão não foi fácil como a artista faz parecer. Quando se lembra do começo, a voz treme, o sorriso deixa o rosto. Foram muitas mudanças: ela passou a depender de outras pessoas para cozinhar, levá-la a outros lugares, alcançar-lhe as coisas. O que mais lhe afetou profissionalmente foi não poder mais ver as inspirações de suas obras. Teve que aprender a pintar de memória.

Conforme a visão perdia a nitidez, o estilo artístico de Teca sofreu alterações. No início, desenhava com nanquim figuras cotidianas, com traços leves, delicados. Começou desenhando mulheres. Mulheres como ela, envolvidas nas tarefas domésticas, no lar, que comprem potes, souvenirs, panelas, ao mesmo tempo em que caem em contradições de uma sociedade cada vez mais consumista e competitiva. Cada mulher, em suas obras, seria um caos organizado.

Das mulheres, passou aos bichos. Aos poucos, foi mergulhando no fantástico, no surreal, já no óleo sobre tela. Como no Antigo Egito, representou pessoas com cabeças de animais. Bicos gigantes são sua marca nesse período, além das cores marcantes. Por quê? Nem ela sabe. Em 1997, confessou

à *Gazeta do Povo* que não fazia ideia de onde veio a inspiração. “Até hoje me pergunto de onde brotou tal ideia”.

Nos anos 1990, parecia farta de tudo ao seu redor. Passou a pintar fragmentos de objetos, predominantemente cadeiras e gavetas. É como se precisasse abrir ela mesma as suas gavetas interiores e soltar a pressão que recaía sobre sua vida. Suas obras ganham nomes mais poéticos: “Através da vida”, “Atalhos e escuridões”, “Pensamentos contraditórios”. É nesse momento em que suas pinturas ganham cada vez mais manchas, que estão em suas obras até hoje. São sua marca registrada. É a maneira como enxerga.

Além dos gizes e das tintas, Teca também lida com o mármore. Uma de suas esculturas mais conhecidas e que carrega emoções mais genuínas é “Travesseiro”. É uma lembrança do marido, que passou anos na cama por causa de uma doença degenerativa. Aos poucos, ele foi perdendo a fala, os movimentos, as ideias. Teca era uma presença constante ao lado de seu leito, apesar de estar trabalhando no MON na época. Jamais pensaria em abandoná-lo, tanto que afastou da família qualquer ideia de internação. “Travesseiro” representa o aconchego em que o marido se recostou durante longos anos. É uma versão de Teca de uma carta de amor.

Dizem que mente de artista está sempre criando e com a curitibana não é diferente. “Ela é uma pessoa ativa. Sempre em ebulição”, pontua a amiga de longa data, a pesquisadora e crítica de arte Maria José Justino, que conheceu por meio de Romolo. Até Teca admite estar sempre pensando em novos projetos. É uma necessidade interior.

Quando fui visitá-la, Teca se preparava para a curadoria de uma exposição dos artistas Efigênia Rolim e Hélio Leites, que abriu em dezembro de 2022 no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC). Os dois artistas populares buscam formas de democratizar a arte, montando suas criações com materiais cotidianos, como papéis de bala e caixas de fósforo.

Em paralelo com a gestão cultural, Teca continua a levar a própria carreira. A artista retomou a temática feminina em suas obras, mas agora sob um novo viés. Um de seus trabalhos mais recentes, que começou na pandemia, são as “Marias”. Os quadros misturam nanquim com giz em tons terrosos, junto a uma pitada de azul. Pinceladas fortes simbolizam vultos femininos com um toque impressionistas. Os vultos, porém, mais se aproximam de fortes manchas.

Ao analisar os próprios desenhos, Teca tem a impressão de que estão inacabadas, como se faltasse algo. Algumas amigas, que visitaram o ateliê, garantem que estão ótimos. Não adianta, quem tem que ter certeza é a criadora da obra. Provavelmente alguns traços das Marias vão mudar no futuro.

Talvez a própria Teca mude seu estilo artístico em alguns anos, ou então o penteado de cabelo, as roupas que usa. Mas uma coisa é certa: ela não vai parar de fazer arte. Como diria Rubem Alves, o trabalho do artista é produzir fome. Uma gula do mundo, de ideias, de cores e de sentimentos. Há mais de seis décadas, Teca vive e ama intensamente, pois ainda tem fome de arte.

“

Sempre me fugia à ideia de que
pudesse pensar só em dinheiro.
Pensei sempre em adquirir algo a
mais. Isso foi forte na minha vida

”

Teca Sandrini



4. Avareza

Avaros e pródigos carregam pesos atados ao peito. Cada grupo anda em um semicírculo: quando se encontram, ofendem-se mutuamente.

*“Dize, Mestre”, pedi, “se não te enfadas,
o que é a Fortuna que tu agora arrolas,
que as venturas do mundo tem agarradas?”
[...]*

*‘Logo, uma gente impera, e languescente
fica a outra então conforme o arbítrio dela,
que é oculto como na relva a serpente’”.*

Inferno, Canto VII (67-69 e 82-84). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Ney inventa moda

Carnavalesco e estilista de alta costura, Ney Souza foi o segundo homem a ter um ateliê em Curitiba. Apaixonado por tecidos, cores e história, está prestes a abrir o primeiro Museu da Moda da América Latina

Um vestido feito sob medida com leves sedas requer trabalho tanto quanto uma fantasia carnavalesca de cinco quilos. São universos completamente diferentes, mas têm em si o mesmo espírito: a vestimenta como criação de identidade. Em Curitiba, a alma desses dois estilos tem nome e sobrenome — Ney Souza.

O estilista agora é aposentado, porém seu legado segue firme na capital curitibana e também Brasil afora. Quem o vê sentado em seu amplo e bem-decorado apartamento na Praça Santos Andrade, coração do centro de Curitiba, mal imagina que esse mesmo senhor virava madrugadas nos carnavais das cinco regiões do país. Desfilava também em cima de carros alegóricos. Às vezes, nem escada tinha para subir, ia se agarrando na decoração mesmo.

As fantasias pesadas com lantejoulas deram lugar às camisas polo e aos chinelos. Hoje, sofre com problemas nos pés e nas articulações. Não se vê um único fio branco em sua ca-

beça, apesar de estar na casa dos 70 e poucos anos. Natural? Fica a dúvida. Outro resquício da vaidade repousa nos dedos na forma de dois grossos anéis dourados.

O carnaval, para Ney, nunca foi festa. Era trabalho. Nas competições de fantasia nos bailes, era difícil não estar no pódio. Coleciona os primeiros lugares em desfiles de fantasia no Rio de Janeiro e em São Paulo. Com looks coloridos e maquiagem a combinar, o foco era encantar o júri de especialistas com luxos e originalidades. Passava o ano na função de planejar as fantasias para os festivais. Quanto mais colorido, brilhante e espalhafatoso, melhor.

O estilista sente falta de como eram os bailes de carnaval nos clubes, com apresentações e concursos de fantasia, hoje próximos da extinção. Até no Copacabana Palace, no Clube Sírio Libanês e no Hotel Glória, Ney foi desfilar com suas criações. Tudo muito diferente de hoje. “As roupas lavam e secam muito rápido. Se eu quisesse lavar de noite uma peça para usar de manhã, os tecidos suportam isso. Antigamente não era assim”.

Não que naquela época também não existisse correria. Nas grandes capitais do país, o tempo era contado. Enquanto os foliões se divertiam na rua, Ney pulava de camarim em camarim, de competição em competição. E dá-lhe maquiagem e troca de roupas. Tudo para impressionar a elite carnavalesca do país. É um ambiente apegado à beleza e às riquezas (para não dizer avaro). Quanto maior a sensação de luxo, melhor.

Nem sempre, porém, a carreira de Ney foi centrada no carnaval. Quando começou, nos anos 1960, abriu um ateliê

voltado à alta costura. Na época, foi o segundo ateliê masculino da cidade. Para conseguir formação sobre moda (não existia curso universitário de confecção, mas sim de História da Arte e da Moda), o jovem morou cinco anos em Buenos Aires. Nunca pensou em se mudar definitivamente para lá. Curitiba sempre foi seu lar. Mora, inclusive, no mesmo prédio desde que tem 20 e poucos anos.

Apesar de ter feito fama e carreira na capital, Ney nasceu em Prudentópolis, nos Campos Gerais do Paraná. A família, porém, veio da Lapa, cidade histórica a 60 quilômetros da capital. A mãe foi uma figura importante em sua vida, uma vez que fez também o papel do pai, que faleceu quando o estilista ainda era criança. Ao final da vida, seria Ney que cuidaria dela. Ainda sente a sua ausência, mas está acostumado a morar sozinho. Passou a vida toda assim. Sozinho, mas não solitário. Sempre que pode, se reúne com os irmãos e os sobrinhos, e gosta de viajar com amigos.

Em seu ateliê, aberto na década de 70, Ney atendeu noivas e debutantes da elite curitibana. A cidade vivia uma *belle époque* tardia. Sedas vindas diretamente da China eram febre, além de tafetás e rendas confeccionadas à mão. Rolos tomavam o ateliê do estilista, que ainda tem alguns tecidos “de antigamente” guardados. São um de seus maiores tesouros.

De tesouros o estilista entende. Além das peças únicas costuradas com muita dedicação, a decoração de sua casa é, em si, uma obra de arte. Só de entrar no ambiente se sente o impacto. Quadros de Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e artistas paranaenses pendem nos cômodos. Ao fundo da sala de

estar, há uma parede vermelha com louças penduradas. Sofás e poltronas claras trazem a sofisticação dos anos 1960. Uma cristaleira dobra duas esquinas para abrigar a coleção de 300 bules: alguns são relíquias de família, como o bule de prata da mãe; outros são curiosos, como os que imitam camelos, que trouxe como *souvenirs* do Egito. Por todo lugar que se olhe há algo bonito para se observar. Mas Ney está cansado de tantas coisas. Quer doar e vender quase tudo.

O ateliê funcionava no mesmo prédio em que mora hoje. Além das roupas, o estilista trabalhava também com fofocas. “Eu poderia escrever um livro de tanta coisa que eu sei sobre as pessoas dessa cidade”. Ney lamenta que, hoje, os nomes das pessoas não são mais conhecidos, nem as histórias teriam o impacto que tiveram na época. Teve uma noiva, por exemplo, que insistiu em fazer um vestido sem forro. Foi um escândalo: só se falava disso. Agora, os tempos são outros.

Em um período que pouco se falava de doenças mentais — e ainda menos sobre acompanhamento profissional — o sofá do estilista era um divã de psicólogo. Escutava lamentos. O estilista sempre escutou bastante em seu ofício, mas também gosta de falar. Conta as histórias de antigamente e sente saudade de muitas coisas daquele tempo. Se lamenta, por exemplo, do fim das revistas impressas, que eram uma grande inspiração artística.

O que fez com um estilista de alta costura, acostumado ao corte do tafetá puro, seu tecido preferido (um artista tem sempre seus materiais de preferência), se render ao brilho popular do Carnaval? Não foi uma mudança brusca. Em Bue-

nos Aires, Ney estudou moda voltada ao teatro. Por mais que tivesse as clientes do ateliê, chegavam pedidos de roupas para os palcos, e ele fazia com gosto. Lembra-se dos figurinos que fez para a primeira (e única) exibição completa da peça *O Quebra Nozes* do Teatro Guaíra, nos anos 1980. “Eram muitos dançarinos por ser uma peça longa. Deu muito trabalho. Infelizmente não se dançam mais clássicos como aquele”.

A participação em concursos de carnaval começou um pouco antes, nos anos 1970, quando a prefeitura de Curitiba criou o baile oficial da cidade. Com medo de que não fossem aparecer homens fantasiados, convidou alguns nomes para formar o elenco masculino, entre eles Ney Souza. O estilista, então, fez uma fantasia de anjo para si e uma para uma amiga. Juntos, conquistaram o primeiro lugar na competição. Desde então, a paixão pelo carnaval foi se tornando mais intensa.

O convite para costurar para escolas de samba veio de Júlio Sapo, dono da escola de samba curitibana Sapolândia, em 1975. Mesmo em meio à concorrência acirrada, a dupla conquistou o primeiro lugar daquele ano. Para repetir o feito, em 76 Sapo chamou Ney de novo para a confecção. O segundo desfile para a Sapolândia teve como tema “O petróleo é nosso”. O ufanismo estava na moda, já que fazia parte das propagandas difundidas pela ditadura militar.

O clima para festa era propício, pois o ciclo carnavalesco curitibano vivia o seu apogeu. Pouco tempo antes, em 1971, as comemorações tinham sido transferidas da Rua XV de Novembro para a Avenida Marechal Deodoro da Fonseca, que até hoje abriga os desfiles das escolas da capital. Foi cria-

da a Associação das Escolas de Samba de Curitiba. São dessa época também a própria Sapolândia, além de escolas como a super premiada Mocidade Azul e a inovadora Ideais do Ritmo.

Graças aos esforços no carnaval, ganhou mais reconhecimento. Mas a fama na capital curitibana não mudou nada em seu gênio. Ney fala o que pensa. O toque da velhice hoje lhe dá licença poética para o julgamento, porém não pense que na juventude tinha medo de enfrentar quem fosse.

Um dos casos mais marcantes aconteceu nos anos 1980. Ney participou do show de calouros de Mário Vendramel, apresentador do único programa de auditório da TV Paranaense (atual RPC), emissora local. O desafio era fazer uma fantasia de Carmen Miranda. “Os outros competidores fizeram uma coisa muito estereotipada, abacaxi na cabeça, etc. Eu pensei um pouco diferente. Todos os jurados adoraram, mas um deles veio criticar o tamanho do salto da minha Carmen”. E pronto. Ney pegou o microfone, e, educadamente (mas sem bajulação), questionou a decisão do juiz. Foi uma confusão. A produção do show adorou. Eles queriam alguém com personalidade e coragem de dizer o que pensa. O estilista foi convidado a ser jurado do programa. Surpreso, aceitou, e ali ficou até a atração ser extinta na década de 90.

Ney tem orgulho do que construiu. Autêntico, conta suas histórias de forma a valorizar o seu trabalho. Que não se confunda com falta de humildade, por favor. É forma de celebrar o que seus esforços foram capazes de lhe proporcionar. É considerado um dos carnavalescos mais importantes do Brasil. Foi homenageado no enredo da Mocidade Azul em 2015.

Na ocasião, entrou na avenida vestido do titã grego Cronos, Senhor do Tempo, já que, como o deus, consegue parar o tempo quando desfila.

Sobre a atividade que mudou sua vida, resume: “O carnaval me dá asas”. Faz algum tempo, porém, que deixou de voar. Já antes da pandemia de Covid-19 tinha se aposentado das avenidas. Mas não se pode chamar este fim de um ponto final na carreira de Ney. Dedica-se, agora, a tirar do papel um sonho de vida — construir o primeiro museu da moda da América Latina.

O projeto já lhe deu muita dor de cabeça. Queria um espaço em Curitiba, mas, por conta da burocracia, não deu certo. Antes da pandemia, negociou uma casa na Lapa, onde está sendo montado o museu. Serão exposições de vestimentas usadas desde a época de Pedro Álvares Cabral até hoje, a maioria confeccionada por Ney, com base nos estilos de época. Há também alguns modelos originais dos séculos 19 e 20, doados pelas clientes, como vestidos de noiva. Durante os dois anos de isolamento social, Ney organizou, catalogou, ergueu e etiquetou caixas e caixas para o museu.

Agora, os dias de Ney são completos de expectativa. Espera ansiosamente a inauguração do museu, que está prevista para 2023. Em meio à rotina, seu olhar se perde na televisão, no jardim, na cozinha. Não há nada de ordinário neste olhar. “Tenho costume de olhar o fundo das coisas. Quando passa algo na TV, por exemplo, eu reparo nas cortinas do cenário. Não é algo que qualquer um vê”. Definitivamente, Ney não é qualquer um.

“
O carnaval me dá asas
”

Ney Souza



5. Preguiça

Os preguiçosos, que na vida não escolheram o bem, pendem inertes no fundo do pântano do rio Estige, mortos à vida, ao bem e à alegria.

*Do fundo, assim: “Tristes fomos em vida,
no ar ameno que do Sol se alegra,
dentro portando névoa aborrecida:*

*contrista-nos agora a lama negra’
é o que em suas goelas gorgolam, e brota
do lodo que as palavras desintegra.*

Inferno, Canto VII (121–125). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Luciana tece reto com linhas tortas

Luciana Cortez é ativista e professora de crochê. Depois de motivar os idosos da comunidade, um loteamento popular, a escrever cartas para a prefeitura, tirou-os de casa para ensiná-los a bordar de forma lúdica e coletiva

Praça Rui Barbosa, Curitiba. No coração do centro da capital, ônibus e pedestres vão e voltam. Um grupo de manifestantes toca tambores, grita palavras de ordem e distribui fôlderes. No meio da muvuca, uma construção grande e alaranjada, a Rua da Cidadania, se destaca. É um ótimo refúgio também para a chuva, que começa a cair levemente no final da tarde, ao estilo curitibano.

No coração do edifício, chama atenção uma casa inteira feita de crochê. A doçura da casinha, que abriga pessoas tricotando, contrasta com o cinza que se via há pouco na praça. Mandalas de crochê rosas, amarelas, laranjas, azuis tornam a cena ainda mais aconchegante. “É de se apaixonar”, escuto uma passante dizer ao meu lado.

Luciana Cortez se destaca entre o grupo de crocheteiras. Incentiva as demais a continuarem firmes na atividade, ensina os truques da flor que estão todas fazendo e conversa

animadamente. Hoje, ela é professora. Ensina crochê pelo projeto “A Casa é de Todos”, que acontece dentro da casinha nas segundas, quintas e sábados.

Ela também tem o próprio projeto, “Lucianas e Marias”, responsável por unir mulheres, homens e crianças em torno de linhas e agulhas para aliviar um pouco os problemas. A ação, que existe desde 2015, funcionava em 11 Unidades de Saúde espalhadas por Curitiba até o início da pandemia de Covid-19. Cerca de 50 pessoas participavam de cada encontro. Em 2020, o projeto migrou para as redes sociais, nas quais continuava em setembro de 2022, ainda pela possibilidade de contaminação em postos de saúde. Nem isso foi capaz de desarticular as Lucianas e Marias, que continuam mais unidas do que nunca.

Com os cabelos em transição capilar presos (metade lisos, metade naturais), é mais fácil observar as duas flores de crochê que pendem das orelhas de Luciana. Ganha coisas feitas de crochê das alunas o tempo todo e adora. É simpática: distribui elogios aos trabalhos de quem está acompanhando a aula, tenta incluir a todos nas conversas e está a postos para ajudar quem precisa de uma atenção especial no processo. Não tem um tom professoral. Trata a todos como uma boa amiga. “Que linda a sua toalha”, incentiva. “Não se preocupe com a sua florzinha, ela está linda.” “Você vai pegar o jeito”.

Ela sabe exatamente quem fez cada peça, mesmo que tenham se passado anos. As tramas e mandalas que compõem a casinha da Rua da Cidadania, por exemplo, são obras suas e também de suas alunas e alunos. Admite que a maioria das

pessoas que ensina são mulheres mais velhas, mas existem interessados de todos os gêneros e idades. Três dias antes de nossa conversa, ensinou crochê para um menino. Animado, ele deu indícios de que voltaria aos próximos encontros.

Luciana parece estar sempre com o astral lá em cima. É essa, inclusive, a impressão que passa aos amigos e colegas de projeto. Dentro de si, entretanto, trava uma batalha há anos contra a depressão, a ansiedade, a síndrome do pânico e demais formas de sofrimento mental. Quando era criança tinha problemas de socialização. Gostava mais da companhia das tias e das primas mais velhas, com medo de escutar xingamentos dos colegas por ser negra. Ao longo do tempo, conseguiu desenvolver confiança em si mesma com ajuda do pai, que incentivava os filhos a sentirem orgulho da cor da pele e dos traços africanos. Isso não quer dizer que nunca mais tenha temido o preconceito, mas passou a acreditar que o problema está em quem xinga, não nela.

Anos depois, uma série de acontecimentos fragilizaram Luciana psicologicamente, como assaltos a mão armada, invasão do apartamento em que morava com o marido e, mais recentemente, um sequestro relâmpago. Já tinha histórico de sofrimentos mentais na família e desenvolveu os seus próprios. Foi internada múltiplas vezes em clínicas psiquiátricas. A última internação foi em 2015, depois do sequestro relâmpago que sofreu junto com o filho. Na época, ela, o marido e os filhos se mudaram para o Rio Bonito, loteamento popular ao sul de Curitiba, para ficarem mais próximos da família. A dor profunda, porém, também trouxe esperança.

Depois do ocorrido, Luciana começou a bordar na frente de casa, na garagem, lembrando-se dos conhecimentos que adquiriu aos 8 anos de idade, quando uma amiga lhe ensinou a arte das linhas e agulhas. Um dia, uma mulher a parou e perguntou se queria ensiná-la a bordar. Disse prontamente que sim. Naquele momento, aprendeu o quanto é bom se sentir útil. Passou a dar aulas gratuitas para quem quisesse, em sua casa. Depois, foi à casa das pessoas, até que foi convidada pela Secretaria de Saúde a fazer encontros nas Unidades de Saúde. O projeto Lucianas e Marias também foi ao Centro de Atenção Psicossocial (Caps) para dependentes de Álcool e Drogas e ao Caps Infantil em diferentes bairros de Curitiba.

O que aprendeu com seu próprio sofrimento Luciana aplica às suas alunas e alunos. A maioria deles recebe encaminhamento médico para a atividade por causa de quadro mental. Quando uma pessoa está muito desmotivada, pede-lhe para ensinar o que está fazendo. Na hora, a motivação surge: sentir-se útil é o ponto. É o momento em que a professora passa a ser aluna, e vice-versa. “Penso que as doenças mentais são como ondas. Não sabemos quando elas estão vindo e nem quanto vão durar, mas vamos aprendendo a conviver com elas”, reflete, enquanto os dedos trabalham no bordado.

Suas reflexões são acompanhadas de muitas histórias. Emenda uma na outra com naturalidade. Sua voz é gostosa de ouvir, combinada com o ritmo envolvente de cada narrativa, que dá vontade de escutá-la por horas. Luciana, inclusive, tinha vontade de ser jornalista e passou no vestibular de Comunicação Social na época em que foi internada pela última

vez, mas não conseguiu frequentar uma única aula da graduação. Também abandonou um curso de Direito.

Mesmo sem ser jornalista, Luciana faz as vezes de apresentadora nas *lives* de seu próprio perfil no Instagram, uma das estratégias que o grupo adotou para aproximar as crocheteiras na pandemia. Antes, as interações ao vivo eram no perfil do Lucianas e Marias, mas migraram para a página pessoal de Luciana, que atualmente está com mais de 12 mil seguidores. Conversar com tantas pessoas é um desafio e tanto. Tem dias que apresentar a *live* é mais fácil. Tem outros, porém, que é mais difícil. Mas ela vai lá e faz, porque sabe que estará melhor depois que a fizer.

“Posso dar um exemplo?”, pergunta antes de começar a próxima história. Conta da alegria que sentiu ao saber de uma mulher que tentou tirar a própria vida, mas que chegou ao grupo e hoje está bem. Lembra-se de uma outra que comentou em uma das *lives* que estava de cama há sete meses e se curou com o crochê. Essa última deu esperança a uma terceira mulher, que estava sem energias e também se recuperou.

Apesar de fazer as *lives* há pelo menos dois anos, ainda não se sente totalmente confortável com as redes sociais. É o marido e grande companheiro, Fernando, que administra o Instagram da esposa. A sensação que Luciana tem é de invasão de privacidade. “Eu consigo gravar, mas eu postar é difícil. Depois que vejo publicado, até acho legal, mas confesso que ainda entro e apago alguns *posts* às vezes”.

Além de fazer o papel de *social media*, Fernando se envolve de cabeça nos projetos da companheira, levando-a para as

oficinas e ajudando a organizar os encontros dos quais participa. Tamanho companheirismo é fruto de 23 anos de casamento. Os dois se conheceram no centro de Curitiba, em 1999. Trocaram olhares por alguns minutos, conversaram, ele pegou o número dela. Um tempo depois, foram ao cinema assistir *Shakespeare Apaixonado* — era dia 29 de março, aniversário da cidade. Menos de nove meses depois estavam casados.

Desde o início do relacionamento, os dois tinham ideias de criar um projeto social, mas não sabiam como tirar os planos do papel. Luciana até se candidatou a deputada em 2014, porém não conseguiu se eleger. Seu lema era “Psicólogos e psiquiatras nos postos de saúde”. No ano seguinte, ficou com o carro atolado na rua e decidiu enviar uma carta à prefeitura. Assim nasceu “Uma carta para mudar o mundo”, em que Luciana incentivou a população de seu bairro a escrever cartas às autoridades solicitando mudanças, agradecendo ou sugerindo possíveis melhorias. Deu muito certo: recolheu mais de sete mil cartas no Rio Bonito, sobretudo de idosos. Essas e outras circunstâncias levaram o casal a fundar o “Lucianas e Marias”, seu grande sucesso.

Juntos, os dois têm dois filhos, um de 21 e o outro de 13 anos. Como mãe, Luciana se preocupa com o apoio emocional dos meninos, para que não desenvolvam um sofrimento incontrollável. Quando percebe que os dois estão se isolando dos demais jovens, sabe o que está acontecendo. “Até pouco tempo, o problema psicológico era visto como preguiça. Eu consigo entender aquelas pessoas que cometem loucuras por

causa das doenças mentais. Sei que sentem um sofrimento intenso e trabalham a mágoa dentro delas. Quero ser o apoio para os meus filhos não sofrerem desse jeito”, aponta.

A própria Luciana melhora mais a cada dia. Óbvio que existem momentos mais fáceis e momentos mais difíceis, assim como para qualquer pessoa. Continua o seu tratamento psiquiátrico, mas se antes era com oito remédios, hoje toma apenas um. Nunca mais foi internada desde 2015. Durante a pandemia, chegou bem próximo disso, porém não quis sair de casa e deixar a família. Ficou, e, aos poucos, foi se recuperando graças às *lives* e às amigas e aos amigos que fez por todo Brasil por meio do contato *online*. Ainda não consegue assistir ao jornal, pois pega muito do sofrimento que aparece nas telas para si. Além da medicação, também faz outros tratamentos alternativos, como a holística e a homeopatia.

Crocheteira, mulher, mãe, esposa e professora, ela crê que Deus possui um plano para ela, assim como para cada um. O dela é ajudar o próximo, seja quem for: desde criança, partia couve e entregava às formigas para elas terem o que comer. Hoje, ela leva linhas e agulhas e as distribui a quem precisa de distração. Tal qual a trama do crochê, Luciana enfrenta o que os fios querem lhe contar, para conseguir chegar ao resultado belo, colorido e inspirador.

“

[...] as doenças mentais são como ondas. Não sabemos quando elas estão vindo e nem quanto vão durar, mas vamos aprendendo a conviver com elas

”

Luciana Cortez



6. Heresia

Considerados hereges, aqueles que não acreditam nos dogmas da fé cristã católica estão presos em sepulturas incendiadas.

*E ele mesmo agarrou-me e fez virar,
e os meus olhos, pra amparos mais cuidadosos,
com suas mãos sobre as minhas fez tampar.*

*Ó intelectos sadios e judiciosos,
entendei a doutrina disfarçada
sob o velame dos versos curiosos!*

Inferno, Canto IX (58-63). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Dalzira luta com livros

Iyagunã Dalzira defendeu em 2022 sua tese de doutorado, aos 84 anos. Símbolo da luta antirracista em Curitiba e autoridade do candomblé, contribui para manter vivas as tradições africanas

O que Tituba e Angela Davis têm em comum? Antes de tudo, ambas são mulheres e passaram a vida nos Estados Unidos. Contudo, o que as une ainda mais é que são duas filhas da África, fazendo-as importantes para o feminismo negro. Tituba viveu no século 17, foi escrava e a primeira mulher a ser julgada em Salém sob a acusação de bruxaria. Davis é acadêmica, nascida no século 20, mas também enfrentou suas batalhas por ser mulher e negra, mesmo tantas décadas depois de sua ancestral.

Existe, porém, um terceiro ponto que as conecta: as duas vivem no Bairro Alto, distante dos cartões postais famosos de Curitiba, em um terreiro de candomblé. Tituba é a junção perfeita de ódio, tremedeira e amor, assim como a maioria (senão todos) os cães da raça *pinscher*. Já Angela Davis costuma assustar as visitas por seu modo sorrateiro de se infiltrar no ambiente, típico das tartarugas. As histórias das duas se cruzaram graças a Iyagunã Dalzira Maria Aparecida, que comanda o terreiro onde elas moram.

Aos 84 anos, Dalzira, mais conhecida pelo seu nome de sacerdotisa, *Iyagunã*, é uma personagem importante para o movimento negro na capital paranaense. Apesar de ter nascido em Minas Gerais e depois ter se mudado com a família para o norte do Paraná, transferiu-se jovem para Curitiba, onde fundou o Grupo União e Consciência Negra, no qual atua há 25 anos. Foi na capital, também, que conheceu o candomblé, participando das celebrações primeiro como observadora e depois como participante ativa, até alcançar o posto de mãe de santo ou *Iyalorisá*, a maior autoridade do terreiro.

Quando era criança, no sítio em Minas Gerais onde vivia com a família, nunca teve a oportunidade de estudar. Foi alfabetizada pelo pai em casa e só. Começou os estudos regulares aos 43 anos na Educação para Jovens e Adultos (EJA), depois de passar décadas trabalhando como costureira. Começou a estudar e nunca mais parou. Aos 63 anos, Dalzira iniciou o curso de Relações Internacionais e, nove anos mais tarde, defendeu a dissertação *Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do Candomblé na contemporaneidade*, para o programa de mestrado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Em setembro de 2022, a *Iyagunã* novamente encerrou mais um ciclo acadêmico: o doutorado. Na banca, defendeu a tese *Professoras negras: gênero, raça, religiões de matriz africana e neopentecostais na educação pública*. Chegou atrasada à própria banca e ficou morrendo de vergonha pelas dezenas de pessoas que a esperavam no auditório da Universidade Federal do Paraná.

A história da *Iyagunã* octogenária recém-doutora chamou a atenção da imprensa local. Nos dias seguintes à banca, era quase impossível falar com Dalzira. Mas ela fez um esforço para atender a todos os interessados em sua residência. Para chegar ao terreno sagrado onde a mãe de santo mora, primeiro é preciso descer uma ladeira bem íngreme (diria até que teria pelo menos uns 60° de inclinação) e depois subir mais um pouco por duas quadras. Na entrada, a recepção fica a cargo de uma dúzia de cachorros filhotes, junto da espoleta Pandora, que adora pular em cima dos visitantes. Nos fundos do lote, depois de duas outras casas de madeira, finalmente se alcança o terreiro.

Dalzira não demonstra ter mais de 80 anos. Vivaz, anda pra lá e pra cá com suas saias grandes e estampadas. Seu tom de voz é baixo, mas firme. Como as pessoas de idade mais avançada, adora se perder em suas histórias. É recorrente que, no meio da conversa, pergunte a si mesma: “Por que eu estou falando disso mesmo?”.

Durante toda a vida, a *Iyagunã* enfrentou as mesmas questões que Tituba e Davis, homenageadas por ela ao escolher os nomes de suas companheiras dentro de casa. Mulher, negra e vinda da pobreza, aprendeu a ler com 13 anos. Foi alfabetizada pelo pai. Ele não deixou as filhas frequentarem a escola, mas depois se arrependeu e começou a ensinar as meninas quando podia. Até hoje, lembra-se da primeira palavra que leu: “delícia”.

A rotina de Dalzira, porém, nem sempre foi feita de delícias. De Indianópolis, Minas Gerais, a família se mudou para

Umuarama, no norte do Paraná e, mais tarde, para Curitiba. Na época, era comum que agricultores vindos de outras regiões do país procurassem o estado, que estava em fase de ocupação agrícola. Foi no Norte Paranaense que Dalzira iniciou a carreira que levaria por grande parte de sua vida, a costura. Era comum que ficasse até às duas horas da manhã cozendo.

Hoje, não tem mais tempo para pegar nem um bordadinho que seja. Conduz as celebrações no terreiro, como os xirês, as rodas de evocação dos orixás, estuda e também cuida da casa. Escrever a tese e se dedicar aos filhos e filhas espirituais não é uma tarefa para amadores. Como Dalzira mesma define nos agradecimentos de seu trabalho, “quem se torna uma *Iyalorisà* ou um *Babalorisà* e que é responsável, carrega, como um caracol, a casa nas costas”. Uma rotina cansativa, capaz de testar a força da *Iyagunã*. Como toda pessoa que envelhece, luta contra as dores nas costas e nas pernas e gosta de se sentar um pouco para descansar o corpo. Usa o celular, mas se atrapalha um pouco com tantas informações na tela, que não param de pipocar. Muitos contatos da universidade, do terreiro e também dos parceiros da luta antirracista.

Pertencente à sétima geração de africanos trazidos ao Brasil, a *Iyagunã* começou cedo na batalha contra o racismo. Foi quando era jovem, mesmo que na época não soubesse bem o que fazer com relação ao preconceito que sofria. “O racismo é muito violento. Lutar contra ele é muito complicado porque não se vê um inimigo para brigar. É uma ideologia”, pontua Dalzira.

A mulher confiante, tranquila e com voz mansa que aponta os preconceitos mantém a mesma revolta de quando era jovem, mas agora suas armas são os livros. Na época, não tinha muito como se proteger dos ataques. Lembra-se de uma vez que teve que defender o irmão, que tinha sido pego pelo camburão da polícia, em plena ditadura militar. Ela também acabou dentro do veículo e quase foi levada para a delegacia. Ameaçou chamar um advogado, cujo nome tinha lido nos jornais. Amedrontados, os policiais soltaram Dalzira. O irmão, ela teve que buscar na delegacia.

Embora fale com o tom de voz manso, a *Iyagunã* volta e meia interrompe suas histórias com um sorriso ou com uma gargalhada. Sua risada, assim como ela, é contida, mas marcante. Dalzira é tão discreta quanto uma mãe de santo, com suas saias, mantos e turbante, pode ser. No terreiro, ela ganha uma aura mística. O ambiente é, em sua grande parte, vazio, com alguns sofás e poltronas colados à parede. Do teto, pendem fitas brancas. Ao fundo da parede principal, o altar, branco com velas, compõe o elemento sagrado, junto com quadros que remetem a celebrações religiosas anteriores.

Dalzira é a autoridade do terreiro, a *Iyalorisà* (mãe de santo). Nos ritos, é responsável pela iniciação de novos filhos de santo e pelo culto aos orixás, além de organizar os encontros religiosos material e espiritualmente. Segue-se a hierarquia com os *Ogãs* e *Ekedis*, assistentes da celebração que tocam instrumentos, cantam e também favorecem a incorporação dos orixás pelos médiuns. Depois vêm as *Iakekerês* (Mãe Pequena) e os *Babakekerê* (Pai Pequeno), auxiliares diretos da

mãe ou pai de santo do terreiro, e os chefes de gira. Os médiuns, que incorporam os orixás, são os próximos: em primeiro, os “médiuns feitos” há mais de sete anos, e, em seguida, os “médiuns feitos” há menos de sete anos. Por último, vêm os médiuns em formação, que começam sua trajetória no candomblé apenas observando as giras. Foi assim que a *Iyagunã* se iniciou, em 1986, até crescer pouco a pouco na hierarquia do terreiro.

A vida de Dalzira é pura correria. Quando não está a toda com os compromissos acadêmicos ou religiosos, participa de encontros do Grupo União e Consciência Negra, que ajudou a fundar há 25 anos. Com o grupo, viajou pelo Brasil para estudar e discutir a pauta antirracista. Ao longo de suas andanças, conheceu muitos amigos que se tornaram também filhos e filhas do candomblé, os quais trata com muito carinho e atenção.

“Se ela não fizer as coisas, nada acontece. Ela que move o terreiro e também nós”, admite Oluji, filha de santo e também amiga de longa data de Dalzira. No momento da entrevista, no final de setembro de 2022, Oluji fazia companhia à amiga por alguns dias. Normalmente, em casa é só a *Iyagunã*, seus orixás e, é claro, Tituba, Angela Davis, Pandora e os filhotes.

Ser mãe de santo não significa que está morta e que não possa ter suas próprias diversões. No raro tempo livre que tem, Dalzira gosta de dançar, principalmente um sambinha. Quando era jovem, também era noveleira — adorava imaginar um outro mundo e se perder nas histórias. Lembra-se da primeira trama que acompanhou, ainda no rádio, *Aqueles*

olhos negros, que contava a história de dois irmãos ciganos que se apaixonaram pela mesma mulher. Hoje, não acompanha mais as novelas pela correria e também por preferir as do rádio, que praticamente não existem mais. Pelo menos, não mais como ela se lembra delas.

Na saudade, também ganha espaço o irmão mais velho, aquele que ela teve que buscar na polícia. No final dos anos 80, ele retornou a Minas Gerais, de onde veio a família, e desapareceu. Encontraram seus documentos na entrada de um sítio, junto com seus sapatos. O que ele teria ido fazer sem lenço nem documento por aí, senão ter sido perseguido por alguém? Essa é uma dúvida para a qual Dalzira nunca encontrará uma resposta, mas acredita que o irmão se foi por conta do preconceito. “O racismo sempre existiu. Quem mudou fomos nós, resistindo e expondo a nossa causa. Não vamos desistir dela”.

“

Quem se torna uma Iyalorisà ou
um Babalorisà e que é responsável,
carrega, como um caracol, a casa
nas costas

”

Iyagunã Dalzira Maria Aparecida



7. Violência

Os violentos contra os outros estão imersos no Flegetonte, o Rio de Fogo. Se tentam sair, são atingidos por flechas de centauros que os vigiam das margens.

*‘Mas olha abaixo e verás lá adiante
o rio de sangue onde estão, na fervura,
os réus de violar seu semelhante.’*

*Ó cego desvario, cobiça impura,
quanto na vida curta nos incita,
para imergir-nos, na eterna, em tal agrura!*

Inferno, Canto XII (46-51). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Marlene sonha com anjos

Vítima de todos os tipos de abusos imagináveis, Marlene de Oliveira celebra a liberdade que conquistou somente na velhice. Com sua “dança da libertação”, deseja salvar outras mulheres que passam pela violência doméstica

Anjos, santos, demônios, cavaleiros. Marlene de Oliveira os vê em seus sonhos, muito vívidos. Mas não são apenas delírios aleatórios da mente. Os sonhos já lhe salvaram a vida. Acordaram-na quando a casa estava prestes a ser invadida por assaltantes e, em outra ocasião, a pegar fogo. Também já visitou parentes mortos e vivos na inconsciência. Para ela, nada é em vão. As mensagens que recebe ajudam a perceber seu papel e sua missão terrena.

Acredita em outras vidas, passadas e presentes. As almas ganhariam, em mais uma reencarnação, a chance de reparar o mal que fizeram na última passagem pela Terra. O mal, Marlene conhece de perto. Por mais de 50 anos, viveu violência física, moral, psicológica e patrimonial da família, do companheiro, das filhas e de conhecidos. Não é nada frágil, apesar de sua aparência ser completamente amável, complementada pelos fios brancos e rugas dos 70 e poucos anos de idade.

Por muito tempo, ficou quieta. A maioria das pessoas não aguentaria passar por tantas décadas de humilhações, ao menos não sem reclamar. Não podia ter suas vontades. Foi saber o que é liberdade quase com 60 anos, ao curar-se de uma depressão. Não foram as violências, porém, que lhe tiraram a paz. Foi a doença. Há pouco tempo, tinha descoberto a fibrose pulmonar, que lhe reduz a imunidade e a qualidade de respiração. As unhas se alargaram, ganharam forma de garra, e tomaram toda a base dos dedos. Com o diagnóstico, prostrou-se. Achou que não teria mais pelo que viver.

Um anjo, chamado Carlos Eduardo do Valle Ribeiro, médico, chamou-a de volta à vida. Pediu para que encontrasse algo para fazer. Não queria ver mais a paciente tão triste. Marlene se emocionou e reagiu. Escreveu seu primeiro livro, *Valle dos Sonhos: uma história real* (os dois L são uma homenagem ao médico) em que contou todas as violências que sofreu. Lançou-o em 2011. Passou também a ministrar palestras, que prefere chamar de rodas de conversa, sobre violência doméstica. Fala para outras mulheres que passaram o que passou, mas também em escolas e em eventos corporativos.

Finaliza a conversa com uma apresentação de dança, que chama de “Libertação”. Com saias de cigana, uma camiseta com a bandeira do Brasil e várias correntes, começa a se desprender das amarras. O ritmo se alterna entre frenético e triunfante. Marlene não se sente ela mesma ao realizar a dança: é uma entidade que incorpora, informa.

Dança e literatura, porém, não são seus únicos talentos. Também pinta e faz esculturas. Praticamente em todos os

cômodos de sua casa, no Cajuru (numa vila popular do grande bairro, distante dos luxos e sonhos do centro) estão expostas suas obras. Marlene as mostra com o maior orgulho. Logo à entrada de sua residência, pede para não reparar na bagunça. “Aqui é casa de gente humilde”. A construção, ela mesma ajudou a erguer. Foi assistente de pedreiro, por falta de recursos para contratar um. Até hoje, a casa tem 20 centímetros de erro no esquadro. O que importa, porém, é que é literalmente fruto do suor e do trabalho de Marlene.

Um de seus maiores triunfos é a sua Via Sacra, coleção de 42 pinturas que ficam expostas na sala. São as mais importantes da vida de artista. Até porque elas são literalmente a sua vida — pintada em telas com tinta a óleo. As obras viajaram o Brasil e até o exterior, encantando pela sutileza dos traços e a crueldade que retratam. A sua autora, porém, nunca viajou com elas.

A primeira obra da coletânea é o rosto de Jesus. A última, Marlene segurando o mundo. São as duas únicas telas felizes, pois o resto mostra um sofrimento sem fim. Ela sendo expulsa de casa, ameaçada com um revólver na cabeça, construindo a casa onde mora no muque com o dinheiro que ganhava como carrinheira. São cenas de horror retratadas com pinceladas simples e ingênuas, naïfs, quase infantis. Transmitem tamanha pureza que parece impossível que a artista que as pintou tenha ela mesma enfrentado as crueldades que aparecem na tela.

Não há espaço para ódio na arte e nem na vida de Marlene. Quem a prejudicou tem o seu perdão. Os primeiros agressor-

res foram a mãe e os irmãos. Destes, recebia tapas na infância. Já com a genitora, não era “só” isso. Não se lembra de um momento positivo com ela. Em todas as oportunidades possíveis, a mãe a humilhava, batia, usava-a para ganhar dinheiro. Quando era pequena, foi mandada para trabalhar para uma família de posses. Depois, continuou como doméstica. A mãe, é claro, ficava com o dinheiro. Marlene não tinha nada que pudesse chamar de seu.

Quando engravidou depois de uma relação à força (cenas dos próximos tristes capítulos), levou uma surra da genitora e dos irmãos. Foi expulsa de casa. Tentou voltar com as filhas, anos depois. Não foi aceita. Foi xingada, humilhada e agredida. Acredita que as desavenças com a mãe se devem a fatos de outras vidas. Quando esta adoeceu, no entanto, Marlene estava ali para ajudar a cuidá-la. Perdoou e pediu perdão à mãe por tudo em seu leito de morte. Na hora, a idosa não expressou reação. Porém, anos mais tarde, apareceu para a filha em sonho, fazendo Marlene acordar bem a tempo de descobrir que uma lâmpada estava estourada. A fumaça começava a subir. A casa poderia ter pegado fogo, mas não pegou. Considera que a mãe lhe salvou a vida. Foi perdoada.

O grande inimigo de vida Marlene conheceu quando era jovem, jogando bolinhas de gude. Não o chama pelo nome, nem menos de homem. É apenas *sujeito*. O gude era uma das únicas (senão a única) diversão à época, pois trabalhava como doméstica e seu dinheiro ainda ia para a mãe. Jogava nos campeonatos por toda Curitiba junto com um grupo de amigos. Mas existia uma regra clara: se alguém comesse a

namorar, mesmo que fosse alguém da equipe de gude, a pessoa teria que sair do grupo.

Um dia, em certa competição, reparou em um tipo estranho que a encarava nas arquibancadas. Marlene nem deu bola. Não queria namorado nem nada sério, muito menos de um sujeito que só estava pelos cantos e chegava aos lugares sem ser convidado. Ele passou a persegui-la nos campeonatos. Pedia-a em namoro. Ia até a casa de sua mãe, onde Marlene ia quando estava de folga, e ficava no sofá, sem falar palavra.

Em certa ocasião, ameaçou contar à patrona da residência que a filha “não era mais moça”. O desespero tomou conta da jovem. Até hoje é possível sentir o desespero que Marlene sentiu, escutando-a contar o caso. Fica nervosa ao relatá-lo, mesmo tantos anos depois. “Isso era inadmissível. Ele iria acabar com a minha reputação, então cedi”.

O grupo de gude foi a primeira das coisas que o sujeito arrancaria dela. A segunda foi a virgindade, retirada à força em uma cena que parece de filme. Tudo premeditado. O tipo sabia que Marlene não tinha nenhuma foto e pediu que o acompanhasse até a Rua Riachuelo, para conseguir uma recordação impressa dela. No fim, a câmera fotográfica era na verdade uma cama. O indivíduo “fez o que tinha que fazer” enquanto desferia golpes em sua barriga e a puxava pelos cabelos. Voltando ao serviço, depois de sair fugida dali, tomou um banho, mas tem coisas que a água não pode curar.

Ao longo de 12 anos de relacionamento, teve quatro relações sexuais forçadas com o sujeito. Em três delas, inclusive

a primeira, engravidou. Não se ressentia disso, porém. É grata pelas suas filhas, apesar de não ter uma relação exatamente maternal com elas. Acredita que não adianta responsabilizá-las, pois não tiveram culpa de nada.

Passou por muitos bocados por causa da arrogância, da violência e da ganância do sujeito. Enfrentou a pobreza e a miséria. Foi ameaçada com revólver grávida, agredida, xingada. Quando o indivíduo se afastava, porém, teve momentos de maior fartura, como por exemplo quando uma das irmãs lhe comprou um salão de beleza. Não sabia nada: nos primeiros dias, cortava mais os próprios dedos que o cabelo dos clientes. Porém, aos poucos, conseguiu se erguer e comprar uma casa. Isso até o sujeito voltar e, um dia, vender a casa (com tudo dentro, detalhe) para um agricultor vindo do Norte do Paraná.

Ali Marlene perdeu tudo mais uma vez. Foi ser carrinheira para pagar as contas — o que causou o desgosto das filhas e também dos irmãos, que ficaram sabendo de sua ocupação. Ela mesma nunca teve vergonha do trabalho. Fez o que tinha que fazer para garantir a sobrevivência dela e das meninas, que pouco a pouco passaram a se ressentir cada vez mais da mãe.

Ganhou da irmã (a mesma que lhe dera o salão) um terreno no Cajuru. Mais parecia um banhado do que terra firme, mas era um lugar para chamar de seu. Com o dinheiro dos recicláveis, comprou materiais e contratou um pedreiro. Foi ela mesma ajudante da obra. Marlene teve que se mudar com as crianças quando a casa não tinha vidros e nem portas. As me-

ninas passaram a odiá-la. O sujeito, enquanto isso, sussurrava nos ouvidos delas que a mãe era isso e aquilo. Revoltaram-se completamente.

Até hoje a relação com as filhas não é das melhores. Nenhuma delas leu os livros da mãe, nem o *Valle dos Sonhos*, nem *O Cavaleiro Negro*, que lançou em 2017. Nunca foram a qualquer apresentação da mãe e não viram sua dança da libertação. Hoje, somente a mais velha das filhas conversa com Marlene, e descobriu recentemente a versão materna da história, uma semana antes de nossa entrevista. A mãe tinha contado à filha as histórias de uma vida por telefone. Marlene não se ressentia das meninas, porém. Mães sempre perdoam.

Para compensar a distância das filhas, é avô extremamente cuidadosa. “Acredito que talvez se sinta culpada porque não teve condições de criar suas filhas dessa forma”, relata Amanda, neta que mora com Marlene. Além dela, outro neto também morou com a avó e se apegou bastante a ela, até se reaproximar da mãe. Nunca mais a relação com Marlene foi a mesma.

Também com as visitas é extremamente gentil. Oferece café, comida, água. Mostra toda a casa. Empolga-se ao contar as próprias histórias. Está um pouco sem ar, tanto que precisa ficar conectada a um respirador durante as tardes. Entretanto, Marlene é mais forte do que demonstra ser. Quase não saiu de casa nos últimos anos, sobretudo por causa da pandemia de Covid-19. Mal esperava, porém, para colocar a saia de cigana e arrancar correntes por aí.

“

Ser Feliz é dividir a tua paz, amor
e compreensão. Salvar quem ainda
está no cativeiro do silêncio

”

Marlene de Oliveira



8. Fraude

Os semeadores de discórdia estão na oitava vala do oitavo círculo, Malebolge. Como provocaram divisão, andam em fila e têm os membros constantemente arrancados do corpo pela espada do diabo-guardião.

*“Levanta! Vence o ofego que te aferra,
co’ o ânimo que vence qualquer pleito
quando o corpo pesado não o aterra.*

*Mais longa escada aguarda o nosso feito;
não basta desse bando ter fugido,
se me entendes, e busca o teu proveito”.*

Inferno, Canto XXIV (52-57). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Beatriz foi caça, agora é caçadora

Aos 59 anos, Beatriz Abagge vive sob os efeitos da acusação feita contra ela e a mãe nos anos 1990, quando passaram a ser chamadas de “As Bruxas de Guaratuba”. Não quer vingança, apenas Justiça

Existem pelo menos três maneiras de se contar uma história. Há um lado, que favorece certa perspectiva dos personagens principais da trama. Um outro, que contraria as visões desses personagens, colocando em xeque as suas crenças. E há, é claro, a verdade.

Imagine que a narrativa gira em torno de Beatriz Abagge, 59 anos, meio curitibana, meio guaratubana (pois viveu parte da vida em Guaratuba, cidade litorânea do Paraná). Pode-se contar a história a partir de certa perspectiva: Beatriz é mãe, filha e tia. É terapeuta ocupacional no Centro de Ação Psicossocial de Guaratuba e deseja abrir um escritório de Direito quando se aposentar. Direito criminal é sua área de interesse. Tem um sorriso branco e acolhedor. Apesar do 1,51 metro de altura, preenche o ambiente.

Existe um outro lado da vida da personagem. Em 1992, Beatriz tinha 28 anos e morava em Guaratuba. Foi acusada junto de sua mãe, Celina Abagge, de ser mandante da morte de

um garoto de 6 anos, Evandro Ramos Caetano. O motivo da morte seria a realização de um ritual de magia negra, supostamente arranjado entre elas e mais cinco pessoas. Por seu suposto crime, foi julgada e condenada à prisão.

A verdade é que a vida de Beatriz não é só o Caso Evandro, nome pelo qual a investigação do crime se popularizou. Mas também não pode ser contada sem ele, pois a repercussão do que passou deixou marcas em si, tanto físicas quanto emocionais. “Antes disso tudo, eu acreditava na justiça pelas próprias mãos. Imagine. Hoje, sou contra prisão, pois vi como é lá dentro.”

Beatriz ou Bea, como é conhecida pelos íntimos, nasceu em Guaratuba, cidade do litoral que fica a 130 quilômetros da capital do Paraná. De carro, são duas horinhas pela BR 376. Filha de Aldo e Celina Abagge, carrega um sobrenome poderoso na região. Quando pequena, era sapeca e arteira. Quebrou os ossos do corpo várias vezes. Dava trabalho para os pais e também para as freiras do colégio católico em que estudava. A instituição ficava em Curitiba, pois Guaratuba não tinha estrutura para a educação que os pais gostariam de lhe dar. Aos 7 anos, Beatriz passou a estudar na capital e voltar para casa somente aos fins de semana.

Desde aquela época, é falante, traço que se destaca em sua personalidade. Não tinha nenhum tipo de timidez. Dizem que terapeutas normalmente são mais quietos. No caso de Beatriz, bobagem. Gosta de conversar e diz o que pensa, na lata. Fala de tudo, desde política (“a maioria das minhas brigas hoje são por causa do PT [Partido dos Trabalhadores]”), sé-

ries e jogos. Uma hora ou outra o assunto acaba esbarrando no Caso Evandro.

Quase nenhum veículo da mídia, ao falar da investigação da morte de Evandro, lembra como era Beatriz na ocasião. Em 1992, tinha 28 anos. Era mãe de gêmeos, que tinha recém-adotado, e cuidava de uma clínica para crianças com deficiência, em Guaratuba. Morava perto dos pais, Celina e Aldo, que era prefeito da cidade. Tinha uma vida sólida e uma família respeitável, aos olhos dos antigos. Até tudo ir abaixo.

No dia 11 de abril daquele ano, Beatriz estava no terreiro de Osvaldo Marcineiro, que posteriormente também seria envolvido no caso. Saiu a notícia de que Evandro, um menino loiro de 6 anos que estava desaparecido há cinco dias, tinha sido encontrado morto em meio a um matagal. O garoto estava sem as mãos, sem os pés, com o couro cabeludo e as vísceras retiradas. Para o reconhecimento do corpo, o pai de Evandro localizou uma mancha que o garoto tinha nas costas. Ao que tudo indicava, era ele mesmo. Naquele momento, nem passava pela cabeça de Beatriz que seria envolvida na morte do garoto. Lembra-se de ter achado o crime um horror e pensou nos pais daquela pobre criança.

O caso chocou Guaratuba, sobretudo por se tratar do segundo desaparecimento de crianças naquele ano. Em fevereiro, Leandro Bossi também havia sumido em condições parecidas, mas o seu corpo não tinha sido encontrado até então. Beatriz era (e ainda é) amiga de Lucas Bossi, o pai de Leandro, e lembra-se de na época só escutar as notícias e lamentar o que aconteceu.

Enquanto o resto da cidade voltava a retomar certo grau de normalidade, embora com receio, Diógenes Caetano dos Santos Filho não conseguia deixar a morte de Evandro de lado. Primo da família do garoto e ex-investigador da Polícia Civil, o homem decidiu se aprofundar no caso. Dois meses depois, em junho, Diógenes enviou um dossiê às autoridades responsáveis pela condução do processo. No documento, acusava formalmente Celina e Beatriz Abagge, esposa e filha do prefeito, de serem mandantes do crime. Cinco homens também foram citados: o pai de santo Osvaldo Marcineiro, o pintor Vicente de Paula Ferreira, o artesão Davi dos Santos Soares, Francisco Sérgio Cristofolini e Airton Bardelli dos Santos (conhecido da família Abagge). O que teria unido as cinco pessoas para sacrificar um garoto? Para Diógenes, a resposta era clara: um ritual de magia negra. O caso, inclusive, ficou conhecido na época como “As Bruxas de Guaratuba”.

Beatriz hoje se revolta ao pensar em como foi fácil convencer os policiais da época. “Minha mãe tem horror à sangue. Não conseguia nem cuidar dos meus filhos quando o nariz deles sangrava, imagina participar de ritual”. A maioria dos envolvidos nem sequer se conhecia. Bea era o elo que os conectava, pois era a única que sabia quem todos eram. Segundo ela, Diógenes se aproveitou disso para construir a acusação.

O fato é que, no início de julho de 92, Beatriz, Celina, Aldo e Bardelli, que frequentava a casa da família, estavam à mesa. O jantar estava posto. Ninguém terminaria de comer. A polícia chegou sem aviso, com desejo de levar Celina à delegacia.

“Cadê o mandado?”, questionava Aldo, advogado. Ninguém apresentou documento nenhum. Foram todos, menos Bardelli, que ficou responsável por levar os gêmeos até um lugar seguro, a pedido de Beatriz. Desde o primeiro minuto pensou nos filhos e nunca quis que passassem pela confusão que se seguiu.

Na delegacia, Celina foi levada pelos policiais, mesmo sem mandado. Como estava agarrada à mãe, Beatriz foi junto. Durante o dia que passaram sob controle das autoridades, foram torturadas e obrigadas a assinar uma confissão. As lembranças da tortura a terapeuta guarda na memória e na pele. “Quando começou a pandemia de Covid-19, para mim foi difícil começar a usar máscara. Não gosto de nada em meu rosto, pois eles colocavam panos com sabão e água para eu respirar”. Na maior parte do tempo, evita mencionar o episódio, de modo a preservar a saúde mental.

Foi presa nos anos seguintes. Sempre estivera acostumada a ter tudo na vida até aquele momento e por isso sofreu como nunca no cárcere. Ao todo, cumpriu cerca de sete anos, o final da pena em prisão domiciliar. Em 2016, a Justiça concedeu perdão de pena e retirou as queixas contra Beatriz e Celina Abagge, que também fora condenada na década de 1990.

Escorpiana com ascendente em Áries, Beatriz tem um gênio forte. Nunca, entretanto, pensou em vingança. Nem quando estava na prisão. É muito ligada à sua religião, o espiritismo: não quer o *carma* vingativo para sua vida.

Já formada em Terapia Ocupacional, Beatriz entrou na faculdade de Direito para compreender os meandros do caso.

Passou na prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), mas a entidade não lhe quis dar o direito de advogar. Quando se aposentar no município de Guaratuba, quer abrir o seu próprio escritório. Atuando, óbvio, na área criminal.

Depois do ocorrido, raramente Beatriz ia à Guaratuba. Mudou-se para Curitiba, casou-se e teve mais uma filha. Há seis anos, no entanto, a terapeuta voltou a morar no litoral. Sozinha, ainda por cima. Os filhos, Maria Eduarda, Lucas e Giovana, não quiseram voltar, e ela entendeu. Atende seus pacientes no CAPs e, nos finais de semana, curte filmes, séries e livros sozinha. Não costuma dormir cedo. Tem um vício: os jogos *online*. Joga tranca no site Jogos do Rei e só. Se for mais do que isso, não consegue se controlar.

Não se sente só morando sozinha. Não tem mais contato com os outros acusados do caso, e são poucos os que a importunam na rua por causa dele. “Tem gente que me pede até autógrafo”. Gosta de ter o seu espaço privado e de se arrumar. Até nos finais de semana, produz-se para ficar em casa sem ver ninguém. De aparência, parece ao menos dez anos mais jovem do que é, graças a uma rígida rotina de cuidados. Nutricionista, clínica de estética e manicure em dias alternados depois do trabalho.

A solidão, porém, não a alcança. Tem os amigos do trabalho, seus pacientes e também conversa sempre com as filhas e com a mãe por meio da Internet. É, ela mesma, uma mãe leoa. Faria de tudo por Maria Eduarda e Giovana, como também fez por Lucas, que faleceu no segundo semestre de 2022. O rapaz se envolveu em um conflito com a polícia e foi assas-

sinado. Beatriz se abalou com a morte do filho (como não se abalaria?), mas, aos poucos, busca retomar a normalidade de sua rotina.

O Caso Evandro ficou famoso nacionalmente por meio da quarta temporada do podcast Projeto Humanos, produzido pelo jornalista Ivan Mizanzuk. Em 2020, saíram os episódios decisivos, que reproduziam as fitas de rádio gravadas pelos policiais durante a tortura dos então “suspeitos”. Não são nada agradáveis de escutar. Há muitos gritos, arfar e desespero. No entanto, foram as gravações que inocentaram Beatriz e os demais envolvidos frente à opinião pública. Em uma delas, a jovem corajosamente diz “eu tô inventando, eu tô inventando tudo isso”, enquanto os policiais a forçavam a confessar.

Hoje, não há quem cale Beatriz. Participa de *lives* na internet nas quais conta o que aconteceu com ela durante a investigação do Caso Evandro. Não gosta muito de jornalistas, porém. Fala com eles somente se o conteúdo não for editado depois, para não suprimir as suas palavras. A terapeuta não se ressentida do que passou: quer ser exemplo para que injustiças não sejam mais cometidas. Enquanto tiver alguém disposto a escutá-la, vai continuar erguendo a sua voz.

“

Antes disso tudo, eu acreditava na
justiça pelas próprias mãos. Hoje,
sou contra prisão, pois vi como é lá
dentro

”

Beatriz Abagge



9. Traição

Na segunda divisão do nono círculo, Antenora, estão os traidores da pátria. Estão eretos, congelados até a altura do peito.

*“Quando acordei antes do dia, meus filhos,
presos comigo, ouvi choramingar
no sono, e pedir pão em seus bisbilhos.*

*És bem cruel se não te dói pensar
no que ao meu coração já se anunciava:
e, se não choras, de que sois chorar?”*

Inferno, Canto XXXIII (37-42). A Divina Comédia, Dante Alighieri.



Ualid une com palavras

Jovem, Ualid Rabah entendeu que não bastava ser árabe - era preciso que lutasse pelo reconhecimento da Palestina, terra de seus pais. Como a causa é ainda maior, tornou-se um líder pacifista e em prol dos refugiados

Por séculos, a humanidade venerou os grandes líderes como Platão, Jesus Cristo, Alexandre - o Grande (e outros não muito éticos, diga-se de passagem). Hoje, o Google traz uma espécie de receita mágica “infalível” para exercer uma boa liderança. É preciso, não necessariamente nesta ordem, “visão de futuro de negócio”, “conhecimento”, “generosidade”, “empatia”, “inteligência”. É tanta característica que é difícil encontrar alguém que preencha todos os requisitos da lista. Difícil, mas não impossível. Ualid Rabah é exemplo disso.

Empresário e atual presidente da Federação Árabe Palestina do Brasil (Fepal), Ualid usa a sua voz em veículos de comunicação ao argumentar a favor do reconhecimento do Estado Palestino. Desde 1947, quando a Organização das Nações Unidas aprovou a instituição de Israel onde era Palestina, o povo árabe da região — sobretudo a parcela muçulmana — luta para o reconhecimento de sua cultura e das fronteiras. A principal reivindicação é a devolução da cidade de Jerusalém, originalmente capital da Palestina.

Tantas décadas depois, não há nada resolvido. É impressionante a quantidade de detalhes que Ualid sabe sobre a história e a geopolítica da disputa Israel-Palestina. Conta todos os detalhes com clareza e calma, apesar de estar pessoalmente envolvido na questão. “A maioria dos países ocidentais apoia Israel e o reconhece como Estado. O Brasil, felizmente, é uma das exceções. No mais, há uma tentativa de apagamento da Palestina”.

A causa palestina vem de família. Ualid se envolveu com o assunto aos 16 anos, por meio da leitura dos noticiários e relatos históricos. No entanto, desde criança escutava os pais conversarem sobre a terra natal. Ambos vieram ao Brasil nos anos 1960 e se estabeleceram em Toledo, no Sudoeste do Paraná. Na região, construíram uma família unida. Ualid é o filho mais velho. Mesmo sendo brasileiro, sempre esteve imerso na cultura árabe ao escutar os pais falarem a língua de nascença dentro de casa, participar das celebrações muçulmanas e conversar com os parentes do outro lado do mundo.

Lembra-se da convivência na comunidade palestina da cidade. “Ocupava mais ou menos dois quarteirões. Éramos bem próximos dessas famílias”. Nos outros espaços, Ualid e seus irmãos não tinham tanta receptividade. Na escola, eram chamados de “turcos” em tom jocoso, até mesmo pelos professores. Isso não o impediu, entretanto, de ter muitos amigos. O preconceito não o reprimiu; pelo contrário, a ira e o desgosto o despertaram para a militância.

Sempre foi muito estudioso. Até hoje tem o costume de ler sobre diversos assuntos, sobretudo a Palestina, para se

manter atualizado. Tem interesses vastos e diversos. No ensino médio, por exemplo, fez curso técnico de piscicultura. Começou a fazer Economia um período, mas largou. Em 1986, ingressou na faculdade de Direito em Maringá, no norte do Paraná. Não que lhe brilhassem os olhos pela advocacia: era o que poderia lhe dar uma chance de estabilidade e crescimento de carreira. Tinha, lá no fundo, o sonho de ingressar na diplomacia. Foi na faculdade que começou a atuar como militante da causa palestina e também do movimento estudantil.

Em Maringá, também começou a trabalhar como jornalista. Ualid atuava como provisionado e se jogou de cabeça. Foi nesse ramo que conheceu Cassiana, jornalista com quem é casado há 21 anos e com quem tem dois filhos. “Lembro que ele era muito inteligente. Propunha pautas muito boas e criativas. Tive a impressão de que era um pouco bravo. Com quem trabalhava com ele, era um doce, mas era incisivo com quem nos dava informações”, recorda a companheira.

Quando Cassiana se mudou para Curitiba, o noivo a seguiu. Casaram já na capital. Com a união, Ualid mudou um pouco seus objetivos de vida. Sua essência se manteve intacta, entretanto os planos para o futuro se tornaram mais concretos. Como não faz nada sem refletir bastante sobre o assunto, passou a intensificar o planejamento de sua futura família. Em 2003 nasceu a primeira filha do casal e, em 2007, o segundo filho.

Em Curitiba, Ualid abriu sua empresa e entrou na Federação Árabe Palestina do Brasil. Não demorou a se destacar e a alcançar o respeito dos colegas. Primeiro foi tesoureiro. De-

pois, foi indicado para presidente, cargo que ocupa hoje. Em função do trabalho como empresário e presidente da Fepal, sua rotina é uma loucura. Desde a hora que acorda até poucos minutos antes de dormir, conversa com pessoas, principalmente com relação à causa palestina. Também viaja para conhecer as comunidades palestinas ao redor do país. Ualid estima que existam ao mínimo 200 comunidades espalhadas pelo território nacional, cerca de 70 delas com relevo considerável. Circula bastante pelo Rio Grande do Sul, polo expressivo da migração palestina, mas também para São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro. Acha o processo de viajar relaxante, mesmo que seja a trabalho.

“Eu sou brasileiro. Tenho raízes palestinas, mas sou brasileiro. Se a comunidade palestina está toda fragmentada, como construir um senso comunitário no Brasil?”. Essa é a grande questão. Para ele, a resposta é manter viva a chama. Valorizar as tradições palestinas. Despertar entre o povo palestino o sentimento de pertencer a uma organização maior. Em sua gestão, busca riscar o fósforo para acender a faísca de descendentes palestinos como ele. Usa como estratégia o que tem de melhor: a argumentação e o bom papo.

A capacidade de conversa lhe rendeu amigos de uma vida. Mantém contato com colegas de infância, amigos da Fepal e da mesquita que frequenta em Curitiba. Conversa com cada um ao menos uma vez a cada 15 dias. Se moram longe, por chamada de vídeo. Se estão em Curitiba, não reluta em chamar os amigos para fazer uma visita. Ao descrevê-lo, os conhecidos usam quase sempre as mesmas palavras: educado,

inteligentíssimo, determinado, confiante. “Ualid é um cavaleiro. É uma figura *sui generis*, única. Tem a responsabilidade de representar um povo que vive sob regime de *apartheid*, mas consegue deixar as coisas muito leves”, completa Bruno Beakling, cientista político e professor de Relações Internacionais. Ele e Ualid se conheceram em uma das viagens ao Rio Grande do Sul. Conversam pelo WhatsApp toda semana.

Quando não está trabalhando, lendo ou viajando, o presidente da Fepal está na cozinha. É uma paixão. Para receber os amigos e a família, vai ao Mercado Municipal de Curitiba. Seleciona e compra os ingredientes. Depois, coloca a mão na massa. Gosta de fazer de tudo. Em especial, é claro, aprecia os pratos da culinária árabe. “Árabe de quibe tem um monte. A comida árabe mesmo é comida pobre, feita com ingredientes simples”. Gosta principalmente de charuto de folha de uva (mesmo que dê bastante trabalho), makluba (arroz com frango e especiarias), carneiro assado e kafta.

Em casa, Ualid monopoliza as panelas. Mesmo que durante a semana não tenha o tempo necessário para cozinhar, é ele quem planeja a alimentação da família. E aceita também desafios, como a vez em que a esposa estava com vontade de comer frango com quiabo. Ualid fez. Cassandra lhe passou o que poderia melhorar. Ele fez de novo. “E estava melhor do que o de Minas”. Inclusive, depois de anos, a mãe de Ualid teve que admitir que a coalhada dele é melhor que a dela. O empresário se exhibe do feito com humor e orgulho.

Assim como Ualid teve contato com a cultura dos pais dentro de casa, deseja passar aos filhos as heranças palesti-

nas. Não somente por meio da culinária. O árabe, fala menos do que falava antes, quando morava com a família em Toledo. Não sabe escrever, pois aprendeu na oralidade. Mas sempre conversa com os filhos sobre as questões palestinas. Seu desejo é que eles também se engajem na causa pela qual luta.

Quando está de férias, gosta de viajar em família. Visitou Portugal, Espanha, Paraguai, Uruguai, Nicarágua e Chile. Não poderia faltar, obviamente, a Jordânia e a Palestina. Foi visitar algumas vezes os muitos primos e tios palestinos, e mantém contato próximo com eles via redes sociais. Um país que não tem interesse em visitar são os Estados Unidos. “Não tem nada que me leve para lá. É um país de muito poder”. Nesse ponto da conversa, Ualid desenrolou uma argumentação geopolítica e econômica com pontos muito convincentes. Até fiquei mal por já ter ido à Disney.

Em alguns momentos, o presidente da Fepal pode parecer até sério demais. Talvez seja herança dos anos de Direito. É que para ele não existe superficialidade. Não gosta de falar sobre o que não sabe. Pesquisa e se aprofunda em todos os assuntos que pode. Tem uma capacidade única de compreender eventos políticos e sociais. Explica seus argumentos com simplicidade, mas sem menosprezar o ouvinte. E, como um grande líder, consegue unir as pessoas em torno de uma causa por meio de sua articulação.

Entretanto, como uma liderança nata, sabe também escutar. Interessa-se pelo que o outro tem a dizer. Volte e meia, até abre um sorriso. Nesses momentos, é fácil imaginar Ualid sentado em um banco no jardim de casa, a conversar

com os vizinhos, enquanto pega sol e faz carinho em Boneco, o gato da família.

Pode ser que os próximos anos tragam novidades para o povo palestino. Mais provável, porém, é que a questão continue estagnada. Muito se fala em guerras e crises no Ocidente, mas, quando é no Oriente Médio, na África ou na Ásia, o “sofrimento mundial” parece ser menor. “Existe na história do Ocidente a imputação do terror ao árabe. Começou no Líbano, em 1982. Quando se diz que alguém é radical, até hoje se escuta o termo ‘xiita’”. Apesar dos pesares, Ualid tem esperança de que as coisas mudem ao menos um pouco. Pode não ser agora, mas ele continua a fortalecer a chama palestina. Jamais vai abandonar suas raízes.

“

Se a comunidade palestina está
toda fragmentada, como construir
um senso comunitário no Brasil?

”

Ualid Rabah



Dante em Florença, e eu em Curitiba

Por Isabela Stanga

Escrever esse livro foi uma das atividades mais desafiadoras. Mas sabe aquele desafio prazeroso, que dá a sensação de dever cumprido no final? É isso que sinto agora vendo o resultado.

Antes de tudo, quero deixar claro que não poderia ter feito nada sem ajuda. Agradeço aos meus pais, à minha irmã, às minhas tias, às minhas amigas e aos meus amigos. Obrigada por escutarem os meus desabafos ao longo do processo de escrita de *Minhas Noites com Dante*. Obrigada também a Leonardo Costa, por ter feito uma arte tão linda para a capa, e a Catherine Grein pela diagramação maravilhosa.

Meu agradecimento especial vai para o meu orientador, José Carlos Fernandes, o Zeca. Muito obrigada por me ajudar a estruturar o livro e a organizar minhas ideias ao longo desses meses. Ter o seu apoio foi o que não me fez desistir.

Para você que está me lendo agora e tem curiosidade de como foi o processo de escrever esse livro, vou começar do começo. Em janeiro de 2022, eu estava caminhando com meu

pai no parque Náutico, no bairro do Boqueirão, em Curitiba, quando tive a ideia. “E se eu fizesse perfis baseados nos círculos do Inferno de Dante?”. Meu pai sempre foi o maior apoiador deste projeto, mas a cara dele quando eu disse isso não foi das melhores. Desculpe, pai, eu percebi. Continuei com a ideia na cabeça. Não conseguia tirar da mente.

Decidi, de verdade, que iria trabalhar esse tema quando comentei a proposta com meu professor de Italiano. *Grazie mille*, prof. Vinícius. Ele se empolgou tanto e achou tão criativo que dei uma chance. Depois dele, mais gente me apoiou. Um obrigada especial também à professora Valquíria John, que desde o início adorou o projeto, quando o apresentei na disciplina pré-TCC.

Confesso que fui ousada ao escolher trabalhar com a *Comédia*. A comparação com Dante seria inevitável: e se eu fizesse um trabalho medíocre que não estivesse à altura da obra? Fiquei instantaneamente insegura. Mesmo com o risco de passar uma grande vergonha, pelo meu amor à cultura italiana, decidi persistir.

Quando comecei a fase de entrevistas, senti na pele o que é ser jornalista de verdade. A primeira das conversas foi com a artista Marlene de Oliveira e durou 2h40. Saí de lá muito impactada e atordoada. Por uma semana falei de Marlene. Pensei em sua história muitas e muitas vezes, até finalmente colocá-la no papel. A vida de Marlene, assim a dos demais perfilados, é “dantesca”. Impressiona como essa mulher chegou perto do Inferno, viu a cara do mau e retornou à superfície, em missão amorosa.

Depois de Marlene, conversei com Teca, Luciana, Dalzira, Paulo, Anete, Ualid, Ney e Beatriz, nessa ordem. Parece brega e clichê de se dizer, mas vou dizer mesmo assim: cada um me trouxe um aprendizado. Cada conversa me trouxe alguma descoberta, não só para a minha carreira. Para a minha vida também. Tive muitas epifanias no ônibus voltando para casa depois das entrevistas, com os dedos coçando de animação para escrever. A todos que aceitaram me contar suas histórias, obrigada por terem me recebido tão bem em suas casas e locais de trabalho. Recebi muitos convites de cafezinho, todos recusados por essa não-bebedora que aqui escreve.

Ao falar em ônibus, acho que nem o caminho para o Inferno é tão comprido quanto o trajeto visitado para esse livro. Visitei pontos de Curitiba que conhecia só de passagem, como a Vila Sabará, o Tarumã, o Bacacheri. Caminhei pelas ruas, peguei linhas alimentadoras, conheci terminais, visitei os comércios. Até fiz amizade com uma dona de brechó no Bairro Alto (e cheguei à entrevista com Dalzira sem espaço na mochila, tantas roupas comprei). Passei também por caminhos conhecidos pelo Centro de Curitiba. Foi tão gostoso quanto.

Minha intenção, com esse trabalho, era conhecer melhor a capital paranaense. Nasci em Curitiba, mas moro em São José dos Pinhais, na região metropolitana, desde que saí da maternidade. Sempre me senti meio afastada de Curitiba. Não só fisicamente. Não conseguia me identificar totalmente com a capital. Me parecia uma cidade inalcançável. Como estar tão perto, mas tão longe ao mesmo tempo? Essa reflexão

pode não fazer o mínimo sentido para você, leitor ou leitora. Eu entendo. Vou tentar uma analogia. Curitiba, para mim, era o Sol. Eu era a Terra. Eu só gravitava em torno dela, sem jamais encontrá-la de verdade.

Agora, eu me sinto mais conectada. Não que eu me sinta de repente uma cidadã curitibana. Adoro demais São José e suas são-josé-ices. Mas Curitiba deixou de ser uma cidade impossível para ser real. Uma cidade com desigualdades, defeitos e problemas. Mas também repleta de pessoas extraordinárias, como as que estão nesse livro, e muitas outras que não estão.

Galeria de arte

1. Limbo

Alegoria de Virgílio (1340), de Simone Martini. Realizada em miniatura em pergaminho, a obra pertence à Biblioteca Ambrosiana de Milão. Virgílio, o poeta latino que guia Dante em sua Comédia, é o centro da tela de Martini. No *Inferno*, Virgílio pertence ao Limbo, uma vez que não foi batizado.

2. Luxúria

A *Primavera* ou *A alegoria da primavera* (1482), de Sandro Botticelli. Pintada na técnica *têmpera* sobre madeira, a obra está exposta na Galeria Uffizi, em Florença. Botticelli retrata a mudança de estação, focada na figura de Vênus, a deusa romana do amor. Acima da figura soberana está Cupido vendado, que demonstra quão indeterminados são os caminhos do amor e da luxúria.

3. Gula

I mangiatori di ricotta (1580), de Vincenzo Campi. Óleo sobre tela, atualmente no acervo do Musée des Beaux-Arts em Lyon, na França. Campi utilizava da comida como forma de representação e de crítica da sociedade no período em que vivia.

4. Avareza

Judas recebe as trinta peças de prata (1348), de Lippo Memmi. O afresco faz parte da coleção da Catedral de San Gimignano, na cidade homônima. No cenário, a avareza é tida como a motivação da traição de Judas Iscariotes no Novo Testamento.

5. Preguiça

Inconstância (1305), de Giotto di Bondone. O afresco pertence a um conjunto de obras pintadas na Cappella degli Scrovegni, em Pádua. Para Dante, a preguiça seria uma espécie de predisposição à instabilidade, em que o indivíduo não toma nenhuma atitude, nem para o bem, nem para o mal.

6. Heresia

Gregório IX, de Rafael Sanzio (1511). A obra faz parte do afresco “Virtude e Lei” e retrata o Papa Gregório IX no momento de publicação da bula “Licet ad capiendos”, em 1233. O documento tinha como finalidade reprimir a heresia e instituiu a Inquisição na Europa. A pintura atualmente está no Museu do Vaticano, em Roma.

7. Violência

O *Massacre dos Inocentes* (1298 - 1301), de Giovanni Pisano. Esculpida em mármore no púlpito da Igreja Sant’Andrea, em Pistoia, a obra retrata o infanticídio cometido por Herodes, o Rei da Judeia. O acontecimento aparece no Evangelho de Mateus.

8. Fraude

Alegoria de Mau governo (1338- 1339), de Ambrogio Lorenzetti. A obra faz parte de uma coleção de três afrescos chamada *Alegoria do Bom e do Mau Governo*, exposta no Palazzo Pubblico de Siena. Lorenzetti retrata a Tirania como administradora da cidade, uma figura animalesca com chifres e presas. Ao seu redor estão simbolizadas a Crueldade, o Engano, a Fraude, a Fúria e a Guerra.

9. Traição

O *Beijo de Judas* (1304-1306), de Giotto di Bondone. A obra faz parte dos afrescos da Cappella degli Scrovegni, em Pádua. A cena retrata a traição de Judas Iscariotes, que está presente no último círculo do Inferno de Dante.

